AUTOR *BEST-SELLER* DO *NEW YORK TIMES*

CHRIS COLFER

O DIÁRIO DE CARSON PHILLIPS

[STRUCK BY LIGHTNING]



DO MESMO AUTOR DE

TERRA DE HISTÓRIAS

Benvirá

CHRIS COLFER

O DIÁRIO DE CARSON PHILLIPS

Tradução
Cleci Leão

Benvirá

Para Melissa Schwolow, Mikendra McCoy,
Jenny Herrick e Maureen Bagdasarian, sem as quais
eu jamais teria sobrevivido ao ensino médio.
E para todos os presidentes ou líderes de clubes de redação, de teatro, de oratória e de debate, para a equipe da Destination ImagiNation, para cada editor de jornal ou revista literária escolar e para qualquer um que tenha superado os próprios limites sem receber o devido reconhecimento... Este livro é para vocês!

30/09

Querido diário,

Mais um ano letivo com esses idiotas, e eu estarei livre. Foram quase duas décadas de planejamento cuidadoso, mas tenho orgulho em dizer que a minha já tardia saída da cidade de Clover se dará dentro de alguns *dias*. Trezentos e quarenta e cinco, para ser exato, mas quem está contando?

Daqui a um ano, estarei tranquilo no meu quarto, no dormitório da Northwestern University, fazendo anotações de algum livro superfaturado sobre "a história de...", enfim, sobre algo histórico. Vou viver de macarrão instantâneo e de litros de Red Bull. Mal conseguirei dormir cinco horas por noite — isso quando não tiver que esgoelar para o meu colega de quarto abaixar o volume do pornô.

Eu sei que isso não parece uma grande aspiração, mas, para um garoto que nasceu para a faculdade, é o *paraíso*! Todo o sofrimento, atual e futuro, tem um objetivo muito maior.

Isto não é nenhum segredo, uma vez que digo para quem quiser ouvir (na maioria das vezes, para ver se param de falar comigo), mas um dia eu espero me tornar o mais jovem jornalista *freelancer* a colaborar no *New York Times*, no *Los Angeles Times*, no *Chicago Tribune* e no *Boston Globe* e então traçar o meu caminho até a posição de editor da *New Yorker*.

Sim, eu sei que é muita informação; talvez você precise de um minuto para digeri-la. Se isso já é algo megalomaníaco só de ouvir, imagine como eu me sinto, vivendo diariamente na expectativa do meu futuro eu. É exaustivo!

Em uma década, se tudo ocorrer como planejado, as coisas serão bem melhores para mim. Já posso até ver: estarei no meu apartamento em Nova

York, trabalhando nos toques finais da minha coluna semanal no *New York Times*, vivendo de comida tailandesa e dos melhores vinhos tintos. E dormirei dez horas por noite, mesmo que precise gritar ao vizinho que abaixe o volume do pornô.

Verdade, eu ainda tenho um ano de ensino médio, e não é qualquer ano: é o último. Sei que ainda não fui "aceito" de fato na Northwestern, mas isso é um mero detalhe. Aliás, já que tocamos no assunto, devo mencionar que tenho plena consciência de que a Northwestern não envia suas cartas de admissão antes do dia quinze de dezembro. No entanto, tenho certeza de que eles abriram uma exceção para mim com medo de que eu me inscrevesse em outra faculdade. A essa altura, a minha carta já saiu da secretaria e chegará às minhas ansiosas mãos enquanto escrevo isto aqui... certo?

Eu não me surpreenderia se descobrisse que fui a primeira pessoa a se inscrever. Fiquei acordado em frente ao computador durante metade da noite para enviar o formulário assim que as matrículas fossem abertas, às seis da manhã no horário de Chicago. Agora, é só um jogo de paciência... E esperar nunca foi o meu forte.

Não vejo motivos para eles não me admitirem. Quando lerem os meus textos, verão que sou um jovem de mente liberal em um mundo bastante escrupuloso, implorando para ser resgatado pelos braços da educação: um diamante numa pilha de estrume, se me permitem.

Isso e o fato de eu ser um dezesseis avos norte-americano nativo e um trinta e dois avos afro-americano (ok, essa parte eu não posso provar) deveriam fazer de mim uma joia rara para o pessoal das admissões.

E, se não for o suficiente, a minha carreira no ensino médio já fala por si. Mantive uma impressionante média de 4,2 em 5 desde o primeiro ano. Editei sozinho o *Clover High Chronicle* desde o segundo e ainda consegui manter vivo o Clube de Redação, apesar da sua aparente tendência à morte.

Nada mau para um garoto que vive em uma cidade onde a pergunta intelectual mais comum é: "Será que o Pequeno Príncipe morava mesmo

naquele planetinha?”.

Estou brincando (mais ou menos). Veja bem, não quero ficar falando mal da minha cidade natal. Suponho que Clover tenha algumas qualidades... É que eu não consigo me lembrar de nenhuma delas, assim, de cabeça.

Clover é uma cidade onde os bolsos são pequenos e a mentalidade, menor ainda. É minúscula e conservadora, e a maioria das pessoas está fadada a viver *e* morrer por aqui mesmo. Só que eu nunca quis isso para mim — e já fui publicamente punido por pensar assim. O fato de querer sair daqui me torna a ovelha negra da comunidade.

Desculpe, mas eu não consigo nutrir orgulho por uma cidade cuja área cosmopolita se limita basicamente ao estacionamento do Taco Bell no sábado à noite. E, embora nunca tenha morado em outro lugar, tenho certeza de que cutucar o gado com os amigos não faz parte das delícias da adolescência.

Quando construíram o primeiro cinema aqui, as pessoas simplesmente surtaram. Eu tinha só três anos de idade, mas me lembro de vê-las gritando e fazendo acrobacias nas ruas. A fila para assistir a *Mensagem para você* contornava a cidade inteira.

Rezo para que nunca tenhamos um aeroporto — quem sabe que tipo de sacrifício suicida ocorreria se inaugurassem um?

É, eu sou meio amargurado por ser um *daqueles* garotos: base da cadeia alimentar, constantemente provocados e menosprezados, um incômodo para todos à volta, propensos a encontrar um monte de esterco em chamas no capô do carro (ah, sim, isso aconteceu). Mas o que impede que a minha vida seja triste é que não estou nem aí para isso!!!! Não me canso de dizer: esta cidade é cheia de imbecis!

Sempre que os meus amigos do bate-papo *on-line* da Northwestern me perguntam: “Onde fica Clover?”, eu geralmente sou obrigado a responder: “Ali onde terminam *As vinhas da ira*”. Isso porque sou gentil.

Sejamos honestos: dirija-se à esquina entre Nada e Lugar Nenhum, vire à esquerda e você encontrará Clover. É uma daquelas cidades com dez mil

habitantes pelas quais você passa na rodovia e que te fazem se perguntar: “Quem mora nessa merda?”. Bom, se você já se perguntou isso dentro de um carro, a resposta é “*Este merda aqui*”. Oi, meu nome é Carson Phillips, caso ainda não tenha me apresentado formalmente.

Uma vez, li que todo grande escritor tem problemas com a sua cidade natal; acho que eu não fujo à regra. No entanto, não se pode deixar que a sua origem seja motivo de depressão. A gente não escolhe de onde vem, mas sempre pode escolher para onde vai. (Essa frase é boa, tenho que me lembrar de dizê-la quando estiver recebendo um título de doutor *honoris causa*.)

Isso tudo, porém, só alimenta a minha chama. Quando eu tinha oito anos e me perguntavam: “O que você quer ser quando crescer?”, ao que eu respondia: “Editor da *New Yorker*”, os olhares que eu recebia — como se tivesse dito “caçador de dragões” ou “golfista travesti” — já me levavam cada vez mais para perto da placa de saída da cidade.

Talvez seja por isso que os meus problemas com Clover tenham começado tão cedo. Eu era sempre atacado por indivíduos boçais — principalmente no ensino fundamental, também conhecido nas cidades pequenas como o primeiro lugar em que tentam lhe fazer lavagem cerebral.

Eu me recordo de quando a professora do primeiro ano estava ensinando subtração:

— Quando se tira uma coisa da outra, como se chama? — ela perguntou à classe.

— Homicídio — gritei, muito orgulhoso de mim mesmo.

Eu não estava tecnicamente *errado*, mas o olhar que ela me dirigiu pelos três minutos seguintes fez parecer que sim.

No mesmo ano, tivemos o dia dos Pais Fundadores dos Estados Unidos. Lembro-me como se fosse ontem. Agarrando o trabalho ao qual havia me dedicado por horas, parei diante da classe e falei tudo o que aprendera:

— A maioria dos pais fundadores era formada por homossexuais enrustidos e mercadores de escravos.

Nem preciso dizer que não me deixaram terminar a apresentação.

Naquele dia, depois da aula, os meus pais foram chamados pela primeira vez para uma “reunião”. Era o início de um complexo relacionamento entre mim e o ensino público.

— Ele é excêntrico, qual é o problema disso? — a minha mãe disse à professora.

— Senhora Phillips, o seu filho de seis anos disse à classe que os líderes que fundaram esta nação eram homossexuais enrustidos ou mercadores de escravos. Eu diria que isso vai além de um comportamento excêntrico.

— Talvez tenha sido culpa minha — o meu pai interferiu. — Ele me perguntou sobre algum fato curioso a respeito dos pais fundadores, então eu disse um.

— E você escolheu justo esse, seu idiota? — a minha mãe ralhou com ele. — E eu que falei para ele perguntar a você! Não é de se estranhar que o garoto esteja com problemas na escola: o pai é um imbecil!

— Na verdade, senhora Phillips — disse a professora —, no primeiro dia de aula, ele se apresentou à classe e falou que a *senhora* havia lhe contado que o nome dele era uma homenagem a Johnny Carson, que estava na televisão quando ele foi... *concebido*.

Até aquele dia, eu nunca tinha visto a minha mãe engolir tão seco.

— Ah... — disse ela. — Bom, eu assumo a responsabilidade por essa.

Foi a última vez que os meus pais foram vistos juntos em público. Como você já deve ter percebido, eu também sou uma daquelas crianças cínicas que vêm de um lar despedaçado.

Antes dos dez anos, quando vi os pais de um amigo interagindo, eu nunca havia me dado conta de que as pessoas se casavam porque queriam, porque *se amavam*. Sempre pensei que fosse um dever judicial: você recebia um envelope pelo correio em que estava escrito quando, onde e com quem deveria se reproduzir.

Havia tanto amor entre Neal e Sheryl Phillips quanto entre a lula e a baleia.

Mas estas, pelo menos, dividiam um oceano inteiro, e não uma casa suburbana com três quartos e dois banheiros.

Tenho certeza de que os votos de casamento deles foram mais ou menos assim: “Neal e Sheryl, vocês recebem um ao outro como o seu cônjuge legitimamente mal escolhido, para se reprimirem e censurarem na alegria, mas preferencialmente na tristeza, na terapia e na psicanálise, na raiva e na frustração, para se odiarem e ofenderem, a partir deste dia, até que um mate o outro?”.

Talvez eles tenham se amado em algum momento, ou tenham achado que se amavam. Depois de certa idade, tudo o que lhe resta em Clover é se casar e ter filhos. Pode não ter sido a melhor ideia, mas era o que se esperava deles, e eles foram vítimas da pressão.

Minha mãe se comprometeu a tentar fazer as coisas darem certo entre eles. O casamento tinha um padrão: o meu pai estava infeliz, a minha mãe tentava arrumar o que estava errado; o meu pai continuava infeliz, a minha mãe se ressentia por tentar arrumar o que estava errado, havia uma discussão homérica, e então o ciclo se repetia.

Infelizmente, o meu pai não fazia questão de que as coisas dessem certo; por ele, teria ido embora assim que os problemas começaram.

Em dado momento, a minha mãe largou o emprego de recepcionista num consultório médico porque o meu pai estava, segundo ele próprio, “cansado de pegar o Carson naquela maldita escola”. Não que o seu emprego como corretor de imóveis o obrigasse a trabalhar até tarde; ele apenas tentava ao máximo evitar as responsabilidades paternas, como um padre num prostíbulo. (Desculpe-me, mas me orgulho dessa alusão.)

Eu juro que às vezes ainda consigo escutar os dois gritando na cozinha. Fosse porque faltavam cinquenta mangos na conta do banco ou porque havia um resto de louça suja na pia, a verdade é que as brigas eram garantidas todo santo dia, das nove às dez da noite. Pelo menos alguma coisa foi consistente na minha infância.

Os vizinhos da casa ao lado costumavam espiar pela cerca. Uma vez, eu tentei lhes vender pipoca, mas eles não quiseram.

A nossa família *Titanic* afundava cada vez mais conforme passava o tempo. Mas, de uma forma deturpada, eu sou quase feliz por isso. Na minha tentativa desesperada de escapar dali, fui levado à mais espetacular descoberta: *as palavras*. Eu era fascinado por elas. Havia tantas! Eu podia contar uma história, escrever sobre o meu dia, escrever sobre o dia que gostaria de ter tido em vez do meu próprio... Era um poder infindável!

Toda vez que eu começava a escutar os meus pais, abria a caixa de giz de cera e o caderno e metia a mão na massa. De repente, a situação se transformava apenas num som de fundo, e nada mais me incomodava. Foi assim que eu me mantive são numa casa de loucos.

As coisas chegaram ao limite entre os meus pais após o falecimento do vovô, pai da minha mãe. A vovó veio morar conosco um ano depois, quando foi diagnosticada com Alzheimer.

Ela sempre foi a minha heroína e salvadora. Quando eu tinha problemas na escola, ela me colocava no colo e dizia: “Não deixe aquela professora fazê-lo se sentir nada menos do que brilhante, Carson. Ela só está irritada porque o governador mudou a lei dos fundos de previdência”.

Era difícil assistir à minha avó se esvaindo lentamente. Mesmo criança, eu sabia que algo estava errado.

Quando ela estava em casa, geralmente ficava dentro do armário de lençóis, tentando entender como o seu quarto havia ficado tão pequeno. Nossos vizinhos a encontravam vagando pelas ruas, sozinha, como se procurasse o local onde estacionara um carro que já não tinha mais.

— Esta é a terceira vez que a encontram perambulando pela cidade — disse o meu pai à minha mãe às nove horas de certa noite.

— Ela só fica um pouco confusa e esquece como é a nossa casa — respondeu mamãe. — E a sua desculpa, qual é?

— Estou falando sério, Sheryl — insistiu o meu pai. — Ou ela vai embora,

ou vou eu.

Foi a primeira vez que vi a minha mãe ficar sem palavras. Eu a ajudei a fazer as malas da vovó no dia seguinte.

Embora estivesse ficando mais senil a cada segundo, vovó soube o que estava acontecendo no dia em que a internamos na Casa de Repouso Clover, mas ficou quieta e não falou nada. Mamãe também ficou quieta — a culpa lhe devia estar pesando nos ombros.

— Por que você está se mudando? — perguntei à vovó.

— Porque as pessoas daqui vão tomar conta de mim direitinho — disse ela.

— E eu não posso tomar conta direitinho de você?

— Eu gostaria que pudesse, querido — ela me respondeu, fazendo carinho nos meus cabelos.

Eu me senti completamente desamparado, mas tentei animá-la como pude.

— Escrevi um conto para você, vovó — disse a ela, entregando-lhe o papel.

— Ah é? Deixe-me ver — ela falou, pegando o papel nas mãos. — "Era uma vez um garoto". — E parou a leitura. Não porque quis, mas porque era tudo o que eu havia escrito. — Estou vendo que é uma linda história, mas acho que você poderia desenvolvê-la um pouco mais.

Sorriu para mim.

— Mamãe me disse que posso visitá-la todos os dias depois da escola. Disse que posso vir de bicicleta e que posso trazer uma história nova todos os dias!

— Eu adoraria isso — disse ela com os olhos marejados e me abraçou.

Vovó estava triste, mas eu fiquei muito feliz por dar a ela *alguma* expectativa, por menor que fosse. Até hoje, não faltei um único dia.

Apesar das tentativas derradeiras da minha mãe de fazer o casamento dar certo, papai finalmente foi embora quando eu tinha dez anos.

A vizinhança inteira se lembra daquela noite. Era o final da série *O Show de Neal e Sheryl*, que começava às nove em ponto e se estendia até as primeiras horas da manhã.

— Você não pode ir embora agora! Acabamos de voltar a fazer análise! — a minha mãe gritou enquanto ele caminhava em direção ao carro.

Ele nem sequer fez as malas. Sério. Simplesmente agarrou tudo o que conseguiu, incluindo alguns ornamentos astecas que ficavam na parede. Não sei o que pretendia fazer com aquilo.

— Não vou passar nem mais um segundo nesta casa! — papai rebateu.

Ele disparou com o carro, cantando pneus noite adentro. Mamãe ainda correu atrás dele aos berros:

— Vai! E não ouse voltar! Eu odeio você! Odeio!

Então, despencou no chão do jardim e chorou histericamente por uma hora. Foi a primeira vez que percebi que ela gostava de verdade dele. Ainda bem que os irrigadores ligaram; não fosse isso, mamãe teria passado a noite toda lá fora.

Desde então, somos só ela e eu. Bom, teve uma vez que a vovó escapou do asilo e acabou ficando conosco por um ou dois dias, mas, na maior parte do tempo, somos só nós dois mesmo.

A vida sem papai era bastante diferente, em geral mais silenciosa. Embora mamãe tenha tentado manter comigo a briga das nove durante os primeiros anos, a casa acabou se tornando agradavelmente pacífica.

Encontramos maneiras de contornar a falta de um homem adulto. Mamãe nunca conseguiu montar a árvore ou as luzinhas de Natal, então simplesmente disse às pessoas que tínhamos nos convertido ao judaísmo. Como já não havia ninguém para consertar as coisas, pequenos objetos quebrados se acumulavam durante anos por todo canto (eu é que não empunharia uma chave de fenda por nada).

Mamãe nunca se recuperou totalmente. Nunca mais voltou a trabalhar: decidiu viver exclusivamente do dinheiro que o vovô nos deixou. Nunca namorou ou se casou de novo — e acabou substituindo o meu pai pelo vinho. (E que caso de amor tem sido este!)

Hoje em dia, ela passa a maior parte do tempo jogada no sofá, assistindo a

Judge Judy e *Ellen*. Toma um banho por semana (quando eu tenho sorte) e já ficou famosa na cidade como “aquela mulher que faz supermercado de roupão e óculos escuros”. Deu para ter uma ideia?

Eu só vi o meu pai duas vezes depois que ele foi embora; uma no meu aniversário de doze anos e, mais recentemente, no Natal de dois anos atrás. É, ele realmente é bom de lábia. Perto dele, a Carmen Sandiego é superconfiável.

— Onde você se meteu durante todo esse tempo? — perguntei a ele na última vez que o vi, incapaz de me conter.

— Eu me mudei para o norte, para Bay Area — disse ele tranquilamente, como se estivesse contando o que comeu no almoço.

— Por quê? — perguntei.

— Para encontrar a mim mesmo.

Fiz o maior esforço para não rir dele, mas deixei escapar um sorriso.

— E ainda está procurando?

Ele nunca respondeu.

Ao longo desses anos, passei muito tempo indignado com os meus pais. Nunca entendi como alguém como eu pode ter vindo de pessoas como eles. Acho que a ambição é um gene recessivo.

Bem, acho que eu sempre devo ter em mente que, apesar de tudo, existem pessoas em situação muito pior... Até a autobiografia delas começar a vender horrores. Aí eu volto a sentir pena de mim mesmo. (Opinião não muito popular: sua história só é triste até você começar a lucrar com ela. Daí eu paro de ter pena de você.)

É melhor parar com a trilha sonora de violino e reiterar a minha posição inicial: a vida tem sido uma droga, mas *eu vou cair fora daqui*. Vou seguir para o alto e avante — e nunca estive tão empolgado.

Bom, acho que a história da minha vida é o bastante para uma única noite. No começo, eu estava um tanto cético com essa coisa de diário, mas agora vejo o quanto isso pode ser terapêutico. Estou mesmo me sentindo menos

estressado do que quando comecei. Sinto-me bem mais calmo, centrado e... *Caramba! Já é meia-noite, e eu ainda tenho que fazer a tarefa de Álgebra 2! Fui!*

03/10

Que dia! E ele ainda não acabou. Começou esta manhã, quando acordei com as malditas galinhas, como todo dia.

Oras, já está cientificamente comprovado que os adolescentes aprendem e rendem mais quando vão para a escola mais tarde! Suponho que isso seria levado em consideração se a escola não fosse uma simples creche financiada pelo governo com a função de manter as crianças ocupadas. (Não sei você, mas eu sou muito mais propenso a cometer crimes entre as seis da manhã e as três da tarde! Ã-hã!)

Eu finalmente voltei à vida depois da quarta ou quinta vez que a função soneca tocou. Cambaleei até o banheiro e descobri que não iria sozinho para a escola: havia uma espinha enorme na minha bochecha. Acne: o jeito que Deus inventou para lembrá-lo de que, além de todos os seus outros defeitos, você não é mesmo perfeito. Valeu pela lembrança, Deus, quase tinha me esquecido.

Me vesti e fui até a sala, onde, sem surpresa, encontrei a minha mãe apagada no sofá. Só ela é capaz de fazer toda manhã parecer o dia seguinte a uma festa do Guns N' Roses, quando eu bem sei que na verdade a mulher estava apenas assistindo à reprise de *Amigas para sempre*.

Escancarei as cortinas para deixar a luz entrar. Todos os dias eu espero que isso a inspire a sair do sofá. E todos os dias temo que o sol a faça arder em chamas.

— Mãe, acorda! — eu falei, batendo nela com o travesseiro. — Você apagou de novo.

Ela se mexeu debaixo do cobertor como uma foca apanhada na rede de pesca.

— O... o qu-qu-quê? — disse ela, finalmente recobrando a consciência.

— Parabéns, você sobreviveu à noite passada.

Gosto de cumprimentá-la de manhã com comentários solidários, para que saiba que eu me importo.

— Se você fosse uma pessoa decente, me deixaria dormir! — ela resmungou.

— Se eu fosse uma pessoa decente, eu *faria* você dormir para sempre — respondi.

— Ah, meu Deus, minha cabeça...

— A manhã não precisa ser tão dolorida, sabia?

Peguei um copo de água e um Advil. Ela precisava.

Olhei para a mesa de centro — ou o túmulo de garrafas de vinho e de vidros de remédios vazios em que aquilo havia se transformado.

— Tem certeza de que você podia beber com todos esses remédios que o doutor Trafique receitou? — perguntei.

— É doutor *Patrick*! Deixa com a profissional aqui, eu sei o que estou fazendo — ela disse antes de tomar o Advil. — Aquelas tarjas são para amadores.

Nos últimos anos, mamãe desenvolveu esse relacionamento doentio com o médico. Doentio porque, tenho certeza, ela pensa mesmo que eles têm um relacionamento. Ela literalmente inventa doenças para poder visitá-lo e acha que, se não ligar para ele uma vez por semana, o médico poderá *ficar preocupado*.

Se tivesse um paciente que toma mais remédio do que a Judy Garland e a Marilyn Monroe juntas, eu também ficaria preocupado. Mas não sei se ela acha que ele fica *preocupado* nesse sentido.

— Vá para escola, some daqui — disse ela, afundando o rosto no travesseiro. — Se eu estiver dormindo quando você chegar, não ouse colocar a minha mão numa tigela com água outra vez!

Juntei todas as minhas coisas e disparei em direção à porta.

— Tchau! — gritei. — Também te amo!

Quando o meu avô morreu, me deixou o seu Corvair 1973 conversível, que, assim descrito, parece bem bacana. Na realidade, ele me deixou um pepino. De fato, como o carro é a maior máquina geradora de estresse de todos os tempos, e como ele morreu de ataque cardíaco, acho que ele me deixou de herança a causa da sua morte.

Para o carro ligar, a chave tem de estar na ignição, a janela do passageiro tem de estar aberta e o rádio, sintonizado na estação de clássicos espanhóis. Nem me pergunte quanto tempo levei para descobrir essa combinação. Se a geringonça não ligar com as três coisas alinhadas, uma batida no porta-luvas e um bom chute na placa traseira normalmente costumam completar a mágica.

Estou convencido de que um vizinho do outro lado da rua aguarda esse momento da manhã para buscar o seu jornal e, assim, assistir à minha batalha. O babaca tem uma Mercedes.

Uma coisa boa de Clover é que as pessoas raramente se atrasam. Os lugares ficam a cerca de cinco minutos de carro uns dos outros, e não se leva mais do que uma hora de uma ponta a outra da cidade. Infelizmente, isso também significa que todos chegam ao estacionamento dos alunos ao mesmo tempo.

Pfff... *O estacionamento dos alunos*. Com todo o respeito pelos nossos soldados veteranos, eu ainda não escutei histórias de guerra que me causassem tanto frio na espinha quanto as lembranças do estacionamento dos alunos. É um lugar onde adolescentes, a maioria dos quais não se limpa sozinha nem há dez anos, detêm chaves de máquinas enormes e potencialmente capazes de matar várias pessoas em questão de segundos.

Absolutamente nenhuma lei de trânsito se aplica ao estacionamento dos alunos. É cada um por si.

Dar seta? Não se preocupe, eu sou vidente e sei para onde você está indo. Limite de velocidade? Para quê? O pedestre deve ter escutado você se aproximar. Vaga preferencial? Imagine! Garota do time de vôlei, esta vaga

foi feita para você! Por falar em vagas, pegue a sua e a minha. Quer mais algumas? Pegue tantas quantas o seu Toyota Corolla necessitar!

E, como se não bastasse essa zona de guerra diária, os sobreviventes chegam a um ambiente ainda mais perigoso: o ensino médio, a brilhante ideia da sociedade de colocar todos os jovens ingênuos, púberes e agressivos em um só recinto para atormentarem e cavarem cicatrizes emocionais uns nos outros. Bravo, sociedade! Não podia ter tido ideia melhor.

Quando paro para pensar no assunto, vejo que não há muitas diferenças entre uma escola pública e a penitenciária estadual. Ambas são pagas por contribuintes. Ninguém quer estar ali dentro. São superlotadas. Você cria vínculos no pátio, durante o intervalo. E não é permitido fazer armas caseiras.

Pelo menos da prisão você consegue sair antes do tempo se tiver bom comportamento. Se eu pudesse me formar mais cedo, talvez filtrasse mais as minhas palavras; tenho certeza de que os meus colegas não gostam de ser chamados de “gado” nos corredores. Mas, se a carapuça serve, *então sai da minha frente: você anda mais devagar do que uma tartaruga de muleta!*

Por sorte, consegui passar vivo pelas trincheiras (digo “trincheiras” por causa do cheiro que fica nos corredores depois do almoço no dia do burrito: se aquilo não for uma guerra de gás, não sei dizer o que é) e chegar a salvo à minha sala. Tragicamente, é a sala de Álgebra 2.

Meu professor, que tosse a cada vinte segundos sem razão aparente e, desconfio, brinca de Barbie nos finais de semana, escreveu uma equação no quadro:

$$x^2 = -19$$

$$x = \sqrt{-19}$$

$$\sqrt{19}x\sqrt{-1} = \sqrt{19} \times i = i\sqrt{19}$$

— Opa, opa, opa! — eu disse, sem conseguir me controlar. — O que é o *i*?

— O *i* é um número imaginário — ele disse e tossiu.

— Agora também existem *números imaginários*? E a próxima tarefa vai ter o quê, *unicórnios*?

Não me entenda mal, eu sou um ótimo aluno. Quando tenho algum problema com a matéria, fico até mais tarde na escola para tirar dúvidas. Isso posto, acho que tenho o direito de perguntar: *mas que porcaria é Álgebra 2?*

Compreendo que temos que competir com a China e com o Japão, mas também temos que competir com o Irã, e não se veem por aí alunos aprendendo a perfurar o solo em busca de petróleo ou a construir armas nucleares. (Apesar de que eu me inscreveria nessas matérias sem pensar duas vezes.)

O que mais me irrita é que estamos mandando para o mundo crianças que não sabem assinar um cheque, pedir um empréstimo ou mesmo preencher um formulário de emprego, mas, porque conhecem a fórmula da raiz quadrada, as consideramos preparadas.

Diante disso, admito que até mesmo eu consigo entender por que pode ser útil olhar para a equação $x - 3 = 19$ e saber que $x = 22$. Diria até que saber que $x = 7$ e $y = 8$ num problema como $9x - 6y = 15$ pode ter o seu valor. Agora, sério, realmente precisamos saber como simplificar $(x - 3)(x - 3i)$?

E o engraçado é que ninguém pode continuar os estudos sem saber essas coisas. Um aluno que mora na Califórnia não pode entrar na faculdade se não passar em Álgebra 2 no ensino médio. Um futuro psicólogo não pode se tornar psicólogo, um futuro advogado não pode se tornar advogado, e eu não posso me tornar jornalista a menos que cada um de nós tenha uma compreensão básica da engenharia.

Claro, engenheiros e cientistas usam essa porcaria o tempo todo — e eu os saúdo! Mas eles não fazem anos de artes dramáticas, porque cientistas e engenheiros não precisam saber que *O fantasma da ópera* foi o musical que mais ficou em cartaz na Broadway até hoje. Entendeu o que eu quero dizer?

O conselho de educação deveria se reunir com as universidades e as escolas de ensino médio para criar *opções* aos alunos. Teríamos *aula de negociação financeira* para substituir matérias como álgebra. Garanto que seria muito mais útil aprender como abrir um pequeno negócio do que isto:

$$ax^2 + bx + c = 0$$

$$x^2 + \frac{bx}{a} + \frac{c}{a} = 0$$

$$x^2 + \frac{bx}{a} + \frac{b^2}{4a^2} - \frac{b^2}{4a^2} + \frac{c}{a} = 0$$

$$\left(x + \frac{b}{2a}\right)^2 - \frac{b^2}{4a^2} + \frac{c}{a} = 0$$

$$\left(x + \frac{b}{2a}\right)^2 = \frac{b^2 - 4ac}{4a^2}$$

Talvez a minha proposta seja *boa demais* para o conselho de educação (eles com certeza já sabem dela; afinal, as minhas cartas devem ter chegado a alguém). Por isso, eu insisto: se eles estivessem de fato interessados em fazer o sistema educacional funcionar, provavelmente já teriam ajustado os horários escolares, uma vez que está *cientificamente comprovado que os alunos têm um desempenho melhor mais tarde!* Desculpe, essa questão realmente me incomoda.

Tenho pena da turma de 2020. Até lá, todos os alunos provavelmente serão obrigados a passar em *cálculo diferencial* se quiserem se formar no ensino médio. Boa sorte, crianças!

Droga, o homem-Barbie me flagrou. Ele tossiu na minha direção, acho que percebeu que eu não estou fazendo a tarefa. Escrevo mais depois. Enquanto

isso, vou mantendo registros mentais de outras soluções para o mundo.

03/10, CONTINUAÇÃO

Lá estava eu, nas trincheiras, imerso nos meus problemas, indo da sala de inglês para a de química, quando, de canto de olho, enxerguei uma coisa cor-de-rosa emergir da sala de orientação.

— Ei, você! — gritou uma vozinha fresca. — Garoto inteligente!

Acho que foi um tanto pretensioso da minha parte virar instantaneamente, mas sejamos honestos: quem mais ela poderia estar chamando?

Era a orientadora, a srta. Sharpton.

— Quero falar com você na minha sala — disse ela com um sorriso enorme e exageradamente branco.

— Tenho inglês agora — respondi.

— Não se preocupe, eu lhe dou uma autorização.

Revirei os olhos e suspirei; eu era um filhote de tigre pego pelo falcão.

Como descrever a srta. Sharpton? Imagine que Sarah Palin, Paris Hilton e a Princesa Peach resolveram criar uma menina. Acrescente ainda mais cor-de-rosa e um toque de alvejante. Deu pra entender? A Miss Clover de 1989 decidiu se tornar orientadora do ensino médio depois de ser reprovada na escola de beleza.

Há boatos de que ela comprou uma propriedade em Nevada e tentou se tornar uma *Real Housewife of Las Vegas*, mas o programa nunca foi ao ar.

Normalmente eu tento ao máximo evitar a sala da srta. Sharpton. Aquela quantidade de cor-de-rosa deve ser prejudicial à saúde.

Sentei-me em um sofá próximo à sua mesa, numa área que ela chamava de “sala de sentar”. Ela figurava em cada uma das fotos emolduradas que decoravam o ambiente — sozinha, ou com um cãozinho do tamanho de um rato. Considerando que as fotos foram tiradas há umas três décadas, das duas

uma: ou ela tem um cachorro de trinta anos de idade, ou vive trocando o bicho por um novo.

— Seja bem-vindo ao Dia da Profissão aqui na orientação! — disse a srta. Sharpton toda contente.

Ah, faça-me o favor. Juro que preferia fazer uma colonoscopia.

— Com certeza você viu o nosso folheto. Estamos chamando a garotada para conversar sobre o futuro profissional. Sabe, o que você gostaria de fazer e tal...

— Eu sei exatamente a carreira que quero — falei.

— Ok! — ela disse, batendo palmas. — E qual é, bonitinho? Astronauta?

— Pretendo ser editor da *New Yorker* e o mais jovem jornalista a colaborar no *New York Times*, no *Los Angeles Times*, no *Chicago Tribune* e no *Boston Globe*.

— Bom, pelo visto você já pensou bastante nisso, não é? — falou a srta. Sharpton. Acho que ela nem sequer conhece todos esses jornais. — Tudo bem, mas e a faculdade? Eu posso ajudá-lo a escolher onde estudar!

Ela passou a mão em alguns dos folhetos que estavam ao seu lado.

— Não, eu vou entrar na Northwestern — falei.

— Certo — disse ela. — E onde exatamente fica isso?

Ela estava falando sério.

— Illinois — respondi.

— Nunca ouvi falar. Mas por que você quer tanto sair daqui? Sabe, existe uma faculdade comunitária aqui em Clover, praticamente no seu quintal...

— Olhe — eu disse, sentindo a enxaqueca brotar entre os olhos (é que eu sou alérgico a burrice). — Já investi bons dezessete anos nesta cidade. Condenados passam menos tempo do que isso na cadeia por assassinato...

— É verdade isso? — perguntou a srta. Sharpton.

Eu prossegui, sem lhe dar atenção:

— Eu sou o editor do jornal da escola e o presidente do Clube de Redação desde o segundo ano. E faço isso só para melhorar as minhas chances de

entrar na Northwestern...

— Uau, que inteligente!

— Eu já fiz a inscrição e tenho todos os requisitos. Só não recebi uma resposta ainda. Aliás, ficaria contente se você pudesse descobrir o porquê — concluí, sem saber com certeza se ela era qualificada para a tarefa.

— Ok, e *eu* faria isso? *Eu* teria de ligar para eles?

Ela parecia nervosa, como se o telefone fosse mordê-la se ela o usasse.

— Sim. Eu faria qualquer coisa para entrar naquela faculdade. *Qualquer coisa*.

— Ok, pode contar comigo! — Ela ergueu os dois polegares. — Mas, já que você está aqui, será que poderia preencher uma dessas fichas de inscrição para a Clover Community College? A cada formulário preenchido, eu somo pontos para ganhar um copo de suco da Clover College. E só preciso juntar mais três.

E foi então que me levantei e fui embora. Fiquei com medo de que a minha enxaqueca se transformasse em uma hemorragia cerebral se eu não saísse logo dali.

Gostaria de poder dizer que o dia melhorou a partir daí, assim como gostaria de dizer que tenho um abdome sarado, mas nada disso seria verdade.

Minha última aula do dia era de jornalismo. Acho que é a única aula que está me preparando de fato para a vida — pelo menos para a *minha vida*. Eu amo jornalismo. E simplesmente odeio os meus colegas de classe.

A turma é responsável pelo jornal semanal da escola, o *Clover High Chronicle*. No meu primeiro ano, os alunos de jornalismo eram considerados deuses. Os sete formandos que constituíam a turma e eu éramos os *donos* da verdade.

Os alunos costumavam implorar para que escrevêssemos ou não sobre as suas atividades escolares. Certa vez, uma líder de torcida me deu uma nota de cinquenta dólares para que eu não publicasse que ela havia esquecido de usar calcinha em um jogo de futebol.

Infelizmente, a formatura varreu as instalações da Clover High como uma praga medieval, e de repente eu era o único remanescente da turma. Até mesmo o professor de jornalismo, que costumava tirar o mais sagrado cochilo durante as aulas, um dia simplesmente parou de aparecer. A escola não tinha dinheiro para pagar substitutos, então fui forçado a assumir as aulas integralmente. (Parando para pensar, nem sei se isso é legal, mas... Quem liga?)

Tentei recrutar novos membros, porém ninguém queria se juntar a nós. Fui até a classe de educação especial, mas eles literalmente riram da minha cara. Hoje em dia, os adolescentes não querem escrever nada, a menos que tenha cento e quarenta caracteres ou menos.

A escola acabou enfiando na turma de jornalismo alunos que não tinham créditos suficientes para se formar (o que me deixa dividido entre ficar grato ou convencido de que eles fizeram isso por despeito). Assim, os antigos figurões da Clover High foram substituídos pelo elenco de *Escritores da liberdade*.

O *Clover High Chronicle* agora é composto por mim, pela editora-assistente Malerie Baggs, pelo crítico de filmes Dwayne Michaels, pela garota do tempo Vicki Jordan e pelo aluno de intercâmbio internacional Emilio López, de El Salvador.

Falaremos deles em um segundo.

— A edição do *Clover High Chronicle* da semana passada foi mais uma decepção — falei no início da aula. — Tínhamos material para todas as seções, porém, pra variar, tudo foi escrito por mim. Isso precisa mudar. Não dá mais para ser assim.

Lancei a todos um olhar de reprovação. Vicki bocejou.

— Isso aqui é o *Clover High Chronicle*, e não o *Carson Phillips Chronicle* — lembrei a todos. — Espero que esta semana seja diferente. — Com uma batida de palmas, dirigi a atenção da turma para Dwayne. — Dwayne, você já fez a crítica de *Manslaughter III*?

Este talvez seja o ser humano mais inútil que eu já conheci na vida. Ele quase sempre usa um gorro, mesmo quando não está frio, e provavelmente já chegou ao estágio de urinar maconha.

— Sim! — ele respondeu.

— Sim? — eu repeti, tentando esconder a surpresa.

— Ah, não, espera... *não*!

— Não?

— Eu fui ao cinema, mas acabei desmaiando — disse ele. — Você não me disse que era em 3D.

— Não era — eu falei.

— Nooooossa — ele murmurou para si próprio.

Eu não conseguia nem digerir a situação. Um dia, juro que uma úlcera vai me rasgar por dentro, como em *Alien*, e vou denominá-la "a terrível criatura da incompetência alheia".

— Vicki, você já fez a previsão do tempo? — perguntei.

Ela olhou para mim sem fazer a menor ideia do que estava acontecendo. Minto: ela tirou um dos fones do ouvido e olhou para mim sem fazer a menor ideia do que estava acontecendo.

— O quê? — perguntou.

— O relatório da previsão do tempo?

Semiconsciente, Vicki olhou pela janela por um segundo.

— Está nublado — disse, botando novamente o fone no ouvido.

— Excelente — eu falei. — Obrigado, Vicki.

Já era um progresso.

Vicki Jordan é uma daquelas alunas "góticas". Em algum momento do oitavo ano, ela enterrou tudo o que a fazia parecer viva e se tornou uma morta-viva. Tingiu os cabelos, pintou a boca com batom preto e descobriu o fator solar cento e dez.

Pessoalmente, eu não acredito em "fases rebeldes". Para mim, elas não passam de maneiras dramáticas de dizer: "Eu não tenho problemas *de*

verdade, então vou me vestir de um jeito diferente e ferir a mim mesmo até que as pessoas acreditem que eu sou mais complexa do que na realidade sou". Ah, me desculpe, mas o que eu tenho a ver com o seu "turbilhão interno"?

Quer que te deixem em paz? Não quer ser "compreendido"? Então pare de se vestir como se todos os dias fossem dia de Halloween, sua vaca chorona. Recomponha-se, tome um Zoloft e pare de ser uma monstruosidade.

Esse assunto realmente me incomoda. Bom, mas retomando...

— Emilio, tem alguma seção que você gostaria de assumir esta semana? — perguntei.

Era como se estivesse falando com uma estaca de cerca.

— Eu amo os Estados Unidos — ele disse com o seu forte sotaque salvadorenho.

Acho que essa foi a única frase em inglês que lhe ensinaram antes de ele vir para cá. Pelo menos o Emilio tem uma desculpa para me negligenciar.

Com a barreira do idioma ou sem ela, o cara se vira. Eu já perdi as contas de quantas garotas fizeram uma "aula de língua salvadorenha" com o gringo. Ele já passou por várias fronteiras para passar a mão embaixo de outras fronteiras. Chega de metáforas; você entendeu.

— Legal, Emilio, vamos criar uma seção patriótica especialmente para você — falei, observando as minhas anotações.

— Agora, e a escrita criativa? Alguém tem uma redação ou um conto, ou...

— Eu escrevi um conto para o *Chronicle* — disse Malerie após levantar a mão.

— Então vamos ouvi-lo — eu disse.

Malerie ficou de pé com um ar nervoso e olhou para todos antes de iniciar a leitura.

— Isto foi escrito por Malerie — esclareceu. — "Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos, foi a idade da..."

— Malerie — interrompi.

— Sim?

— Não foi você quem escreveu isso.

Ela olhou para mim bastante confusa, como uma criança que descobre não ter vindo da cegonha.

— Mas é a minha letra — ela disse. — Se você não acredita em mim...

Nem terminou a frase e sentou-se novamente.

Se o Pillsbury Doughboy* tivesse uma irmã, imagino que Malerie seria o clone dela. Ela é baixinha, roliça e ligeiramente... *diferente*. Não digo que ela seja *lenta*, é que os outros barcos simplesmente chegam à ilha antes do dela. Malerie tem um pouco de dificuldade com a concentração, com o metabolismo, com o plágio... Mas quem é perfeito, não é mesmo?

Desde que a conheço, ela costuma carregar consigo uma filmadora. Ela filma absolutamente *tudo*. Cheguei a achar intrigante quando ela entrou para a turma de jornalismo, pensei que poderia ter um forte potencial para repórter, mas, agora que sei que a escrita criativa é a sua paixão, isso me preocupa bastante. O que ela faz com tantas horas de gravação?

Finalmente cheguei à minha parte predileta da aula: *a minha contribuição* para o jornal.

— Como muitos de vocês já devem ter percebido, nesta semana eu devo encarar mais um artigo sobre *questões locais*. A minha matéria da semana passada, “Escândalo sexual na cidade pequena”, foi um sucesso na página do *Chronicle* no Facebook... Era sobre o senhor Armbrooster, o professor de saúde que foi demitido depois de usar argila e massa de modelar para ensinar sobre o sistema reprodutor feminino.

Cri, cri, cri... As estátuas do Louvre teriam demonstrado mais interesse. Quando bateu o sinal, todos saíram correndo em direção à porta como cachorros na hora da ração.

— Não esqueçam que temos uma reunião do Clube de Redação depois da aula, caso alguém mude de ideia e queira participar — gritei enquanto eles se dispersavam. — Ou mude de personalidade, quem sabe...

Fui até a lousa para apagar “Clover High Chronicle”, “Editor”, “Carson Phillips”, e escrevi “Clube de Redação”, “Presidente”, “Carson Phillips”. Tem alguma coisa nisso que sempre me dá satisfação. Mesmo com todas as bobagens que sou obrigado a aguentar, ainda tenho orgulho por esses dois clubes ainda existirem.

Normalmente, passo o almoço substituindo os cartazes de “Inscreva-se no Clube de Redação” por outros novos, já que eles são quase sempre o primeiro alvo dos vândalos da escola. Acho dolorosamente irônico que aqueles imbecis iletrados carimbem “SEUS TROUCHAS” justamente nos cartazes que tentam atrair escritores.

O sistema de clubes da Clover High é intenso. Não há realmente nada para fazer nesta cidade, então, para o seu próprio bem, os alunos basicamente não têm escolha senão participar de clubes fora do horário de aula.

OS CLUBES

O Clube de Líderes de Torcida: também é conhecido como Clube de Futuras Mulheres-Troféu e Donas de Casa. As líderes de torcida passeiam em bandos perversos pela escola, aterrorizando emocionalmente os inocentes que cruzam o seu caminho. Aviso: elas fazem tudo em conjunto, inclusive menstruar.

O Clube dos Atletas: a central de saradões. Eles não apenas praticam esportes e medem os seus órgãos entre si: também praticam exercícios de construção de caráter, como o “cheira o meu dedo”.

O Clube do Anuário: calouros, segundanistas, pré-formandos e formandos reúnem-se aqui em igualdade para juntar fotos e frases memoráveis que reescrevem completamente a história, para que as mentiras que vão contar aos netos pareçam verdades.

O Clube de Teatro: um lugar onde os garotos podem se dedicar livremente

às vestimentas e à maquiagem, enquanto as garotas passam anos tentando entender por que eles não gostam delas.

O GAN: o Grupo dos Alunos Negros, para o nosso único colega negro. Ele pode ser sozinho, mas a escola o convenceu de que é importante representar a sua comunidade. (E, por ter um GAN, a escola ganha mais dedução de imposto de renda! Ponto para ela!)

O FEA: está pensando em se tornar um empresário ou um administrador? Bom, então *não* entre para o clube dos Futuros Empreendedores da América; não é para isso que ele serve! Ele serve para ver quem tem o melhor celular ou o pai mais rico.

O Coral da Clover High: é para lá que vão os mais talentosos cantores da escola, para engrossar o coral de fundo da filha desafinada da professora de canto.

A Equipe de Debate: se você tiver a sorte de nascer sabendo *tudo*, inscreva-se na equipe de debate para discutir com pessoas como você. Não se pode corrigir uma opinião, mas não tenha dúvidas de que esses caras vão tentar.

O Clube do Celibato: uma legião de garotas nada atraentes que acham mais fácil “manterem-se puras” e “guardarem-se” do que admitir que, na verdade, ninguém quer dormir com elas.

O FFA: os Futuros Fazendeiros da América. Eu não tenho uma piada para esse clube, essa parada é real.

A Clover High Band: você gosta de instrumentos musicais? Então entre para a banda, assim você pode tocar com um coral sem graça que canta para a filha desafinada da professora.

A Sala da Detenção: não estou certo de que possa ser considerado propriamente um clube, mas possui, de longe, os integrantes mais dedicados.

E, é claro:

O Clube de Redação: um lugar onde os alunos podem expressar as suas ideias e a sua criatividade através do poder das palavras. Mas pergunte para qualquer um, e você ouvirá que ele é pior do que a detenção e que, aparentemente, nós somos uns TROUCHAS.

Fiquei sentado à mesa da classe de jornalismo depois da aula por quarenta e cinco minutos, com os olhos fixos na porta. Sabia que aquele seria o grande dia; o dia em que finalmente alguém veria um dos meus cartazes e seria convencido a inscrever-se no Clube de Redação.

A maçaneta da porta começou a se mexer, e eu me aprumei na cadeira. Senti-me como um astronauta que descobre vida em outro planeta. A porta se abriu.

— Oi, Malerie — cumprimentei, um pouco desapontado.

Durante os três anos em que presidi o clube, Malerie sempre foi o único outro membro. Até para *ela*, o clube era a segunda opção; ela só se inscreveu quando foi expulsa do GAN.

— Escrevi mais um conto para o *Chronicle* — ela disse. — E acho que você vai gostar deste!

— Ótimo. Vamos ouvir — respondi, já preparado para o que estava prestes a escutar.

Malerie limpou a garganta e começou a ler o caderno.

— Pode me chamar de Ismael. Alguns anos atrás, não importa exatamente quantos...

— Malerie — logo a interrompi. — Você escreveu mesmo isso?

— Não — admitiu ela, afundando-se na cadeira... Bem, afundando-se um pouco mais do que de costume.

— Não se cobre tanto. Escrever leva tempo. Usar as suas próprias palavras também poderia ajudar.

— Mas eu não consigo ter ideias próprias. Não tenho imaginação. Tudo o que Deus me deu foram essa aparência impecável e uma aptidão espetacular no tênis de mesa. — Ela abaixou a cabeça e depois olhou desesperada para mim. — Carson, como você faz isso?

Abri a boca para falar, mas não saiu nada. A pergunta me pegou de surpresa; ninguém jamais tinha me perguntado isso antes. Como era exatamente o meu processo? De onde vinha tudo aquilo?

— Não tente achar ideias, deixe que elas te achem — respondi, sem muita convicção do que estava falando. — Encontrar algo sobre o que escrever ou perceber algo pela primeira vez é uma das experiências mais incríveis. Vem do nada e simplesmente arrebata a gente. Depois, você só consegue pensar no assunto, e a coisa flui pelo corpo, tentando escapar para ser expressa de qualquer forma possível... É bem parecido com... com...

— Um raio? — Malerie perguntou.

— É — eu falei. — Como um raio.

Deixei aquele pensamento pairar. Até *eu* estava surpreso com a minha resposta. Talvez tenha sido a primeira vez que falei sobre *escrever* no Clube de Redação. Geralmente, as nossas reuniões são sobre estratagemas para recrutar novos membros ou sobre as espécies de inseto que Malerie encontra no ônibus escolar. Sempre passei tanto tempo tentando inspirar os outros que acabei esquecendo o que *me* inspirou.

— Não se preocupe, você vai encontrar algo sobre o que escrever qualquer dia desses — eu falei, e ela sorriu para mim.

Malerie realmente cresceu na minha avaliação durante esses anos. As engrenagens dela podem não funcionar tão rápido quanto as de um carro comum, mas pelo menos ela tem uma veia pulsante. Talvez Malerie seja a coisa mais próxima a um amigo íntimo que eu jamais terei.

* Mascote e garoto propaganda da Pillsbury Company, empresa norte-americana do setor de alimentos.

Pillsbury Doughboy é um garoto gordinho feito de massa de pão que usa um chapéu e um lenço. [N. E.]

04/10

Você já se pegou em uma daquelas situações do tipo: “Deus do céu, como é que me meti em uma coisa dessas?”. Daquelas que fazem você pensar: “Por favor, me mate, morrer não pode ser pior do que isso”? Eu também.

Duas vezes por semana, durante uma hora depois da aula, tenho de passar por um encontro do conselho de alunos. Enquanto os outros integrantes foram “eleitos”, eu sou obrigado a participar das discussões por ser o editor do jornal da escola.

Eles já tentaram se livrar de mim inúmeras vezes, e, embora preferisse estar na Faixa de Gaza com um alvo amarrado às costas, eu sempre luto contra essas tentativas. Isso se chama “liberdade de imprensa”, pode olhar no dicionário. Depois, se eu não for aos encontros, nunca vou saber o que está acontecendo. E preciso escrever os meus editoriais expositivos sobre *alguém*.

Qual seria a forma mais simpática de descrever os membros do conselho de alunos? São aquelas pessoas que vieram de boas famílias, que nunca tiveram de lidar com nenhum problema sério e que provavelmente jamais terão de trabalhar para conquistar as coisas. Esse é primeiro fato contra eles. O segundo é o de serem também medíocres, irascíveis e insolentes.

Semana passada, um dos membros colou um absorvente interno nas minhas costas depois da reunião. Andei pela escola inteira durante horas, e ninguém fez o favor de me avisar. Até agora não sei quem foi.

O conselho é dirigido pela presidente do corpo estudantil, Claire Mathews. Ela é bonita, popular, magra, uma exemplar líder de torcida e, desconfio eu, defeca *cupcakes*.

Seus pais são máquinas de gerar abelhas-rainhas. Todas as séries da Clover High desde 2007 tiveram que aturar alguma das garotas Mathews.

Claire é a caçula de cinco (e a última, espero). Existe um boato de que ela teve uma irmã mais nova que não nasceu tão perfeita quanto as outras e, por isso, foi morta a machadadas, como o porquinho de Charlotte. Fui eu que comecei o boato.

No conselho de alunos também está a vice-presidente e editora do anuário, Remy Baker. Não que eu admita ter um páreo intelectual na escola, mas provavelmente ela é a pessoa que mais se aproxima disso. Remy é esperta, ambiciosa e focada (soa familiar?). A diferença é que ela é a maior maria-vai-com-as-outras da escola. Então, naturalmente brigamos como dois gansos excitados brigam por uma gansa.

Remy usa o seu poder para o mal. No segundo ano, ela se "esqueceu" de me incluir no anuário. Como alguém nesse mundo se "esquece" de incluir um aluno no anuário?! Ela deu o troco porque o meu projeto do Dia de História deixou o dela no chinelo, isso sim.

Ela parou de crescer por volta do quarto ano. Não estou dizendo que seja um *hobbit* — até porque eu não sou de dar apelidos. Só estou dizendo que se houvesse um desaparecido na Terra Média ela se encaixaria na descrição.

Justin Walker é o representante dos esportes e também o líder do Clube dos Atletas. É tão burro que, se você lhe desse uma caixa de pedras, ele provavelmente enfiaria uma delas na terra e diria que plantou uma montanha. Seu irmão mais velho, Colin Walker, se formou quando estávamos no primeiro ano e hoje é o técnico de futebol. Justin vive meio que na sombra do cara... Se é que não corre atrás dela.

Devo mencionar também que Claire e Justin estão namorando. Sim, a capitã das líderes de torcida e o rei dos saradões estão *juntos*! Calma, não surte, eu sei que é chocante! Nada clichê. E tenho certeza de que se trata de amor verdadeiro.

Os outros membros do conselho de alunos são Scott Thomas, o representante das artes corporais e presidente do Clube de Teatro, e Nicholas Forbes, o tesoureiro do conselho de alunos e presidente do FEA.

Scott Thomas me odeia desde que eu fiz a crítica sobre sua apresentação em *Les misérables*. Eu disse que o seu desempenho foi "superficial e irrealista", porque *foi*, de fato. Desculpe, produção de baixo orçamento ou não, Jean Valjean jamais teria luzes no cabelo ou entraria de fininho no palco para participar do coro de fundo de "I Dreamed a Dream". Foi péssimo, e eu não vou dourar a pílula, então ele que a engula.

Nicholas Forbes é o filho mais velho do homem mais rico de Clover. Sua família é dona de praticamente tudo na cidade: dos minishoppings, das terras e, desconfio, até mesmo de alguns cidadãos. Os pais deram a ele uma Escalade no seu aniversário de dezesseis anos, e, embora eu não tenha sido convidado, ouvi dizer que a festa teve iPods de lembrancinha.

Duvido que o sobrenome verdadeiro da família seja Forbes. Acho que eles o trocaram legalmente só para irritar as pessoas. Ok, já entendemos, vocês sofrem de hemorragia de dinheiro.

Recapitulando: o conselho de alunos é composto por Claire Mathews (a abelha-rainha desprezível), Remy Baker (a idiota do anuário), Justin Walker (o saradão com cérebro fecal), Scott Thomas (o bundão das artes dramáticas) e Nicholas Forbes (o efe-dê-pê rico). Pode ser que mais tarde haja uma tentativa ou um assassinato de fato, e eu quero que você saiba todos os fatos.

— Tenho ótimas notícias! — Claire começou a reunião de hoje. — Tenho o prazer de anunciar que haverá caminhões e *trailers* suficientes para todos os clubes montarem carros alegóricos para o festival da escola.

Todos soltaram suspiros teatrais de alívio. Enquanto isso, eu retorcia os dedos.

Tenho um caderno específico para as reuniões do conselho. A maior parte dele é ilustrada com aparelhos de tortura e de execução que eu sonho experimentar em vez de estar ali duas vezes por semana, escutando as alucinações de Claire. Nesta semana, estou trabalhando em uma combinação de guilhotina, água fervente e cadeira elétrica.

— Por mais entusiasmados que estejamos para o festival, precisamos

escolher um tema para a dança Sadie Hawkins. O dia está mais perto do que pensamos — informou ela. — Sugestões?

— “Festa do sol” — Remy esganiçou, cheia de orgulho.

— Isso me cheira a câncer de pele — retruquei.

— Seria divertido — disse Remy.

— Seria uma boa desculpa para vir de chinelo e biquíni para a escola — acrescentei.

Eles começaram a se inquietar na cadeira.

— Que tal “Uma noite em Paris”? — sugeriu Nicholas. — A minha família e eu passamos o verão lá, e tudo era tão lindo...

— Genial! — chilreou Scott.

— Legal mesmo! — disse Remy.

Todos eles assentiram com a cabeça.

— Talvez esse tema ultrapasse o nosso orçamento — disse Claire. — Nicholas, você acha que o seu pai cobriria as despesas?

— Ele nunca nos deixou na mão — respondeu o garoto, com um sorriso sórdido.

Eu vomitei mentalmente e então disse:

— “Uma noite em Paris”? Como o *filme pornô*? Convenhamos.

Aqueles babacas afundaram nas suas cadeiras. Mas, falando sério, eles só podem estar de brincadeira! “Uma Noite em Paris”? Bateram a cabeça?

— Ok, que tal algo mais genérico, como “Fundo do mar”? — sugeriu Claire. — Foi o tema do baile dos meus pais.

— Bom, se vocês não fizerem questão de *originalidade* — comentei.

— Não fazemos — disse Remy.

— Ótimo! — falei. — Cada um pode trazer o próprio *caranguejo*.

Os babacas começaram a ficar incrivelmente irritados comigo. Não sei por que sempre ficam tão alterados; eles têm sorte por eu insultar as suas ideias antes que outra escola o faça.

— Eu odeio você mais do que odeio o Holocausto! — Remy disparou

contra mim.

— Vem me pegar, *hobbit*! — devolvi.

(Pelo visto, eu sou de xingar.)

— Dane-se o que esse cara acha; ele só está aqui porque é editor daquele jornal imbecil — Remy disse aos outros.

— Cara, que diferença faz para você? — perguntou Justin. — Você nem vai às festas mesmo.

— Porque elas são uma idiotice — respondi.

— Certo, Carson. Então, você escolhe um tema! — Claire me desafiou.

Todos os babacas se viraram para mim com expressões um tanto ameaçadoras. Scott até ficou em posição de ataque.

— Ok — eu disse. Pensei no assunto, mas não muito, pois qualquer ideia que eu tirasse da bunda seria melhor do que as suas propostas jumentas. — Vocês todos gostam de TV, certo? Por que não fazer um "Casais famosos da televisão"? As pessoas podem ser Fred e Vilma, Mudler e Scully, Lucy e Ricky...

Entreolharam-se timidamente. Sabiam que a minha ideia tinha sido a melhor, e aquilo era *o fim* para eles.

— Heidi e Spencer — gritou Scott, empolgado.

— O quê? — indaguei. — Não... Não foi isso que eu quis dizer...

— Jon e Kate! — acrescentou Remy.

— Snooki e The Situation! — exclamou Justin, levantando a camisa para exibir o abdome.

— Vocês estão falando sério? — eu perguntei. — Isso é *reality show*! É ridículo!

Mas o estrago estava feito. Amanhã de manhã eles anunciarão o tema de 2012 para a dança Sadie Hawkins da Clover High: "Casais famosos de *reality shows* da televisão". E a culpa é toda minha.

Vulgarizar a minha ideia brilhante foi a gota d'água! Eu oficialmente odeio todos eles.

Acho que odeio as reuniões do conselho de alunos porque eles me fazem duvidar de mim mesmo. Se não consigo fazer com que *eles* me escutem, como posso acreditar que um dia vou fazer o mundo me escutar? Acabo me convencendo de que esse é o exemplo perfeito de que o ensino médio existe numa dimensão própria e não reflete o mundo real.

Olhei para baixo, para o meu novo desenho, e adicionei estacas ao meu aparelho de tortura/execução antes que a reunião acabasse. Aquilo me deu certo alívio.

05/10

Passei bastante tempo com a vovó depois da escola, mais do que o usual. Geralmente, eu só fico sentado ao seu lado por uma ou duas horas e faço a tarefa enquanto ela fala coisas sem sentido para si mesma.

— E é por isso que eu não vou votar no Nixon — ela já declarou algumas vezes. — Aquele homem é um safado! Escreva o que estou dizendo!

Mas, por algum motivo, hoje ela disse algo que mexeu comigo profundamente.

A visita começou como de costume. Fui de carro até a Casa de Repouso Clover logo após a escola; graças a Deus, consegui sair vivo do estacionamento dos alunos. Ao entrar, acenei para Kathy, a secretária do asilo. (Kathy nunca me acenou de volta. Eu nunca sequer a vi piscar. Ela só fica ali, o dia inteiro, olhando para a porta da frente. Acho que muito em breve deixará de ser funcionária para se tornar paciente.)

— Oi, vó — cumprimentei ao passar pela porta.

Ela estava sentada na cama, tricotando alguma coisa.

— Quem é você? — vovó perguntou com os olhos arregalados.

Toda vez que escuto isso, sinto o coração apertar.

— Sou eu, Carson. — respondi, como sempre faço. — O seu neto.

— Não — ela disse, balançando a cabeça. — O meu neto ainda é uma criança.

— Eu cresci — falei, encolhendo os ombros.

Por uma fração de segundo, eu poderia jurar que ela havia me reconhecido, mas deve ter sido apenas a minha esperança. Vovó saiu da cama e caminhou até a porta.

— Já volto — ela disse.

Alguns minutos se passaram, e eu me sentei para começar a tarefa. Dava para escutar a conversa dela com uma das enfermeiras do lado de fora do quarto.

— Preciso usar o forno — disse vovó.

— A senhora não pode usar o forno — respondeu a enfermeira.

— Mas eu tenho visita. Ele deve estar com fome — ela insistiu.

Pouco tempo depois, vovó voltou com um prato de papel cheio de Oreos.

— Prontinho, recém-saídos do forno — ela disse e, sorrindo, entregou-me o prato.

Não pude deixar de sorrir.

— Obrigado.

Puxei da mochila a edição do *Chronicle* da semana passada.

— Trouxe a última edição do *Clover High Chronicle*.

Ela o tomou nas mãos e deu uma espiadela, não mais que um segundo, para, em seguida, voltar a olhar para mim.

— O meu artigo se chama “Escândalo sexual na cidade pequena” — expliquei. — É parecido com o “Genocídio da zeladoria”, aquele de que você gostou...

— Você conhece o meu neto? — ela perguntou.

Vovó já me perguntou isso um milhão de vezes, mas acho que a gente jamais se acostuma com um membro da família perguntando quem é você.

— Acho que sim — respondi.

— Tenho saudades dele — ela falou, com o olhar triste. — Ele nunca mais veio me visitar. Antes, ele me escrevia histórias.

Então o seu rosto começou a se iluminar novamente.

— É mesmo? — perguntei.

— Eu me lembro da primeira história que ele me escreveu — vovó disse com um largo sorriso. — “Era uma vez um garoto”.

Ela deixou escapar uma risada gostosa.

— Eu também me lembro — falei.

Por mais estranho que seja dizer isso, eu estava feliz por aquela lembrança ter sobrevivido ao esquecimento.

— Eu disse a ele que poderia desenvolvê-la um pouco mais, então, no dia seguinte, o meu neto me trouxe mais uma: “Era uma vez um garoto que queria voar”.

Eu havia me esquecido completamente daquilo.

— Estou preocupada com o meu neto — ela disse, e a sua expressão ficou triste de novo. — Ele mudou de uns anos para cá. Acho que os pais estão para se separar. Antes ele era tão feliz, mas agora vive por aí cabisbaixo. Às vezes, uma nuvem carregada sobre a cabeça pode ser mortal, sabia?

Balançando a cabeça, ela foi até a janela e olhou para o jardim. Mesmo com Alzheimer, ainda tinha coisas pungentes a dizer. Olhou de novo para mim, prestes a acrescentar algo à declaração que acabara de fazer, mas eu percebi que ela se esqueceu quando os seus olhos encontraram os meus.

— Você conhece o meu neto? — vovó perguntou mais uma vez.

— Acho que sim.

Ela deu de ombros e voltou para o seu tricô.

Terminei minha tarefa, mas fiquei até escurecer; não queria deixá-la. É raro ver a *vovó de verdade* quando a visito, então eu quis aproveitar ao máximo.

Ela finalmente pegou no sono, e eu decidi ir embora, mas durante todo o caminho para casa pensei no que ela havia me dito. Eu sei que ando meio amargo e exaurido, e por um lado até gosto disso, mas será que sou uma pessoa triste? Será que sou feliz?

Com certeza, tenho planos de ser feliz no futuro, mas ainda não cheguei lá. O que isso faz de mim, exatamente? Nunca fui capaz de viver a vida e analisar o momento *presente*.

Cheguei em casa perto das quinze para as dez. Havia novos frascos de remédio no balcão da cozinha; fiquei feliz por saber que mamãe dera uma saída, mesmo que tenha sido para buscar drogas. Ela estava sentada no quintal, olhando as estrelas, mais bêbada que um gambá.

— Onde você estava? — perguntou.

— Em Munique — eu disse.

Ela revirou os olhos.

— Tem gente que retorna para casa e encontra as suas lindas noivas e ultrassonografias, e eu ganho um moleque sabichão que nunca desejei ter tido.

Isso pode parecer algo incrivelmente pesado de ouvir da própria mãe, mas eu já estou acostumado às besteiras que ela diz quando bebe. Ela deve ter visto uma grávida na farmácia, e isso a fez perder o controle. Qualquer coisa que a faça lembrar do meu pai é um assunto inflamável.

— Eu fui indesejado, então? — falei.

— Nunca tenha uma criança para salvar um casamento: não funciona — ela disse. — Eu poderia ter sido alguém, poderia ter sido *farmacêutica*! Mas escolhi me acomodar porque pensei que esse fosse o meu desejo, porque pensei que esse fosse o desejo *dele*.

— Nunca é tarde para mudar de vida, mãe.

— Já era tarde fazia anos — ela falou, ou melhor, balbuciou. — Você tem sorte, Carson. Você é jovem e ingênuo. Todos aqueles sonhos de sair desta cidade e de ser alguém na vida ainda parecem possíveis. Você deve se agarrar a eles enquanto puder.

Depois de dizer isso, os olhos dela se encheram d’água.

— Boa noite, mãe — eu disse antes de entrar em casa.

Temia que, se escutasse mais das suas lamúrias, acabasse acreditando nelas.

Acho que a vovó não é a única pessoa na minha vida que fala coisas sem sentido. Por sorte, aprendi a levar em conta somente o que me diz a mulher com Alzheimer.

Boa noite. Ainda bem que é sexta.

08/10

Odeio as segundas-feiras com cada fibra do meu ser. Eu já estava de mau humor desde cedo. Por mim, este dia poderia se autolobotomizar. Tudo começou naquele que eu entendo ser o cerne da frustração humana. Exatamente! O estacionamento dos alunos.

Eu estava prestes a estacionar em uma das vagas (já tinha até dado a seta... Como se isso adiantasse alguma coisa) quando um jipe enorme apareceu do nada e a roubou. Se eu não tivesse enfiado o pé no freio no exato momento em que o vi, o meu carro e eu estaríamos em frangalhos agora.

A motorista do jipe era uma garota imbecil do time de *softball*. Ela não estava prestando atenção em nada além das três amigas a quem dava carona e da música horrorosa que explodia no alto-falante do carro. Mas não foi isso o que mais me incomodou. O que realmente me deixou pê da vida foi o adesivo colado na traseira do veículo: COISA DE JIPEIRO — VOCÊ NÃO ENTENDERIA.

Não sei por que cargas d'água, mas aquilo realmente me tirou do sério. Desci do carro, bati a porta e fui até a janela dela.

— Ei! — chamei, batendo no vidro. Ela me mediu de cima a baixo, soltou um grunhido profundo e voltou a dar atenção às amigas. — Eu sei que você está me escutando! O seu carro nem sequer tem capota!

— Pois não, posso ajudar? — ela disse com uma voz anasalada.

— Sim, você pode — falei. — Estou aqui pensando no que eu não entenderia.

— Hããã?

— O seu adesivo. Não entendi. O que exatamente eu sou incapaz de entender só porque não dirijo como o Crocodilo Dundee?

— Cara, você precisa trocar o seu absorvente.

As amigas se mataram de rir.

— Eu não posso usar um absorvente se você me matar com a sua barbeiragem! — gritei (sim, essa foi fraca). — Vê se aprende a dirigir!

Voltei para o carro e encontrei uma vaga do outro lado do estacionamento.

Então, como eu estava dizendo, acordei péssimo, e o resto do dia não melhorou em nada o meu humor. Sobrevivi como pude a um típico dia de incompetência e de encontros juvenis. Alguma anta deu remédio de azia para as gaivotas durante o almoço, então havia merda e outros excrementos para tudo quanto era lado. Coitados dos seguranças.

Finalmente, cheguei ao jornalismo. Estava rezando para que algo acontecesse ali e melhorasse esse dia horrível. Tinha esperanças de que Dwayne tivesse assistido a *Manslaughter III* de novo e que, desta vez, se lembrasse do filme. Tinha esperanças de que Vicki tivesse pelo menos escrito: “Está nublado”. Tinha esperanças de que Malerie tivesse mudado uma palavra de cada sentença copiada dessa vez.

Meu avô tinha uma frase célebre: “Você pode reservar uma das mãos para a esperança e a outra para a desgraça e ver qual das duas enche primeiro”.

A esperança não me levou a lugar nenhum. Aqueles cretinos não escreveram nada.

— Vamos mandar o jornal para a impressão amanhã, e nenhum de vocês escreveu absolutamente nada até agora! — exclamei.

— Eu arranjei essas fotos de gatos — Malerie me corrigiu, mostrando uma pilha de imagens que tinha baixado da internet.

Não faço ideia do que ela planejava fazer com aquilo.

— Algum de vocês realmente quer estar aqui? — perguntei.

— *Eu!* — disse Malerie, apontando para as fotos dos filhotes.

— Bom, parece que eu vou ficar aqui a noite toda, de novo, fazendo o que vocês deveriam ter feito — desabafei.

— O monólogo ainda vai durar muito? — Vicki explodiu. — Que diferença isso faz? Ninguém lê o *Chronicle* mesmo!

— A turma de artes usa para fazer machê — completou Dwayne.

Virei rapidamente a cabeça na sua direção. Será que ele estava mesmo falando sério? Devia estar; o cérebro de ostra de Dwayne não seria capaz de fazer um comentário sarcástico de propósito. Aquilo me atingiu de verdade, e eu fiquei quieto. Odeio parecer vulnerável na frente deles.

O sinal tocou, e todos se espalharam como baratas. Vicki ficou para trás. Detestei o jeito que ela olhou para mim, com pena. Nada me faz sentir mais patético do que a *garota gótica* ter pena de mim.

— Carson, por que você se importa tanto? — ela perguntou. — Não vale a pena... tá?

Ela saiu junto com o resto da turma, e eu fiquei sozinho. Pensei por um tempo no que ela disse. Acho que, para ela, o meu ímpeto não faz sentido. Mas e para mim, faz? Dirigir um jornal escolar decadente realmente vai garantir alguma coisa no meu futuro?

— Porque eu *preciso* ter algo com que me importar — admiti para mim mesmo.

Acho que eu odeio demonstrar vulnerabilidade para mim, muito mais do que para outras pessoas.

Considerei simplesmente reimprimir a edição do mês passado. Já que ninguém lê o *Chronicle*, achei que não notariam. Mas, se fizesse isso, praticamente provaria que todos estavam certos, e eu prefiro defecar caco de vidro a deixar que me vençam.

Então, aqui estou eu, sentado na sala de jornalismo pelas últimas quatro horas, tentando parir mais uma edição do *Clover High Chronicle*.

E, para completar, já faz uma hora e meia que estou com vontade de fazer xixi. Meu Deus, espero que os banheiros ainda estejam abertos...

08/10, DE NOVO

Então... Passei os últimos vinte minutos olhando para este diário, tentando encontrar palavras para descrever o que acabou de acontecer no banheiro masculino... Se bem que até agora eu não tenho muita certeza do que aconteceu ali exatamente.

Eu passei pelo corredor (não o chamo de “trincheira” depois que todos vão pra casa) e entrei no banheiro. Normalmente, sou o último a sair da escola, então fiquei feliz de ver que o banheiro ainda estava aberto... E, ao que parece, não fui o único.

Assim que atravessei a porta, ouvi risadinhas (sim, risadinhas) e gemidos. Tinha gente mandando ver ali! Não é a coisa mais nojenta que você já ouviu nessa vida?

Olhei para baixo e vi dois pares de pés através do vão de uma das cabines. Limpei a garganta para que os amantes soubessem que não estavam a sós. Eles realmente não esperavam por uma companhia e entraram em pânico. *Pensei* ter reconhecido mais ou menos as vozes miúdas, rapidamente transformadas em sussurros nervosos, mas nada poderia ter me preparado para o que viria a seguir.

Nicholas e Scott saíram da cabine, levantando as calças. NICHOLAS FORBES e SCOTT THOMAS!!! Um minuto para respirar — eu também preciso. Vamos fazer isso juntos: inspira... segura... e expira. Está se sentindo melhor? Eu também.

Olha, acho que lá no fundo eu já sabia que era só uma questão de tempo para encontrar Scott brincando de médico no banheiro com algum segundanista que desse mole para ele no Grindr, mas o fato aconteceu com o príncipe Nicholas Forbes de Clover... Caaaaara, nem dá para...

Graças a Deus, eu não tinha nenhum lápis na hora. Porque a minha vontade era de furar os dois olhos.

— Cavalheiros, devo dizer que estou chocado. Foi *engraçado*, mas chocante! — eu disse a eles depois de botar a cabeça no lugar.

Nicholas estava tão pálido que quase dava para enxergar através dele. Scott só parecia incomodado por ter sido interrompido.

— Você não vai contar para ninguém, não é? — Nicholas perguntou, olhando para mim com uma expressão que era meio "somos amigos, não somos?" e meio "putz, estou ferrado".

— Vá em frente; pode contar para o mundo inteiro. A gente não está nem aí! — disse Scott.

— Cala a boca, Scott! — gritou Nicholas, sorrindo ligeiramente para mim. — Os meus pais não podem saber disso. Meu pai é amigo da *Michele Bachmann*. Eles vão me mandar para um acampamento onde se reza catorze horas por dia!

— Cagney e Lacey — comecei a falar, sorrindo para mim mesmo com ar de inteligência —, eu sei como é ser excluído. Não desejaria a ninguém uma exclusão causada justamente por um *excluído*. Então não vou contar.

— Fantástico — disse Scott, quase decepcionado com a minha simpatia.

— Obrigado — falou Nicholas, ganhando cor novamente.

Eu fiquei insultado por eles acharem que eu fosse o tipo de pessoa que espalharia o segredo deles por aí. Eu dirijo um jornal, e não um tabloide. Por isso, instantaneamente sugeri uma maneira muito melhor de usar aquela situação a meu favor, e não a favor de uma perseguição pública.

— Mas — eu disse, e eles ficaram bem quietos —, já que vou manter a boca fechada sobre... vocês sabem, a habilidade de vocês de... — fiz um gesto simulando um boquete, embora tivesse certeza de que eles já sabiam do que eu estava falando —, talvez vocês possam retribuir o favor.

Scott olhou para mim com um sorriso malicioso. Acho que ele pensou que eu tinha algo depravado em mente. (Devo acrescentar que foi um sorrisinho

do tipo “vai sonhando”, o que me deixou furioso.)

— Quanto você quer? — Nicholas perguntou, já puxando a carteira.

— Ah, tenha alguma dignidade! — Scott disse a ele.

— Eu não quero um centavo seu, Nicholas — falei e em seguida apertei os olhos. — Mas sabe do que o *Clover High Chronicle* precisa? De uma seção financeira e de uma edição semanal do departamento de artes corporais.

Eles se entreolharam e depois se viraram para mim.

— Você quer que a gente escreva para o seu jornalzinho *medonho*? — perguntou Scott, soltando uma risada abafada.

A expressão com que devolvi o sorriso deixou claro que não era brincadeira.

— Por quanto tempo? — perguntou Nicholas.

— Até a gente se formar e cada um ir para o seu canto.

— Eu prefiro que você simplesmente conte para a escola inteira — respondeu Scott com um olhar irritado.

— Cala a boca, Scott! — interrompeu Nicholas.

— Você vai falar *assim* comigo só porque *ele* está aqui?! — indagou Scott.

— Fechado! — Nicholas falou para mim.

Juntei as mãos como se tivesse fechado um ótimo negócio.

— Cavalheiros, apontem os lápis — disse a eles.

Então, a partir da semana que vem, Nicholas Forbes e Scott Thomas farão oficialmente parte da equipe do *Clover High Chronicle*! Eu ainda estou em choque. Isso é que é estar no lugar certo, na hora certa! Obrigado, Deus, e nem é o meu aniversário ainda!

Eu sei que obrigar dois garotos *gays* a fazerem coisas contra a sua vontade por medo de serem expostos parece um tanto cruel (uau, é isso o que eu estou fazendo?), porém não é algo tão malicioso assim. E deixe-me esclarecer uma coisa: eu sou um chantagista favorável à inclusão social.

Não me importa o que você seja — homo, hétero, bi, negro, branco, roxo, gato, cachorro ou pombo. Se você for um babaca arrogante para mim, serei o

mesmo para você. E esses caras já estavam pedindo fazia tempo.

Sinceramente, eles tiveram sorte de ter sido eu quem os flagrou. Se fosse outra pessoa, aí a coisa ficaria *realmente* feia para os dois. Esta cidade não é um bom lugar para... bom, para *aquilo*.

No entanto, tiro o meu chapéu para eles. Como descobriram um ao outro em meio às trincheiras da Clover High é um mistério. Chega a ser quase inspirador de certa forma. Demonstra que sempre existe algo ou alguém certo para você, desde que mantenha os olhos abertos.

Devo admitir, essa coisa de sexo é uma área da minha vida que eu ainda não investiguei totalmente. Por um motivo simples: acho que o sexo é superestimado. Sério, o sexo precisa realmente ser o fator por trás de absolutamente todo programa de televisão e enredo de filme que já se produziu neste mundo? Será que os personagens ou as pessoas já não vivem mais as coisas simplesmente pela experiência?

Eu já estou tão cansado disso que simplesmente parei de assistir à TV e aos filmes. Me diga *um* filme dirigido para a minha geração que fale sobre encontrar o próprio valor pessoal e atingir metas ao longo da vida. Se você conseguir, eu ficarei tão feliz que serei capaz de lhe retribuir com um soco na cara. Tudo agora gira em torno de quem está dormindo com quem, ereções e orifícios, ser hétero ou não ser hétero, blá-blá-blá... Já deu.

Uma vez, eu pensei que era *gay*, por uma semana (acho que todo mundo passa por isso na vida). Mas desconfio de que apenas achava repulsivas as garotas *à minha volta*. Quer dizer, vamos falar a verdade, com quem eu poderia me pegar no banco de trás do carro? Remy? Malerie? A srta. Sharpton? (Chega de enumerar, só de pensar estou ficando enjoado.)

E eu realmente quero que a minha primeira experiência sexual seja em Clover? Com uma pessoa a quem serei estranhamento ligado pelo resto da vida? Por que eu iria me dar a tanto trabalho e estresse se posso conseguir os mesmos resultados por conta própria?

Eu não me considero necessariamente virgem, provavelmente porque tenho

uma personalidade tão penetrante.

Quer saber por quem eu tenho uma queda? Rachel Maddow. Eu sei que sou jovem demais para ela, e que ela não joga no meu time, mas quer saber por que ela é a garota dos meus sonhos? Porque *inteligência* é sexy. Estar com alguém mentalmente consciente me deixa excitado.

Sinceramente, depois de assistir às brigas dos meus pais durante a maior parte da vida, eu nem sequer tenho certeza de que acredito em relacionamentos. Gosto de ser independente em todos os aspectos... Retiro o que disse. Agora estou parecendo um assexuado, ou um masturbador crônico. Talvez, o fato de crescer com essa gente tenha me deixado mais ferrado do que eu pensava.

Ah, sim, estou certo de que um dia entenderei essas coisas. Deixei-as de lado por enquanto, pois neste ano tenho um peixe maior para pescar. E, agora que Nicholas e Scott fazem parte do time do *Chronicle*, as coisas estão numa curva ascendente. (Sem trocadilho.)

Merda, ainda preciso fazer xixi. Vou segurar até chegar em casa — definitivamente nunca mais usarei aquele banheiro.

10/10

Convenci-os a me tirar da sala de detenção hoje. Não foi a primeira vez, e não será a última.

Eu estava na aula de Administração Pública, e o professor perguntou:

— Alguém sabe qual gestão foi apelidada de “Camelot”?

— A de Clinton? — perguntou Justin Walker, que se senta perto de mim.

— Não, essa aí foi *Come*-lot — eu disse e me matei de rir sozinho.

Deixe-me explicar por que criei uma situação ruim para mim mesmo. Primeiro, ninguém entendeu a piada, a não ser o professor. Segundo, ele ensina sobre o governo; portanto, não tem senso de humor.

— Venha falar comigo após a aula, senhor Phillips.

Então, depois que ele terminou a aula sobre a importância do sistema de três poderes, em que fez meia dúzia de piadas horríveis na tentativa de validar a própria existência através da conexão com os adolescentes, eu finalmente me aproximei da sua mesa.

— *Sim*? — comecei (o meu tom de voz poderia ter sido mais simpático).

— Você acha que aquela piada foi apropriada, senhor Phillips? — ele perguntou.

— Não — respondi. — Provavelmente, ela teria sido mais bem recebida na aula de história norte-americana.

Mais uma vez, nenhum sinal de senso de humor.

— Senhor Phillips, quantas vezes eu preciso lhe dizer que esse tipo de brincadeira é completamente inadequado?

E por aí foi. Eu simplesmente parei de escutar.

— Olhe, foi o senhor quem colocou Justin Walker perto de mim — falei. — Desde a escola primária, os professores ficam me empurrando esses lixos,

e eu nunca reclamei. Todo mundo acha que, se misturar os idiotas com os alunos brilhantes, a inteligência se espalhará, mas, em vez disso, todos os dias eu sinto que o meu QI se esvai da minha cabeça.

— Então, o que o senhor quer dizer? — ele perguntou.

— Quero dizer que, se todo o sistema educacional se concentra nas crianças que *deveriam ser deixadas para trás*, também deveria haver exceções para alunos como eu — expliquei. — E é assim que eu aprendo, com sarcasmo grotesco.

— Senhor Phillips... — disse o professor, dando um suspiro e esfregando os olhos.

Se esse cara pedir aposentadoria antecipada, talvez eu seja o responsável.

— Como a minha piada pode ter sido pior do que a que o senhor mesmo fez, comparando os três poderes do governo aos Três Patetas? Pelo menos, a minha era baseada em fatos históricos válidos.

— Saia daqui, Carson — disse ele e me enxotou pela porta.

Achei que a minha constante batalha contra o mundo iria continuar na aula de inglês, mas, quando cheguei lá, encontrei um bilhete sobre a carteira. Era um *post-it* em forma de coração: "Ei, garoto inteligente, tive um retorno da Northwestern. Venha me encontrar na sala de orientação quando puder. Abracinho, srta. Sharpton".

É claro que eu corri direto para lá — nem avisei o professor de inglês que estava saindo. Não era necessário; aposto que ele não iria discutir sobre algo em *Hamlet* que não tenha sido abordado nos últimos quatrocentos anos.

Fiz uma aterrissagem espalhafatosa no escritório da srta. Sharpton. Parecia que eu estava lá para receber o resultado de um teste de gravidez.

— Recebeu notícias da Northwestern?! — cheguei gritando.

A srta. Sharpton quase caiu da cadeira.

— Você quase me matou de susto!

Ela estava comendo um sanduíche que tinha duas vezes o tamanho do corpo dela. Apontou feliz da vida para um enorme copo verde com uma

estampa em que se lia CCC.

— Consegui o copo! — ela disse, toda entusiasmada. — É uma edição limitada, sabia?

Acho que a minha expressão deixou bem claro que eu estava pouco me lixando paro o maldito copo.

— Ok, sim, eu tive um retorno deles — recomeçou. — É uma faculdade toda chiquetê essa aí que você está querendo, não é? Eles até me botaram na espera quando eu liguei.

— E? — perguntei, suplicando-lhe com os olhos que fosse direto ao ponto.

— Bom, eles não me disseram se você foi aceito ou não — ela disse casualmente. — Mas a pessoa com quem falei disse que jornais e clubes escolares já não contam pontos na seleção.

Merda.

— Disse que, se você quiser mesmo causar impressão, terá que enviar algo além.

— Como o quê?

— Hum, eu escrevi aqui... — disse ela, lançando-me um olhar feio, brava por eu ter interrompido o seu almoço.

Eu revidei com um olhar que dizia: “Vadia, é do meu futuro que estamos falando. O seu sanduíche pode esperar”.

— Ok, vejamos... — ela falou enquanto folheava uma pasta que estava ao seu lado. Encontrou um papel minúsculo no qual rabiscara algumas palavras. — Você pode enviar um romance, um livro de poemas... Não consigo ler o resto, não estou entendendo a minha letra.

— Mas eu não sou romancista nem poeta. Sou *jor-na-lis-ta* — lembrei à mulher.

— Eu sei, eu sei — ela disse num tom jocoso. — Você é *jornalista*. Bom, mas e uma revista literária?

— Revista literária?

— É, aparentemente isso não é tão comum quanto um jornal escolar. Mas

uma revista com o seu trabalho e com o trabalho de mais alunos pode demonstrar que, além de escrever, você é capaz de incentivar os outros a escrever também — disse a srta. Sharpton num tom bem mais loquaz.

"Droooga", pensei. Porém, assim como um capitão que descobre estar seguindo a Estrela Polar errada, eu imediatamente orientei as velas para uma nova rota. Se aquilo aumentasse as minhas chances, por um oitavo que fosse, eu não tinha escolha senão assumir tal direção. E, como a Admissão Preliminar da Northwestern está marcada para quinze de novembro, terei que fazer isso bem rápido.

— Ok, vou fazer isso — disse em voz alta. — Mas como?

— Eu não sei por onde começar uma revista literária. — A srta. Sharpton ergueu os ombros, com a boca cheia de sanduíche. — Mas primeiro tente conseguir a permissão do diretor, porque às vezes ele é um *sacana*... — Ela ficou vermelha de repente, o que não combinou com todo aquele cor-de-rosa do ambiente — Hum, não foi isso o que eu quis dizer...

Ignorei-a. Minha cabeça já estava a mil, planejando um novo curso de ação.

— Ok — falei já a caminho da porta.

Tinha uma última coisa que eu queria dizer à srta. Sharpton, mas não conseguia me lembrar o quê.

— *Obrigado* — falei quando me lembrei.

Havia muito tempo eu não usava esse tipo de palavra.

Corri o mais rápido que pude em direção ao escritório principal.

— Você precisa de uma autorização para sair da aula — disse um monitor do corredor de calouros.

— Vá se catar! — respondi e continuei correndo.

Como conseguir a permissão do diretor? Ele é um homem difícil de dobrar.

O diretor Gifford é o homem mais alto que eu já vi na vida — um ex-atleta da série American Gladiators, na verdade —, e dá para ver que ele se arrepende profundamente de ter se tornado diretor do ensino médio.

É possível enxergar nos seus olhos que ele vive praticando os exercícios

mentais que aprendeu nas sessões de controle da raiva. Deve ser exaustivo ter uma vozinha dentro da cabeça que não para de dizer: “Inspire... expire... conte até dez”.

As coisas têm sido meio difíceis entre nós dois desde o ano passado, quando tentei convencê-lo a tornar a leitura do *Chronicle* obrigatória para alunos e docentes. Foi uma conversa interminável, e eu enviei para ele 1.893 *e-mails* durante esse período. No final, perdi, mas mantenho a sugestão.

Entrei correndo no seu escritório, que consiste em uma mesa e vários halteres, mas a única pessoa que estava lá era a sra. Hastings, a secretária.

A sra. Hastings é bem jovem e bonita, quase bonita *demais* para trabalhar como secretária da escola. Eu capto umas vibrações estranhas dela; umas vibrações que me dizem que ela testemunhou o namorado assassinar alguém numa cidade grande e que agora se esconde dele em uma cidadezinha... Talvez seja imaginação minha.

— Onde está o senhor Gifford? — perguntei.

— Ele acabou de sair — disse a sra. Hastings. — Ele tem uma consulta no urologista.

Nós dois arregalamos os olhos.

— Quer dizer, *dentista* — corrigiu ela e corou.

— E volta quando? — indaguei desesperadamente.

— Só amanhã.

— É uma emergência! O meu futuro está em jogo.

Ela olhou para mim com um pouco de medo.

— Bom, você pode tentar alcançá-lo. Ele deve estar no estacionamento...

Antes que ela terminasse a frase, eu já tinha disparado porta afora.

Corri até o estacionamento do corpo docente. De cara não o vi ali, e senti o coração afundar até o estômago. Então, de repente, lá na frente, enxerguei um movimento. Eu o havia confundido com uma árvore.

— Diretor Gifford! — gritei.

Ele parou e olhou sobre o ombro. Começou a andar mais rápido em direção

ao carro quando percebeu quem era.

— Diretor Gifford! Preciso falar com o senhor! — chamei, correndo. — Eu sei que o senhor está me vendo!

— Estou cansado. O que você quer, senhor Phillips? — ele perguntou, soltando um suspiro pesado. — Eu já disse que não podemos forçar os professores de inglês a usarem o *Chronicle* como referência, ou qualquer publicação tendenciosa.

— Eu não tenho absolutamente nenhuma objeção a isso — falei quando o alcancei. — Quero começar uma revista literária.

Ele abafou uma risada.

— Do que o senhor está rindo? — perguntei.

— Vou dizer uma coisa — começou ele. — Você pode fazer a sua revista literária. Por mim, você pode fazer até uma revista de caça. Mas não me peça dinheiro. A escola está falida.

Eu nem tinha pensado nisso. Normalmente, se preciso de papel extra para a impressão do *Chronicle*, invado a sala dos professores quando não há ninguém lá. Porém, esse projeto vai exigir muito mais do que papel, especialmente se eu quiser causar uma boa impressão junto à Northwestern. Talvez eu precise de uma gráfica.

Eu também precisarei de algum tipo de propaganda, alguns boletins para informar a escola sobre o que está acontecendo...

— Ótimo — falei. — Gostaria também de anunciar o fato na assembleia de amanhã. Acho que pode ser um bom começo.

Ele começou a balançar a cabeça.

— Só vai levar alguns segundos — insisti.

— Está bem — resmungou Gifford. — Isso pelo menos vai me render algumas risadas.

— Legal. Obrigado! — respondi, curvando-me numa estranha reverência.

Eu realmente não fui feito para essa coisa de “estar agradecido”.

Estava mais do que entusiasmado para contar a novidade à equipe do

jornalismo.

— Boas notícias, pessoal — disse a eles na aula. — Além do *Chronicle* e do Clube de Redação, estou começando agora uma *revista literária*. Bacana, não?

O silêncio foi ensurdecedor. Todos olharam para mim como se eu tivesse acabado de informar que tinha lepra.

— Nossa! — disse Dwayne. — Você realmente curte um constrangimento.

— Pensava que *eu* era a masoquista da turma — murmurou Vicki.

— Os Estados Unidos são o mais lindo... — declarou Emilio.

— Obrigado, estou bastante empolgado — falei. — Vou oferecer às outras pessoas da escola a chance de divulgarem o seu trabalho literário. Então, se algum de vocês tiver algo não jornalístico para enviar, já sabem onde me encontrar.

— Eu posso enviar os meus contos sobre crianças selvagens que vivem em uma ilha sem adultos? — Malerie perguntou entusiasmada.

— Não, Malerie — respondi. — Porque isso é *O senhor das moscas*.

Ela se afundou na cadeira e, junto com ela, o meu ânimo. Foi então que eu percebi que estava na fase da negação. Aquilo seria muito difícil.

No caminho para casa, entre uma dúvida e outra, ensaiei várias maneiras de pedir à minha mãe a grana para começar a revista (só uns duzentos contos, nada muito sério). Considerei esconder os remédios e então revendê-los a ela, mas a nossa casa era pequena demais para esconder qualquer coisa. Decidi que perguntar da forma mais *genuína* era a minha única opção.

Quando cheguei em casa, fui pego de surpresa pelo que encontrei ali. Tudo estava *limpo*. Os balcões estavam desocupados e lustrosos, os tapetes aspirados e a pilha de louça suja tinha desaparecido da pia.

Para a minha surpresa maior ainda, *mamãe* também estava limpa. Parecia ter tomado um banho e vestido uma roupa de verdade, para variar.

Claro, ela estava chapada e meio apagada no sofá — e foi assim que eu soube que estava na casa certa —, mas, antes daquilo, havia se recomposto.

— Mãe, o que aconteceu? Finalmente os agentes sanitários da cidade passaram por aqui, ou algo do gênero?

— O seu pai esteve aqui — ela disse com tristeza. — Estamos oficialmente separados agora. Ao que parece, alguns anos atrás, eu me esqueci de enviar de volta os papéis do divórcio. E ele me trouxe novos para assinar.

— O quê? — gritei, com dificuldade de processar a informação.

— Eu sou uma idiota, achei que ele só queria ver como nós estávamos — ela disse, mas eu já não estava prestando atenção. — O que você tem?

— Todo esse tempo, eu venho reclamando por viver em um lar despedaçado, quando, na realidade, sou apenas parte de uma família disfuncional — eu disse, decepcionado.

— Não se preocupe — mamãe falou. — Você ainda é um bastardo.

Dei de ombros. Acho que ela estava certa.

Não posso acreditar que foi preciso meu pai fazer uma visita para que a minha mãe agisse como um ser humano. Ela obviamente está de mau humor. Vou pedir o dinheiro depois do jantar.

10/10, DEPOIS DO JANTAR

Acho que acabei de presenciar o jantar mais bizarro da história da casa dos Phillips.

O jantar com a minha mãe costuma ser mais ou menos assim: eu faço uma piada sobre a comida, mamãe diz que eu sou grosso e que estou me transformando no meu pai, eu tiro sarro da sua falta de higiene. Mamãe me diz que faz o melhor que pode com o que a vida lhe deu, eu pergunto se é a vida que anda escondendo o seu xampu, e então lavamos a louça.

Perfeitamente normal, certo? Bem, o jantar de hoje definitivamente não seguiu esse modelo.

Começou quando a minha mãe exclamou do nada:

— Você precisa tomar antidepressivos!

Eu tirei os olhos do milho e os ergui lentamente. Apesar de ser a única pessoa na sala além da minha mãe, fiquei na dúvida se ela estava falando comigo.

— De jeito nenhum! Você já toma remédio por nós dois.

— Você não está deprimido?

— Neste momento, tendo esta conversa? Sim — falei. — Todo mundo fica deprimido: é uma emoção. Hoje em dia, as pessoas recorrem a remédios antes de encarar os próprios problemas.

— Às vezes, os remédios são a única solução — ela disse, tentando justificar a si mesma.

— Você está me deprimindo agora. Quer dizer então que, se eu tomar um remédio, você vai desaparecer? — perguntei.

— Isso foi desnecessário! — disse mamãe, lançando-me um olhar torto.

— Assim como a maioria das receitas médicas! — retruquei. — Estamos

vivendo em uma sociedade medicada. Começamos por medicar as crianças com TDA, uma característica que *todas elas têm*, e a coisa não acaba até que se morra.

— *Você* tomou remédio para TDA quando criança e acabou virando alguém mais ou menos decente.

— Não, não tomei.

Ela devia estar enganada. Não tenho lembrança alguma de ter tomado qualquer tipo de remédio durante a minha infância, nem mesmo vitaminas.

— Eu o escondia na sua comida.

Quase engasguei. Ela estava de brincadeira, certo?

— Eu achava que era simplesmente calmo e maduro para a minha idade.

— Não, você era medicado — mamãe falou com indiferença. — Quando o seu pai e eu demos início ao divórcio, você começou a fazer tantas perguntas que achamos mais fácil sedá-lo do que responder a elas.

Quase engasguei de novo, mesmo sem ter comida na boca. Deve ser mesmo verdade; mamãe desaprendeu a fazer piadas desde que o meu pai foi embora.

Todos aqueles anos que passei julgando os meus colegas por brincarem de pega-pega no jardim, por desenterrarem minhocas e comê-las, por pintarem fora da linha nos livros de colorir — tudo isso foi induzido por medicação, não era superioridade.

— Bom, o jantar não fica completo enquanto você não destrói a minha infância, não é mesmo? — comentei.

Pensei que àquela altura já não tinha mais nada a perder. O que pode abalar mais o jantar do que descobrir que você foi drogado durante toda a infância? Então pedi o dinheiro:

— Preciso de dinheiro — soltei.

— Eu já lhe dou mesada — mamãe retrucou.

— Preciso de mais dinheiro, uns trezentos dólares — esclareci. E continuei antes que ela pudesse reagir: — Quero começar uma revista literária na

escola e vou precisar de dinheiro para imprimir os primeiros cem exemplares.

— Não.

Ela nem sequer considerou a possibilidade.

— Ah, faça-me o favor! — eu disse. — Eu sei que você está montada na grana. O vovô morreu e deixou tudo para nós.

— Resposta errada — mamãe disse num tom de programa de auditório. — Ele deixou tudo para mim, e, para você, o carro.

— Mas e o meu fundo da faculdade? — perguntei.

— Você mesmo disse: *faculdade*!

Ela não estava para negociação.

Eu quis sair correndo dali e gritar: "POR QUE TUDO NESTE MUNDO ESTÁ CONTRA MIM? EU SÓ QUERO IR PARA A FACULDADE, NÃO PARA A PORRA DA LUA!". Mas continuei sentado.

Devo ter puxado a teimosia da minha mãe. A única forma de negociar com pessoas como nós é na base do toma-lá-dá-cá; eu precisava barganhar.

— Ok — falei, sentindo o estômago embrulhar diante daquilo que estava prestes a propor. — Se eu começar a tomar antidepressivo, você me dá o dinheiro para a revista literária?

Ela olhou para mim, avaliando silenciosamente a oferta.

— Fechado — disse. — Agora me passe o sal.

Será que alguém neste mundo já fez um acordo parecido com a própria mãe? Começar a tomar medicação controlada em troca de dinheiro? Foi a minha primeira vez. Mas uma coisa é certa: se a *enfermeira Ratched* pensa que eu realmente vou tomar as pílulas da felicidade, está redondamente enganada.

Pedi licença da mesa de jantar logo em seguida. Pode me chamar de louco, mas perdi o apetite ao descobrir que a mulher que prepara as minhas refeições costumava botar droga nelas.

Meu Deus! Por que a minha vida precisa ser um romance de Robert Ludlum?

Tudo bem, vamos ver onde parei com essa merda de revista literária: permissão do diretor? Resolvido. Custeio do projeto? Resolvido. Participação dos colegas? Jesus amado, como vou fazer isso?

11/10

A CUngregação foi hoje. Não foi um erro de grafia; eu digo “CUngregação” porque enfatiza a repugnância das figuras que participam dela. Até os zeladores agem como babuínos, e metade deles é deformada por causa da artrite.

O evento aconteceu no auditório, como sempre. Eu particularmente acho muito difícil evocar o espírito estudantil em um ambiente usado pelos Alcoólicos Anônimos às segundas-feiras e pelos velhinhos do Pilates da Terceira Idade nos finais de semana.

O conselho de alunos fica no palco durante a assembleia, como a realeza que supervisiona a plebe. Não é difícil me localizar lá em cima. Basta procurar pelo cara que está encarando fixamente o teto com olhos do tamanho de uma bola de tênis, sem movê-los por nada nesse mundo: esse sou eu.

O treinador Colin Walker foi a primeira pessoa a falar para a multidão púbere, inquieta nos assentos.

— Quando olho para este salão, lembro-me de quando era capitão do time de futebol da Clover High. Foi a primeira vez que a Clover High chegou ao primeiro lugar do condado invicta!

A macacada foi à loucura. Eu estava entretido demais com um painel do teto, que tinha uma mancha peculiar. Será que era um vazamento de ar-condicionado ou urina de rato?

— E agora, como treinador, tenho orgulho em dizer que mantive esse título para a Clover! — continuou Colin, sendo ovacionado pela plateia em pé.

Em lágrimas, uma das alunas gritou:

— Eu te amo, treinador Colin!

Grande coisa! Só temos três escolas no condado, e uma delas é para jovens refugiados.

— Amanhã à noite, no jogo do festival, vamos mostrar para a Lincoln High quem é que manda! — Colin falou, erguendo o punho fechado no ar. Eu não sabia que ele era integrante dos Panteras Negras. — Vamos dar uma de John Wilkes Booth para cima da Lincoln High!

O alvoroço que seguiu o discurso foi tão barulhento que fiquei surpreso com o fato de os painéis manchados de xixi de rato não despencarem. O treinador Colin saltou do palco e correu de mãos espalmadas no meio da multidão, cumprimentando as pessoas antes de deixar o auditório.

Não quero ofender ninguém, mas devo dizer que, enquanto assistia ao discurso do treinador, não pude evitar a lembrança daqueles vídeos antigos do History Channel em que Hitler motiva os nazistas. Ambos são agentes da lavagem cerebral, encorajadores da destruição do vizinho e merecedores do meu mais profundo ódio.

Por falar em coisas que odeio, Remy era a próxima a subir ao palanque. Foi preciso empilhar três listas telefônicas para que ela alcançasse o microfone.

— E aí, galera! — esganiçou Remy, ganhando uma generosa rodada de aplausos. Talvez o meu anúncio corresse melhor do que eu imaginava. — Então, eu tenho boas e más notícias. Tivemos uma falha de comunicação no anuário deste ano.

Me aprumei na cadeira. Sabe de uma coisa? Esta merda é o que alimenta a minha existência.

— A publicação vai se chamar *Anuário escolar da Glover High*, por causa da péssima caligrafia de uma caloura cujo nome eu não vou dizer. Mas rima com *Dally Desterfield* — anunciou Remy, lançando um olhar perverso para Sally Chesterfield, que estremeceu na primeira fileira.

Da última vez que eu tinha visto Sally, ela pesava fácil uns noventa quilos, mas agora não passava dos cinquenta. Deve ter sido uma semana difícil.

— A boa notícia é que eu consegui baixar o preço do anuário em dez

dólares! — falou Remy, feliz da vida. — Então, eles vão custar sessenta dólares cada, em vez de setenta. As encomendas antecipadas continuam.

Ela terminou, e agora era a minha vez de falar. Eu tinha uma única chance de inspirar as pessoas da escola a contribuírem para a revista literária. Uma única chance de cimentar a base do meu futuro...

— Olá, futuros fazendeiros e presidiários! — falei ao microfone. — Eu sou Carson Phillips, do *Clover High Chronicle*, e tenho notícias bastante animadoras para vocês! Neste ano, pela primeira vez na história, a Clover High vai publicar uma *revista literária*!

Bati palmas logo depois do anúncio. Fui o único.

— Eu sei que a maioria de vocês nem sequer sabe ler, que dirá escrever — continuei. — Mas, a todos os escritores secretos que se encontram por aí, por favor, peço que depositem qualquer trabalho original na caixa de contribuições que fica do lado de fora da sala de jornalismo, e ele será publicado. Poemas, ensaios, contos... listas de sucessos do momento, qualquer coisa.

Eu estava me sentindo como George W. Bush em um auditório de São Francisco. Foi estranho, bem estranho.

— Obrigado — acrescentei diante da multidão insistentemente silenciosa. — Deus abençoe.

Ok... Algumas coisas que aprendi depois de discursar na assembleia. Regra número um: conheça a sua plateia. Regra número dois: se abrir o discurso com uma piada, certifique-se de que ela não ofenderá a todos os presentes. E regra número três: *NUNCA, EM HIPÓTESE ALGUMA, DISCURSE EM UMA ASSEMBLEIA! MAS O QUE PASSOU PELA MINHA CABEÇA?*

Fiquei completamente desolado até o fim das aulas, quando passei para recolher o material da caixa. Estava pesada e cheia! Talvez eu tivesse inspirado as pessoas, afinal.

Trouxe-a para dentro da sala de jornalismo. Malerie estava lá, ajudando a construir o nosso carro para o festival — o qual vai ficar espetacular! Mal

posso esperar para vê-lo pronto.

— Estou tão empolgada com essa festa! — ela falou. — O nosso carro alegórico vai ficar impecável!

— É, o povo vai adorar! — comentei, abrindo a caixa de contribuições.

O ambiente foi instantaneamente tomado por um odor grotesco. Uma família de moscas voou da caixa e invadiu a sala. A caixa de contribuições havia sido usada como lixeira de não recicláveis.

Papéis de bala, guardanapos, chicletes mascados, restos de hambúrguer e de alguma coisa que mais parecia um aborto de fundo de quintal preenchiam o recipiente, mas não havia uma única contribuição literária.

— Ah, não! — disse Malerie. — "Revista *lixerária*".

Ela apontou para a lateral da caixa, onde algum imbecil expressara a sua criatividade com canetinha.

— Típico — falei, sentando-me ao seu lado. — Não sou capaz nem de administrar um jornal nesta escola. Não sei por que pensei que pudesse começar uma revista literária.

Senti uma onda de derrota percorrer o corpo. O luminoso letreiro em neon que costumava brilhar na minha cabeça com o nome da Northwestern de repente se apagou. Era como se tudo tivesse acabado, como se não houvesse nada mais que eu pudesse fazer; eu simplesmente tinha que aguardar sentado que a carta de admissão chegasse da *maneira tradicional*. Era a pior sensação do mundo — eu me sentia como uma *pessoa comum*.

— Não se cobre tanto — disse Malerie. — Se conseguiu fazer Nicholas Forbes e Scott Thomas participarem do *Chronicle*, você é capaz de qualquer coisa.

— Eu estou chantageando os caras — admiti. — Peguei os dois brincando de Lewis e Clark no banheiro dos meninos. Nem me pergunte o resto.

Eu sei que prometi a eles não dizer nada, mas era Malerie. O segredo de ambos estaria bem guardado com uma garota que ainda acredita em Papai Noel.

— Ah — disse Malerie. Ela demorou para entender o que eu quis dizer com Lewis e Clark. — Está acontecendo muito disso por aqui, não? Eu peguei o treinador Walker e Claire Mathews mandando ver no vestiário masculino.

Estiquei-me todo na cadeira, como um suricato assustado.

— Eu vou lá de vez em quando para pensar — Malerie falou e logo ficou vermelha.

— O quê? Eu achei que ela estava namorando o *Justin* Walker — eu disse.

— Deve ser uma situação estranha.

Imediatamente me veio à cabeça uma cena do jantar da família Walker. Claire sentada entre Colin e Justin. Ambos colocam a mão na sua coxa dela e vão subindo devagarinho até se *encontrarem ali no meio*. (Essa imagem não me saiu da cabeça o dia inteiro, igual a uma música ruim da Ke$ha!)

Para piorar, Malerie me mostrou o vídeo do flagrante. Quando eu disse que ela filma absolutamente tudo, eu quis dizer *tudo* mesmo.

O que poderia ter sido o filme de sexo mais excitante de todos os tempos, uma perfeita capitã das líderes de torcida com o treinador na sala dele, depois da aula, acabou sendo uma das cenas mais deprimentes que já vi na vida: Claire deitada embaixo de Colin, checando o estado das unhas por trás das costas do treinador enquanto ele se empurrava sobre ela como um cachorro com artrite.

Isso é o suficiente para fazer qualquer pessoa chorar lágrimas de sangue e valida todas as minhas opiniões sobre sexo no ensino médio.

— Pena que eles não sejam escritores — disse Malerie. — Se eles entrassem para a revista literária, todo mundo entraria também. Com certeza ela venderia muito.

Olhei bem para Malerie. Será que ela estava insinuando o que eu pensei?

— É uma coisa para se pensar, na verdade — continuou Malerie. — Todo mundo esconde alguma coisa, até Claire Mathews.

Estava!

— É, suponho que você esteja certa.

Se não estivesse tão abalado com o ocorrido na assembleia, eu talvez pensasse mais no assunto, mas o impulso de arrancar os meus próprios olhos depois de ver aquele vídeo ocupou todo o espaço da minha mente.

Malerie e eu terminamos de pintar as peças do carro alegórico. Acho que vai ficar bem legal quando o montarmos. Com a graça de Deus, alguém verá a nossa obra amanhã à noite e ficará inspirado a participar do Clube de Redação. E talvez — talvez — também fique inspirado a enviar uma contribuição para a revista literária.

13/10

São três horas da manhã, e eu não consigo dormir. Nunca fiquei tão furioso. Mal posso me mexer; estou deitado na cama, apenas *pensando... e recapitulando... e maquinando*.

Depois dos acontecimentos de hoje na assembleia da escola, eu não tenho mais certeza nem mesmo de que sou um ser humano. Sou uma criatura feita inteiramente de raiva e de humilhação. Fiquei tão mortificado que achei que a minha telecinesia iria entrar em ação e matar todo mundo. Esse pensamento me faria sorrir se eu ainda me lembrasse de como fazê-lo.

Infelizmente para mim, e felizmente para todos aqueles bastardos, a minha telecinesia se conteve. O ginásio da morte de Sissy Spacek em *Carrie* e o carrossel da cremação de Jean Grey em *X-Men 3* não seriam nada comparados ao que eu teria feito.

Tudo parecia normal. A aula foi tranquila. As trincheiras não estavam tão fedorentas. Eu finalmente entendi a matéria de Álgebra 2. Estava de *bom humor*! Deveria saber que o dia estava prestes a virar um desastre.

Encontrei Malerie no campo de futebol depois da escola para montarmos o nosso carro alegórico. Pouco a pouco, erguemos a nossa obra de arte. Fizemos um caderno gigantesco que abria e fechava de verdade; na capa, estava escrito “Clube de Redação” e, no interior, “O clube certo para você!”.

Chegamos a nos fantasiar para acrescentar um elemento teatral. Eu era um gigantesco lápis número dois e Malerie, um caderno espiral.

— Não estou muito segura quanto ao nosso visual — ela disse. — Essas linhas horizontais não me favorecem muito.

— Você está ótima, Malerie — falei.

Eu não tinha gastado duas horas na criação daquele caderno para ela dar

para trás justo *agora* (foram duas placas de papelão e uma Mola Maluca, se você estiver procurando ideias para uma festa a fantasia).

Depois do toque final, demos um passo atrás para admirar o nosso carro. Claro, não tínhamos orçamento para um Coliseu de Roma ambulante, como as líderes de torcida, nem recursos para alugar um Corvette, como fizeram os imbecis do anuário, mas estávamos orgulhosos de nosso trabalho mesmo assim.

Eu tentei vender algum espaço para que os comerciantes locais anunciassem, mas não consegui nenhum cliente.

Claire Mathews, de vestido cor-de-rosa e sandália de salto fino, se aproximou do nosso carro. Ela era uma das indicadas ao prêmio de rainha do festival e tinha grandes chances de vencer — afinal de contas, ela era a responsável pela contagem dos votos.

— Você está horrível — eu disse.

O insulto, vindo de um material escolar gigante, não a deixou muito feliz.

— Por que eu não posso usar uma fantasia como a dela? — Malerie me perguntou.

— Eu não sei o que você está usando, mas tenho más notícias — Claire falou. — O caminhão que iria puxar o carro das líderes de torcida quebrou, então vamos pegar o de vocês.

Ela sorriu, fez um gesto com a cabeça e tentou se afastar.

— O que foi que você disse? — eu indaguei, soltando fumaça de verdade pelas orelhas.

— Desculpe — disse Claire, olhando para mim —, mas o festival não é nada sem o carro alegórico das líderes de torcida.

— Vá pegar o caminhão dos atletas — ordenei. — Eles se orgulham de ficar correndo por aí feito mulas, mesmo!

— Desculpem, essa é a minha decisão final — ela falou com um sorriso tão falso que o meu olho esquerdo começou a tremer.

Em seguida, saiu rebolando como se estivesse na passarela.

Senti as vísceras ferverem. Era como se a minha raiva fosse um *chef* a cozinhar as minhas entranhas. Ela não podia fazer aquilo comigo — era a minha última chance de transformar a revista literária em realidade. Comecei a andar de um lado para o outro, pensando numa tática.

— Que pena — disse Malerie. — Pelo menos foi divertido montar o carro.

— Não — falei e imediatamente me paralisei. — Eles vão ver o nosso carro nem que para isso eu tenha que morrer.

Disparei em direção aos outros veículos. Encontrei uma corda descartada pelas animadoras. De repente, uma lâmpada se acendeu na minha cabeça, como o luminoso de um hotel vagabundo. Tive uma ideia!

Aposto que você pensou que eu fosse sair correndo e enforcar alguém. De fato, essa foi a minha primeira ideia, mas resolvi seguir a segunda. Voltei ao nosso carro e amarrei a corda na parte da frente.

"Poderia funcionar... Talvez funcione", pensei comigo. Daquele momento em diante, o meu corpo era pura adrenalina. Eu era o Incrível Hulk. (O Hulk de Mark Ruffalo, não dos outros panacas.)

A noite caiu... O jogo começou... Os fogos explodiram no céu (o que me fez presumir que estávamos ganhando, ou então que tínhamos aderido a uma guerra qualquer)... A banda esquentou a multidão com músicas melosas dos anos setenta... E a festa começou.

Há momentos na vida em que pensamos "Ah, meu Deus, isso está mesmo acontecendo? Eu vou mesmo fazer isso? É assim que as pessoas se lembrarão de mim para o resto da vida?". Pois era um desses momentos e, infelizmente para mim, bastante real; eu realmente fiz aquilo — e é como serei lembrado pelo resto da vida.

Visualize a cena: eu, um lápis miserável, *puxando* o carro alegórico do Clube de Redação no meio do campo de futebol, sozinho. Imagine agora Malerie, vestida de caderno, operando o outro caderno gigante em cima do nosso carro e acenando para a multidão. Agora, visualize a plateia inteira berrando descontroladamente com a passagem das líderes de torcida e, em

seguida, caindo num silêncio sepulcral ao notar o nosso carro.

A única coisa que se escutava eram os meus grunhidos e xingamentos enquanto empurrava o carro.

— Aê! Clube de Redação! U-hu! — gritava Malerie entusiasmada, continuando a acenar.

Um zunido de risos abafados começou e cresceu até se transformar em uma erupção de risadas, que logo evoluiu para uma explosão de gargalhadas. Todos — pais, alunos, docentes etc. — apontavam e riam histericamente da minha cara.

— *VÃO SE FERRAR!* — gritei para eles.

Completei o percurso. Eu suava em bicas, o rosto tão vermelho quanto Marte e as mãos em carne viva por causa da corda. Então, senti o corpo enrijecer de tal forma que já não conseguia mais andar.

Arranquei a fantasia de lápis, entrei no meu carro e me mandei do estacionamento dos alunos. *Nem dei seta.*

Dirigi a cento e cinquenta por hora até a minha casa. Falando assim, parece muito rápido, mas o velocímetro do carro está quebrado, então na verdade não passei de noventa ou cem quilômetros.

Cheguei em casa, fui direto para o quarto e me joguei na cama. O deboche dos meus colegas, somado aos comentários desencorajadores de todos os outros e aos meus próprios pensamentos de dúvida, se reproduziram sem parar na minha cabeça.

“Desculpe, mas o festival não é nada sem o carro alegórico das líderes de torcida.”

“Ninguém lê o *Chronicle* mesmo.”

“A turma de artes usa para fazer machê.”

Eu pensei no conselho de alunos... pensei no *Chronicle*... pensei na srta. Sharpton e na minha mãe... pensei na minha avó e em Malerie.

“Você é jovem e ingênuo. Todos aqueles sonhos... ainda parecem possíveis.”

“O *i* é um número imaginário.”

Eu jamais conseguiria produzir a revista literária agora. Fiz tudo o que podia nessa vida. *Menos uma coisa... Tem uma coisa que eu ainda não tentei...*

“Se conseguiu fazer Nicholas Forbes e Scott Thomas participarem do *Chronicle*, você é capaz de qualquer coisa.”

“E é por isso que eu não vou votar no Nixon. Aquele homem é um safado!”

“Todo mundo esconde alguma coisa.”

Antes mesmo que eu pudesse pensar direito sobre a ideia, agarrei o telefone e liguei para Malerie.

— Malerie, é o Carson. A operação *Clovergate* está em ação.

Eu já havia decidido antes mesmo de pegar o telefone. Cansei de ser paciente. Cansei de ser legal. Cansei de deixar os outros pisarem em mim.

Segunda-feira pela manhã, eu terei as contribuições para a revista literária, nem que tenha de chantagear a escola inteira.

15/10

CLOVERGATE — PRIMEIRO DIA

Saí mais cedo da aula de química para colocar o plano em ação com Malerie. Atravessei o pátio e a encontrei na aula de artes. Os alunos estavam fazendo esculturas; a de Malerie era um busto do Pernalonga.

— Malerie, vamos! — gritei da porta. — É hora do Clovergate!

— Mas eu estou no meio da escultura — ela disse, olhando à volta em busca do professor de artes.

Antigamente, o homem dava aula de marcenaria. Ele usa um tapa-olho e tem quatro dedos a menos. O fato de Malerie cabular a aula era a última das suas preocupações.

— Malerie, não é hora para escultura!

Ela parecia um filhote confuso no meio de um cruzamento. Juntou as suas coisas com os cotovelos, porque as mãos estavam cobertas de argila.

— Ei, olhem só, o homem-lápis do festival da escola! — gritou algum imbecil.

Cumprimentei-o com o dedo do meio, e fomos embora.

Na sala de jornalismo, Malerie e eu preenchemos uma lousa enorme com o Clovergate. Pregamos nela as fotos de quem seriam as primeiras vítimas: Claire Mathews, treinador Walker, Remy Baker, Nicholas Forbes, Scott Thomas. Eu tinha expectativas bastante altas.

— Capture a rainha, e a colônia virá em seguida — declarei.

— É! — disse Malerie. — A menos que as formigas se revoltem e matem a rainha, como fizeram na minha fazenda de formigas.

Acrescentamos ao quadro dois integrantes: Vicki Jordan e Dwayne Michaels. Como eu havia dito, sou um chantagista favorável à inclusão

social; os meus alvos não se restringem aos indivíduos mais populares. Além disso, achei que os dois podiam conferir uma diversidade interessante à revista.

— Como vamos conseguir chantagear todo mundo? — Malerie perguntou.

— Eu conheço os podres da maioria deles — falei. — Mas não tenho muita certeza de alguns. Colombo também não tinha certeza se a América existia de fato. E sabe o que ele fez ao chegar aqui?

— O quê?

— Escravizou todo e qualquer índio que encontrou.

— Ah! — exclamou Malerie, dando mais uma olhada no quadro. — Fiquem espertos, seus indiozinhos.

— Alguns serão mais fáceis do que outros — eu disse enquanto decidia quem atacar primeiro. — Lembre-se, Malerie, se alguma coisa acontecer comigo durante a missão, você será responsável pelo *Chronicle* e pelo Clube de Redação.

Ela abriu uma boca enorme e arregalou os olhos. Eu tive de explicar que estava parcialmente brincando e que a minha vida não estava em jogo.

— Por quem começaremos? — perguntou Malerie.

Me aproximei da lousa e examinei o sorriso empolado de Remy na foto.

— Vou começar com o Frodo aqui — determinei. — Ela está na minha aula de inglês, no próximo período.

Algumas semanas atrás, eu me deparei com um nome de usuário estranho no *site* da Clover High: “GarotaAnuario69”. Não pensei muito no assunto; talvez fosse uma caloura vagabunda qualquer a mando de Remy. Porém, quem quer que fosse, deixou comentários bastante irritados em quase todas as páginas: “Por que as serventes do refeitório precisam participar da noite do pijama, na escola? Elas não podem ficar na cozinha, apenas?”. Esse era um dos muitos comentários desagradáveis. “Odeio as serventes do refeitório mais do que odeio a guerra!”

Será que Remy estaria dando uma de Voltaire? Durante o fim de semana,

enquanto pensava em maneiras de chantageá-la, enviei uma mensagem privada para a GarotaAnuario69 a fim de testar a minha teoria:

badboy2012 diz: ei, gata, adoro ler as suas ideias no site da chs. a gente pensa igual.

Alguns minutos mais tarde, ela respondeu:

garotaanuario69 diz: superobrigada. q bom q pelo menos alguém percebeu kkkkk.

Esperei mais alguns minutos para bancar o difícil e ver se ela escreveria mais alguma coisa.

garotaanuario69 diz: kem é vc kkkkk?
badboy2012 diz: gosto de usar minha identidade secreta; igual ao batman. mas com um abdome mais sarado.

garotaanuario69 diz: gosteiiii! eu tb gosto d mistério kkkkk

Não sei o que havia de tão engraçado. Será que ela estava mesmo rindo o tempo todo?

garotaanuario69: vc me manda 1 foto do seu abdome?

Copiei e colei uma foto do tronco do Taylor Lautner (rezo para que ninguém encontre vestígios dessa busca no meu histórico).

garotaanuario69 diz: @q#$tweryj#%&!!! vc é msm real?

badboy2012 diz: muito.

Parei a conversa aí. Então, hoje, durante a aula de inglês, enquanto todos os alunos mexiam nos seus *laptops*, decidi conferir se estava certo a respeito de

Remy. Estava poucas carteiras atrás dela e tinha uma visão clara do seu computador.

BadBoy2012 enviou uma mensagem para GarotaAnuario69. Uma janela se abriu na tela de Remy. *Bingo!*

badboy2012 diz: o que você está vestindo?

Eu vi a nuca de Remy corar.

garotaanuario69 diz: praticamente nada.
badboy2012 diz: manda uma foto!

Remy olhou em volta da classe para se certificar de que ninguém a estava observando. Eu me afundei atrás do computador quando o seu olhar veio na minha direção. Olhei mais uma vez, e vi que ela buscava uma foto no seu arquivo.

A foto de Remy seminua com uma cara *sexy* surgiu no meu monitor. Aquilo já era suficiente para transformar uma freira em uma ateia. Fechei o *laptop*, corri para fora da sala e vomitei na lata de lixo mais próxima. Estou sendo dramático — não vomitei, mas senti o gostinho azedo.

— Senhor Phillips, o senhor está bem? — a professora de inglês perguntou quando voltei à sala.

— Temo ter sido transformado para sempre — respondi.

Retornei ao meu lugar. Remy voltou os olhos para mim quando passei por ela. *A garota não tinha a menor ideia do que acabara de causar a si mesma*.

Depois da aula, encontrei Remy sentada em um banco, sozinha. Sentei-me ao seu lado, mas não consegui olhar nos seus olhos. Acho que nunca mais conseguirei.

— Pois não, Carson, posso ajudá-lo? — ela perguntou grosseiramente.

Entreguei-lhe sorrateiramente um grande envelope pardo. Dentro, havia cópias impressas das conversas entre BadBoy2012 e GarotaAnuario69.

Ela ficou em silêncio por um longo minuto e meio. Com o canto do olho, vi

os papéis que ela apertava na mão começarem a tremer. Remy olhou para mim como se eu lhe houvesse revelado que o seu pai fizera uma bem-sucedida cirurgia de troca de sexo enquanto ela estava na aula.

— Você é o BadBoy2012? — ela choramingou.

— Eu não consigo mais olhar para você — respondi. — Não que fosse fácil antes.

Tirei do bolso traseiro um folheto amarelo brilhante e o entreguei a ela. Saí antes de ela abrir. O folheto dizia: É COM SATISFAÇÃO QUE CONVIDAMOS VOCÊ A PARTICIPAR DE UM ENCONTRO OBRIGATÓRIO NA SEXTA-FEIRA, NA SALA DE JORNALISMO, DEPOIS DA AULA.

Eu precisava garantir que a comunicação fosse sutil, caso alguma das minhas vítimas tentasse me delatar. Mas, se o horror de Remy queria dizer alguma coisa, eu não tinha o que temer.

Parei no banheiro masculino, imaginando que pudesse matar dois coelhos com uma cajadada só. Não me surpreendi ao ver Nicholas e Scott saindo da cabine quase ao mesmo tempo. Eles provavelmente tinham dado uma rapidinha.

— Ei, Siegfried — eu disse a Nicholas, entregando-lhe o folheto amarelo. — Você também, Roy — falei, dirigindo-me a Scott, a quem também entreguei uma cópia. — Divirtam-se!

Acho que terei aqueles dois na palma da minha mão até ir embora para Illinois, por isso não perdi tempo lhes explicando as coisas.

Fui para a sala de jornalismo e desenhei um xis nas fotos de Scott e de Nicholas. Na de Remy, desenhei vários xis, porque ainda era difícil olhar para a cara dela.

Voltei para casa com um sorriso de orelha a orelha. Três abatidos, só faltam mais quatro! O primeiro dia do Clovergate foi um sucesso!

16/10

CLOVERGATE — SEGUNDO DIA

Acordei esta manhã (o que nunca deixa de ser algo bom) e decidi atingir os alvos fáceis da missão Clovergate. As chantagens de ontem funcionaram tão bem que eu não quis botar o carro na frente dos bois. Então, hoje o meu foco está em Vicki e Dwayne.

Era hora do almoço, e todos os paquidermes da escola grunhiam no pátio. Encontrei Malerie atrás da Cafeteria Dumpster. Ninguém podia imaginar o estávamos tramando.

— Você conseguiu o material? — perguntei a ela.

— Sim — disse Malerie. — E não foi nada fácil.

Ela retirou da mochila um saquinho Ziploc cheio de... *coisas*.

— Bom trabalho! — exclamei. — Vamos procurá-lo.

Dwayne estava sentado a uma das mesas sombreadas do pátio. Se este fosse um bairro, os bancos sombreados seriam considerados “o lado de lá dos trilhos”. É para lá que vão todos os preguiçosos no horário do almoço. E lá eles comparam os seus machucados causados por tombos de *skate* e compartilham técnicas de construção de bomba.

Malerie analisou o ambiente com um olhar preocupado.

— Está tudo bem, Mal — falei. — Apenas me siga. Policial bonzinho e policial malvado, lembra?

— Sim — ela disse, apertando os lábios. — Vamos nessa.

Aproximamo-nos de Dwayne e, do outro lado da mesa, nos inclinamos na sua direção; o interrogatório havia começado.

Ele tirou os olhos do esboço que desenhava: um esquilo armado com granadas de nozes. (Achei inteligente, mas não era o momento de elogiar o

inimigo.)

Joguei o saco plástico sobre a mesa.

— O que é isso? — perguntou Dwayne, batendo no invólucro com a caneta.

Malerie explodiu em risadas e então imediatamente fechou a cara numa expressão séria.

— Ah, meu amigo, *você sabe o que é isso*.

Aparentemente, ela era o policial malvado.

— Você esqueceu isso na sala de jornalismo — falei.

Ele olhou para nós dois sem qualquer expressão no rosto. Não sei se estava confuso ou se era a sua cara normal.

— Vocês queriam um pouco? — perguntou, e um sorrisinho brotou na sua cara de bobo.

Malerie olhou para mim; não tínhamos nos preparado para essa resposta. Balancei a cabeça na sua direção: “não perca a linha”.

— Se fôssemos alunos responsáveis, levaríamos isso às autoridades estudantis — ela ameaçou, apontando violentamente para trás.

Ela acabou indicando o armário do zelador, mas Dwayne entendeu a essência da coisa.

— Opa, opa, opa! — ele disse, e a sua expressão se transformou como nunca. — Eu vou escrever aquela crítica que você me pediu, está bem?

— Agora é tarde — falei num tom sinistro, jogando o folheto sobre a mesa.

Agarrei o saco plástico e saí andando. Achei que uma ação diria mais do que palavras. Malerie continuou lá, apontando para ele. Precisei voltar para buscá-la.

— Ótimo trabalho, Malerie! — eu disse assim que voltamos à sala de jornalismo.

— *Não me venha com essa!* — ela berrou, e eu dei um pulo de susto. Malerie ainda estava agressiva. — Desculpe, eu tenho dificuldade para sair do personagem.

— Tudo bem. Por falar nisso, o que havia no saquinho?

— Farelo de Cebolitos, pontas de lápis e barbante.

— Então essa é a cara da marofa? — perguntei.

— Marofa? Pensei que você tivesse dito “farofa” — Malerie falou, olhando para o chão em seguida, como se a resposta para a sua confusão estivesse ali.

— Não faz diferença, ele caiu — eu disse, e ela voltou a sorrir.

Fui até a lousa do Clovergate e desenhei um xis enorme na foto de Dwayne. A de Vicki era a próxima.

— Qual é o seu plano para Vicki? — Malerie perguntou.

Nesse, eu realmente precisei pensar. Vicki seria uma pessoa difícil de chantagear; ela era tão abertamente problemática. O que a garota com crucifixos invertidos e broches da “Satanfest 2011” espetados na mochila escondia das pessoas na escola?

Então, um pensamento me ocorreu: Vicki talvez não esconda nada dos colegas, mas e dos *pais*? A menos que ela seja filha adotiva do Ozzy Osbourne e da Lily Monstro, os seus pais certamente não aprovam aquele comportamento.

— Você sabe o nome dos pais da Vicki? — perguntei a Malerie.

— Eu sei! — ela respondeu. — Martha e Jebediah Jordan. Eu costumava frequentar as aulas dominicais da mãe dela, até que a minha família se converteu ao preguicismo.

Eu quase dei uma estrela ali mesmo.

— *Perfeito!* — gritei.

Pulei imediatamente na frente do computador e digitei “Satanfest 2011” no Google. Nunca pensei que o broche tivesse algum significado — assim como os anéis de pureza do Clube do Celibato —, mas eu estava errado... e o que vi ali me fez desejar estar certo.

É um encontro anual que reúne, no centro de convenções do parque de diversões, todas as pessoas realmente retardadas de tudo quanto é condado da região. A julgar pelas fotos, os participantes ouvem *heavy metal*, fazem

piercings, compram todo tipo de acessórios feitos com correntes, comparam maquiagem de olho e bebem lágrimas de crianças inocentes (esta última foi pura conjectura, não tenho provas).

Infelizmente, as fotos se tornavam cada vez piores. A certa altura, vi algo parecido com uma cabra embaixo de uma toalha de mesa cercada por um círculo de velas. Felizmente, a nossa Vicki parecia ser a musa do fotógrafo. E, infelizmente de novo, vi muito mais dela do que gostaria.

Apertei diversas vezes o botão de imprimir do teclado e outras tantas a tecla delete do meu cérebro.

— Pensando agora no assunto, acho que o *preguicismo* não é de fato uma religião — Malerie disse a si própria. — Acho que os meus pais simplesmente odiavam a igreja.

Ela balançou a cabeça de um jeito sério e convincente.

— É, acho que sim — eu falei, também balançando a cabeça.

Busquei as fotos na impressora e fui ao encontro do meu próximo alvo.

Posso gastar um só minutinho da sua atenção para agradecer à internet? É sério, sem ela e sem a necessidade dos adolescentes de botar na rede fotos provocativas de si mesmos, toda essa empreitada do Clovergate não teria sido possível!

Encontrei Vicki mais tarde, na aula de Zoologia Avançada. Fiquei surpreso ao saber que ela também frequenta esse tipo de aula — e também completamente intrigado. Será que estava pesquisando diferentes animais para sacrificar?

Sentei-me de frente para ela, que me encarou como um lobo. Aquilo também me intrigou, porque Vicki geralmente faz a mesma cara quando está feliz ou furiosa.

— Pois não? — perguntou.

— Eu estava pesquisando sobre cultos de idolatria a Satã no Google, um *hobby* que tenho, e dei de cara com isto aqui — falei, apontando as fotos. — Dê uma olhada nesta! É você com o chicote na boca, não é? E *esta* então?

Você montando em alguns caras! Demais! Que tal esta? É uma cabra? Ou Lúcifer apareceu e ninguém me contou?

— Por que você está me mostrando isso? — Vicki perguntou.

Ela era muito boa no jogo do "não estou nem aí".

— Só estou tentando protegê-la, Vicki — expliquei. — Eu detestaria se isso fosse acidentalmente enviado por *e-mail* para a sua mãe, sabe? Aliás, ela ainda dá aulas dominicais na Igreja Batista Brighter?

Vicki ruborizou; estava tão atônita que quase parecia viva. Arrancou as fotos da minha mão. Lancei-lhe um sorriso maléfico do qual ela deve ter sentido inveja e lhe entreguei o folheto amarelo.

De volta à sala de jornalismo, desenhei um xis na sua foto, e Malerie e eu chegamos até mesmo a dar um *high-five*.

O segundo dia do Clovergate foi ainda melhor do que o primeiro! Eu estava arrepiado, como supostamente acontece quando uma alma penada passa por você, mas sabia o que esse arrepio queria dizer: a minha carta de aceitação da Northwestern estava a caminho.

Pensando agora, acho que nem fui à aula hoje. Ah, mas tudo bem, depois falo que tive um desarranjo. Sempre funciona.

Ainda não mencionei o truque do "desarranjo"? Ah, é genial! É só dizer ao seu professor ou orientador que você faltou porque teve um "desarranjo". É específico e ao mesmo tempo vago demais para que lhe façam outras perguntas.

Eles não podem lhe dar advertência por ter diarreia. É praticamente infalível. O que vão dizer? "Não acredito, você vai ter que mostrar"?

Não que eu seja a favor de matar aula ou de chegar atrasado, mas, se por acaso você se achar em uma enrascada (do tipo em que se mete quando tenta chantagear os colegas em uma única semana para melhorar as chances de entrar na universidade dos seus sonhos), é uma ótima saída. Aviso: use o truque com moderação. Ou então eles o mandarão para a nutricionista da escola e pedirão um exame de urina. Não me pergunte como eu sei.

17/10

CLOVERGATE — TERCEIRO DIA

Claire Mathews e o treinador Colin eram as únicas vítimas que faltavam. Eu deixei a parte difícil por último; queria primeiro aquecer os meus músculos chantageadores antes de correr a maratona. (Eu realmente disse isso? Quem sou eu?)

Passei metade do dia andando de um lado para o outro na frente do quadro do Clovergate. Eu sabia o que tinha contra eles. Sabia como usá-lo contra eles. E sabia o que dizer a eles. Mas *como* eu diria a eles?

— Ei, Carson — chamou Malerie. — Por que Justin Walker não está no quadro? E que tal a líder de torcida que falou para todo mundo que os seus peitos eram de verdade, daí levou um chute durante uma confraternização pré-jogo e ficou com a camisa encharcada de silicone? Eles me parecem bons candidatos.

— Não se preocupe, eles também vão entrar para a revista — falei. — Se eu conseguir fazer a Claire e o Colin comerem na minha mão, todos os outros atletas e animadoras comerão também.

— Você será tão poderoso — disse Malerie. — O que é engraçado, porque você sempre me lembrou um pouco a Margaret Thatcher.

— Obrigado? — respondi.

Tomara que ela tenha dito isso porque eu uso muito azul.

Juntei as duas últimas cópias do folheto amarelo e deixei a sala de jornalismo. Decidi começar por Colin. Ele seria o primeiro membro do corpo docente que eu tentaria chantagear, então havia uma dose extra de ansiedade.

Fui até o campo de beisebol. Colin tinha acabado de dar a aula de Educação Física.

(Isto foge do nosso assunto, mas eu quero que você faça uma coisa por mim. Pegue uma foto de alunos do ensino médio no pátio durante a EF e outra de presidiários vagando no pátio da cadeia e coloque-as uma ao lado da outra. Olhe para as duas. Você enxerga a diferença? Não? É PORQUE NÃO EXISTE!)

Respirei fundo e me concentrei. Para reunir coragem, imaginei os meus primeiros passos no *campus* da Northwestern. Fui até o treinador.

— Ei, Colin! — chamei.

— Os testes para o time de futebol já acabaram, filho — ele respondeu sem ao menos olhar para mim, aquele palhaço.

— Não, obrigado, eu prefiro que as minhas córneas sejam retalhadas com papel — disse a ele. — E, por favor, não me chame de "filho". Você se formou quando eu era calouro, lembra? Eu dei aulas de reforço de biologia para você.

— Você é aquele moleque do jornal, não é? Veio aqui para me entrevistar?

— Não — respondi. Era melhor atacar rapidamente: — O *Clover High Chronicle* não tem uma seção de esportes, mas a seção estatutária está livre.

Ele largou o taco e as bolas que carregava.

— Não sei do que você está falando.

A forma como ele olhou para mim, no entanto, como uma cobra venenosa, me disse outra coisa.

— Acho que você sabe.

A cabeça dele parecia prestes a explodir. Fiquei feliz por ele ter largado o taco.

— Você está me acusando de alguma coisa, moleque?! — Colin gritou, dando um passo na minha direção.

Eu levantei a mão para bloquear os perdigotos, e o meu movimento, tal qual o de um Jedi, o paralisou.

— Não vamos brincar de pergunta e resposta, certo? — falei. — Esse é um esporte em que eu acabaria com você. Vou direto ao ponto. Sei sobre você e

Claire Mathews e tenho um vídeo para provar. Se eu divulgar o seu conteúdo, você perde o emprego, os troféus, a reputação e nunca mais poderá pisar nesse mundinho do ensino médio que tanto adora.

Relembrando agora, eu provavelmente deveria ter abordado o sujeito em uma área mais povoada. Colin poderia ter facilmente quebrado o meu pescoço ali mesmo e me enterrado debaixo do morrinho do arremessador. Mas, em vez de me matar, ele simplesmente recuou e ficou quieto. Foi um pouco triste.

— O que você quer?

Entreguei-lhe o folheto. Só faltava o cara começar a chorar.

— Eu quero que você esteja *lá* nesse horário — falei. — E também quero fazer uma recomendação para que você não durma com as alunas. *Uma forte recomendação.*

Saí correndo dali, principalmente para não correr o risco de ser morto, mas também porque o meu trabalho com Colin havia terminado. Voltei para o jornalismo e passei o xis na sua foto. Só restava uma vítima. Só *uma*!

É muito difícil encontrar Claire sozinha, por um instante que seja. Ela é uma espécie de Hillary Clinton da Clover High. Devo tê-la seguido pela escola durante o dia inteiro. Nem cagar ela caga sozinha — junta um grupo de damas de companhia que a acompanha ao banheiro. Eu sempre suspeitei que ela nem sequer limpa a bunda por conta própria.

Eu não queria perder mais tempo. Decidi por fim escrever-lhe um bilhete no canto do folheto amarelo, algo que, eu sabia, ela não deixaria outras pessoas verem.

“Como é ser a namoradinha dos Walker?” dizia a mensagem. Torci para que ela notasse o “s” estrategicamente colocado.

Mais tarde, depois da aula, encontrei-a com as líderes de torcida, que ensaiavam uma pirâmide na quadra. Aproximei-me e sutilmente lhe entreguei o folheto amarelo. Ok, talvez eu também tenha cantarolado: “Dois, quatro, seis, oito, alguém aqui é fã de coito!”. Não resisti.

— Seu babaca! — ela disse.

Seus olhos enormes ficaram ainda maiores quando leu o folheto. Acho que o “s” funcionou! *A abelha-rainha agora comia na minha mão*.

Voei para a sala de jornalismo. A trilha de *Rocky* não saía da minha cabeça. A parte mais difícil havia acabado! *Eu estava quase lá!* Tudo o que me restava agora era esperar a reunião de sexta-feira para dizer às vítimas do Clovergate o que eu queria delas.

Eu posso não ter nenhuma contribuição para a revista literária ainda, mas tenho a atenção de todos, e isso já é uma vitória!

18/10

CLOVERGATE — CUARTO DÍA

Se eu havia achado que a noite em que flagrei Nicholas e Scott era o meu aniversário, então hoje deve ser Natal. *Feliz navidad* para mim! Você vai entender toda essa loucura espanhola em um minuto, não se preocupe...

Deixe-me iniciar este registro dizendo que enfrentei várias questões morais desde que comecei essa brincadeira de chantagem. Até mesmo eu, Carson Phillips, calejado e virtualmente desalmado, tenho consciência. Tudo teve início, é claro, com Nicholas e Scott no banheiro, e venho me remoendo desde então.

Essas pessoas transformaram a minha vida em um inferno nos últimos quatro anos? *Sim.* Essas pessoas merecem ser tratadas dessa maneira? *Na minha opinião, sim.* Eu sou uma pessoa horrível por fazer isso com elas? *Talvez.* Isso é a coisa mais egoísta que eu já fiz até hoje? *Sem dúvida alguma.* A culpa que estou começando a sentir será capaz de suprimir o bem maior que estou tentando alcançar? *Espero que não.*

Eu sou o herói ou o vilão da história? De que lado ficará o autor da minha biografia não autorizada?

Também me preocupo constantemente com a repercussão disso tudo. E se eu for pego e carimbarem "chantagista" no meu histórico escolar? Será que a Northwestern me aceitaria com um currículo manchado? Se não aceitar, eu ficarei *realmente* preso a Clover para sempre.

Esse tipo de pensamento provoca um pavor deprimente em mim, e eu chego a pensar que não deveria ter jogado na privada os comprimidos que mamãe me deu.

É um jogo muito arriscado, e as apostas são altas demais. Mas ninguém

chega a lugar algum se ficar parado, é o que fico me lembrando a todo momento. O que estou fazendo agora pode ser egoísta e errado, porém estou fazendo pelas razões certas. Isso valida tudo, não?

Sempre achei que iria direto para o inferno e depois desta semana devo ter traçado o meu destino de vez. Tenho certeza de que Vicki também estará lá; talvez no inferno eu finalmente consiga fazê-la escrever alguma coisa.

Só espero que exista um *Diário do Inferno* para o qual eu possa escrever. Eu faria editoriais espirituosos, como: “Inferno: será o inverno da fúria?”, e talvez atualizações semanais sobre quem está torturando quem. Acho que encontrarei uma vasta quantidade de executivos e políticos para entrevistar. Não haverá nenhum grupo religioso para se sentir ofendido, então imagino que poderei escrever sobre o que quiser. Talvez não seja tão ruim.

Espera aí... Eu realmente estou descrevendo o *inferno* como algo positivo? Uau, tem sido uma semana daquelas mesmo.

Mas então, depois de todas essas dúvidas, preocupações e premonições macabras, chega o dia em que sinto que Deus está do meu lado. Como se Ele estivesse sentado em uma nuvem e dissesse: “É isso aí, minha criança, continue fazendo o que está fazendo!”.

E hoje *essa* mensagem me chegou praticamente amarrada com um laço de fita vermelha. Explico...

Já que obtive bastante sucesso com os folhetos, fui até a sala dos professores para tirar cópias de um cartaz que fiz para divulgar a publicação da revista literária. Talvez eu tenha sido ingênuo, mas achei que estaria tão ocupado com a revista nas próximas duas semanas que não teria tempo de tirar as cópias mais para a frente.

Já faz dois anos que tapei a fechadura da sala dos professores com fita adesiva, e até hoje ninguém notou. Fui até a copiadora e me deparei com um aviso por escrito: PROIBIDO O USO POR ALUNOS.

Aquilo claramente era dirigido a mim. Arranquei o papel e imprimi quinhentas cópias. Não deixaria escapar um único canto da escola.

Enquanto esperava a impressão terminar, ouvi uma barulheira vinda da sala do almoxarifado, que fica ao lado.

— Entre aqui, rápido! — disse uma voz feminina.

— *¿Dónde está la estación de tren?* — um homem perguntou.

Há uma minúscula janela sem função que dá para o almoxarifado (o que inspirou a minha teoria de que a Clover High foi um hospício no passado). Espiei através da janela e, entre as prateleiras de material escolar, pude enxergar Emilio bastante entretido com a *sra. Hastings! A secretária do sr. Gifford!*

— Eu posso ser demitida por isso! E realmente preciso do convênio odontológico! — ela sussurrou para Emilio enquanto ele lhe beijava a nuca.

— *Necesito tomar prestado un libro de la biblioteca* — o rapaz disse apaixonadamente.

Ela o jogou contra a prateleira de lápis e grampeadores. Foi meio excitante.

— É normal os homens ficarem com mulheres mais velhas na sua cultura, não é? — perguntou a sra. Hastings, demonstrando de repente algum peso na consciência.

— *Tenemos varias alpacas en la granja de mi padre* — continuou Emilio.

A sra. Hastings agarrou-o pelo pescoço e deu-lhe um beijo vigoroso.

— Eu não entendo uma palavra que você está falando, mas você é muito gostoso! — ela disse, enfiando o rosto dele entre os seus seios. — E jovem, e bronzeado, e importado! Eu me sinto um personagem de *Comer, rezar, amar*!

— *¡Por favor, pásame un pedazo de pollo frito!* — grunhiu Emilio.

Espera aí! *Pollo?* Quem é que pensa em frango num momento desses?

A sra. Hastings lhe deu um tapa na cara.

— Você está me falando baixaria? Adoro umas palavras sujas!

Ela o jogou contra a bobina de papel pardo. Eu estava começando a sentir pena do Emilio. Ele estava levando uma surra desgraçada da mulher. Talvez a minha teoria sobre a sra. Hastings estivesse errada; talvez o namorado tenha fugido dela.

— Você é um *gringolícia*! Adoro! — ela gritou.

A respiração dos dois ficou cada vez mais ofegante, eles puxavam os cabelos um do outro, as suas línguas estavam coladas — era *Cinquenta Tons de Gringo*!

— Senhora Hastings? — chamou uma voz do lado de fora da sala dos professores.

— *Estou chegando!* — ela falou, e estou certo de que a frase teve duplo sentido.

Emilio tentou segui-la, mas ela o impediu e então desapareceu no corredor. Queria que ele lavasse as mãos para que eu pudesse cumprimentá-lo. Até *eu* precisava de um cigarro depois daquilo.

O celular dele tocou.

—*¿Hola?* — ele atendeu. Olhou em volta para se certificar de que estava sozinho. Eu me enfiei atrás da copiadora. — E aí, cara, beleza?

"Espera aí", pensei comigo mesmo, "ele acabou de falar em...?".

— Nada, eu só estava dando um malho com a secretária — ele disse em perfeito... *inglês*! — Só falta uma para eu bater o recorde, cara! Nesta manhã, eu literalmente dei uma de "orador" da turma!

Ele olhou para cima e me viu do outro lado da janela. *El panico loco*.

— Já te ligo, cara — disse Emilio.

Nós. Precisamos. Conversar. Gesticulei para ele.

Enviei imediatamente uma mensagem de texto para Malerie. Achei que poderia precisar de uma ajudinha.

malerie: estou fazendo o simulado do vestibular.

carson: já cansei das suas desculpas, malerie!

Dez minutos depois, Malerie e eu estávamos na sala de jornalismo, apontando uma lâmpada forte para a cara de Emilio. A câmera de Malerie também apontava na sua direção. Parecia *Law & Order,* só que não tão

previsível.

— Então, *Emilio*, há quanto tempo você é *um aluno de intercâmbio sexual*? — perguntei, sentindo-me inteligente. — E, se eu fosse você, não bancaria a *Maria do Bairro*. Malerie é nível quatro de espanhol; ela detectará o seu falso espanglês de cara.

— *Sí* — concordou Malerie. — Também sou fluente em celta e élfico. Agora, desembucha! O que é que você está escondendo? — Malerie claramente voltara ao personagem. — Esse nome "Emilio" é real?

O rapaz se afundou na cadeira e abaixou a cabeça, envergonhado.

— Meu nome verdadeiro é Henry Capperwinkle — ele disse. — Eu sou de San Diego, e não de El Salvador.

— Sea World! Eu sabia! Ele cheira a golfinho! — Malerie falou. — O que mais? Fale a verdade!

Eu só fiquei parado enquanto ela fazia a sua mágica.

— Tudo o que sei de espanhol é do nível um do *Rosetta Stone*, que por sinal eu roubei — disse Henry. — Eu só falo as mesmas dez frases, e ninguém percebe. As pessoas daqui são completamente idiotas!

— Hum — falei.

Enfim, um comentário interessante.

— Por favor, não contem para a família que me recebeu.

— Mas por que você está fazendo isso? — perguntei, muito mais intrigado do que ressentido.

Você me conhece: eu meio que respeito qualquer pessoa que burle o sistema em vantagem própria.

— Como assim? Por poucas centenas de dólares por mês eu consigo casa e comida — ele disse, perdendo o foco em seguida. — E *mulheres*. As garotas não pensam em outra coisa quando veem um cara falando espanhol. Basta um pouquinho de "*rrrrrr*", e elas ficam loucas.

— Agora tudo faz sentido — disse Malerie. — Todos aqueles cartões digitais do *Doctor Who* que eu lhe enviei em espanhol não significaram nada

para você!

— Desde quando você está fazendo isso? — perguntei.

— Já faz alguns anos — Henry falou. — Foi ideia de um amigo meu. Ele frequenta a Lincoln High. Os caras pensam que ele é nigeriano. Ele é branco feito arroz, mas ninguém comenta com medo de parecer racista.

Eu fiquei só olhando. Estava completamente impressionado, mas não iria demonstrar.

— Cara, você não pode me culpar — ele disse.

— Na verdade, eu posso — respondi. — Posso culpá-lo *mucho*.

Por sorte, eu ainda tinha um folheto amarelo, que havia guardado para fazer um álbum.

— Isto aqui é para você.

Depois da escola, Malerie e eu pregamos a foto de Emilio no quadro do Clovergate e a adornamos com um xis. O quarto dia do Clovergate foi um sucesso inesperado!

Yo soy un afortunado hijo de puta!, o que, de acordo com a tradução do Google, significa: “Sou um filho da mãe sortudo!”.

19/10

CLOVERGATE — QUINTO DIA: A REUNIÃO

Hoje é o dia: ou vai ou racha.

Não preguei o olho na noite passada. Fiquei me mexendo e me revirando, pensando nos rumos terríveis que essa reunião poderia tomar se não transcorresse como eu pretendia.

Qualquer um pode saber os podres de alguém. Mas como eu convenceria aquelas pessoas de que era capaz de usá-los contra elas? E se todos simplesmente se recusassem a cooperar? Será que eu iria mesmo expor os seus segredos? As pessoas da escola acreditariam em mim? Eu não sou exatamente a *Miss Simpatia*.

Eu poderia entregar o segredo de uma só pessoa e ver se ele se espalhava. Será que eles participariam com mais afinco se vissem a vida de um dos amigos ser completamente arruinada? Qual deles eu usaria como cobaia? Eu seria mesmo capaz de arruinar a vida de uma pessoa? E, se fosse, eu não estaria me rebaixando ao nível deles?

O trabalho era a minha cara. Eu tinha de persuadir a todos de que era influente sobre o corpo estudantil e ao mesmo tempo convencê-los de que era desalmado o bastante para espalhar os seus segredos — uma coisa muito difícil de fazer quando você é o único editor de um jornalzinho escolar fracassado.

Durante todo o dia, senti dores horríveis no estômago e no peito. Estava tão nervoso que fiquei com medo de ter um desarranjo de verdade.

Não desgrudei os olhos do relógio. Finalmente, o último sinal tocou e a aula terminou. Tinha chegado a hora.

Fui até a sala de jornalismo e dei uma arrumadinha no espaço enquanto

esperava. Eu estava extremamente empolgado com o fato de ter visitas. Nunca consegui juntar mais do que sete pessoas ali. Considerei até sair para comprar aperitivos, mas lembrei a mim mesmo de que aquilo não era uma festa.

Obriguei Malerie a ficar comigo e me dar apoio. Ela parecia mais nervosa do que eu. Pegou um banquinho e empoleirou-se num canto da sala, assistindo a tudo através da lente lateral da filmadora.

Estava começando a ficar tarde, e o fim de semana se aproximava. Já fazia quase uma hora desde o fim das aulas, e nenhuma das vítimas do Clovergate aparecera.

Será que ninguém estava me levando a sério? Será que eu não representava uma ameaça minimamente remota para eles e para a sua reputação? Estariam todos juntos em um lugar qualquer simplesmente rindo dos meus folhetos amarelos?

Mais alguns minutos de preocupação, e eu percebi que estava dando crédito demais aos meus colegas. Um por um, eles começaram a pipocar na sala de jornalismo.

Vicki e Dwayne foram os primeiros.

— Ora, ora, ora — eu disse — Já era hora.

Eu agi com bastante reserva e tranquilidade; não sei de onde veio toda aquela calma.

— Relaxa. Tivemos de passar na sala da detenção — disse Vicki.

Detenção! Todas as vítimas tiveram que fazer alguma atividade depois da escola; afinal, era por isso que eles eram quem eram. Eu havia me esquecido.

Claire foi a próxima a chegar.

— Ah, não — ela disse assim que botou os olhos em Dwayne e Vicki.

A princesinha não gostava de estar na companhia da plebe.

Nicholas e Scott chegaram em seguida. *Vocês estão de brincadeira, Nick e Scott? Os dois me aparecem juntos numa reunião em que estão sendo chantageados justamente por estarem juntos?* Mas depois me dei conta de

que eles *sempre* estão juntos. Como é que ninguém nunca ligou os pontos? O pior casal de enrustidos do mundo!

Remy apareceu em seguida e ficou petrificada ao ver o restante do conselho de alunos. Os membros se cumprimentaram cordialmente com gestos de cabeça, mas ainda assim foi estranho — como encontrar os seus colegas de igreja no Hooters.

O treinador Colin foi o próximo. Ele e Claire nem se olharam. *Espertos.* (Tomem nota, Nick e Scott! É *assim* que se disfarça uma amizade colorida!) Colin foi o único a reparar no quadro do Clovergate. Eu me esqueci de tirá-lo dali.

Estavam todos quietos. Eles trocavam olhares do tipo "Você também?". Era evidente para mim que a pergunta "Por que eles estão aqui?" consumia cada um.

Emilio... quer dizer, Henry... seja lá quem ele for... chegou por último. Todos olharam para ele e, depois, para mim. "Até ele?"

Tranquei a porta e fiquei diante da sala. O meu coração estava praticamente pulando corda dentro do peito.

— Olá a todos, sejam bem-vindos à sala de jornalismo — falei.

— Seu fascista! — disse Remy.

— *¡Inodoro!* — completou Emilio.

— Já chega de xingamentos! — eu falei. — A coisa vai ser rápida e indolor. Todos vocês estão aqui porque sei os podres de cada um.

Eles resmungaram e bufaram como um bando de coiotes afetados.

— Eu *sei* por que eu estou aqui e tenho certeza de que todos nós sabemos por que *Dwayne* está aqui — disse Vicki. — Mas e o resto de vocês? — ela terminou, dirigindo um olhar assustador para Claire.

— Isso só eu preciso saber, e ninguém mais saberá se tudo sair conforme planejado — respondi.

— Isso é um absurdo! — disse Nicholas. — Sem falar que é ilegal! Você sabe quantos advogados a minha família possui? *Sete.*

Os demais pareceram concordar com ele.

— *¡Enséñame los pompones!* — Emilio falou.

Eu tinha acabado de juntar todos ali, não podia perdê-los ainda.

— Se qualquer um de vocês quiser *compartilhar* o seu segredo, por favor, sinta-se à vontade para fazê-lo e para deixar este grupo — declarei.

Silêncio mortal. Todos se entreolharam. Sem dizer uma palavra, cada um incentivava o outro a ser o primeiro. Para a minha sorte, eram todos orgulhosos demais para fazer isso.

— É, eu achei que não — falei.

— Estou atrasado para o ensaio de *Olá, Dolly!* — disse Scott. — O que você quer?

— Como todos sabem, estou começando uma revista literária.

— E você quer que a gente compre a sua revista?! — Claire disse ironicamente.

Eu fiquei puto. Ela realmente achou que eu passei por tudo aquilo só para *vender* algo? Ela é que foi idiota por transar com o treinador, não eu!

— Não, Claire — esclareci. — Eu jamais esperaria que vocês reconhecessem uma publicação inteligente, que dirá comprá-la? Mas os seus amigos e família? Sim! E por quê? Porque vocês todos estarão nela. Eu quero uma contribuição literária de cada um.

Falei o que tinha para falar, e todos ganiram como as cadelas choronas que são.

— Então é disso que se trata? — riu Dwayne.

— Isso é ridículo — Vicki falou.

— *¡Tu aliento huele a animales de la granja!* — esbravejou Emilio.

— Espera aí, eu nem sou aluno daqui — manifestou-se Colin, sentado no fundo.

— Exatamente por isso eu quero algo a mais de você — eu disse a ele, apontando para Claire em seguida. — E de você. Quero uma contribuição de cada jogador de futebol e de cada líder de torcida.

Começaram a chover reclamações. Eles achavam que eu estava enlouquecido com uma viagem totalitária qualquer. E, para ser honesto, estava mesmo.

— *Você* não pode me obrigar, obrigar a minha equipe ou qualquer pessoa a fazer isso! — gritou Claire. O seu tom de voz era tão agudo e estridente que eu pensei que a sua cabeça iria se soltar do pescoço. — Existe uma razão por que você e a *Preciosa* aí no canto são os únicos membros do seu clube, e a razão é que todo mundo odeia vocês dois. Mesmo que você espalhe para a escola qualquer *informação* que tenha sobre nós, ninguém vai acreditar, está entendendo?

Os outros se manifestaram e balbuciaram o seu apoio. Scott fez um solo de aplauso. Remy balançava a cabeça como se acompanhasse o baixo de uma música de *hip-hop*. Malerie ficou olhando para trás, à procura da Preciosa.

A minha postura começou a murchar. Eu tinha medo de que isso acontecesse. As reclamações ganharam cada vez mais volume, e eu me afundei na insegurança. Estava acontecendo. O meu maior medo: eles estavam percebendo que eram mais numerosos e que eu não poderia derrotá-los.

Senti o suor se formar na minha testa. Todos balançavam a cabeça e reviravam os olhos, furiosos por perderem a tarde de sexta-feira. Alguns se levantaram para sair da sala... e foi então que eu *surtei*.

Senti uma onda de adrenalina me tomar por inteiro. Eu já não era mais o vulnerável Carson Phillips, nem sei direito quem eu era naquele momento.

— *Sentem-se!* — ordenei.

A minha voz saiu tão aguda que os assustou. Ninguém soube o que fazer senão seguir as minhas instruções. Eu estava com a faca e o queijo na mão, e a faca estava afiada. Todos os anos que passei engolindo a merda dessa gente me levaram a esse momento, e eu virei o vulcão d'*O inferno de Dante*.

— Durante anos, eu fui cutucado e espetado pelo seu tridente, sua cretina! — gritei para Claire a plenos pulmões. Ainda não sei de onde vieram as

palavras. — Você me bateu com esse tridentezinho até que eu chegasse ao fundo da cadeia alimentar do ensino médio, mas isso já foi longe demais! Você acha que eles não vão acreditar em mim? *Pois eu faço eles acreditarem!* Ou você não acha que as pessoas desta escola só estão esperando uma desculpa para se voltarem contra você?

Os olhos dos demais ficaram do tamanho dos testículos de uma baleia.

— Claro, eles me odeiam — continuei. — Mas isso porque eu sou a única pessoa da cidade com um QI maior do que o número que calça e não hesito em lembrar às pessoas esse fato! Então, vá em frente, minha querida. Eu não vou mais aceitar esse tipo de intimidação. Não tenho nada a perder e tenho muito a ganhar, e, desta vez, *nenhum de vocês me impedirá!*

Toda a cor se esvaiu do rosto de cada um deles. Estavam mais pálidos do que a primeira fileira da Convenção Nacional Republicana. Eles estavam na palma da minha mão, *finalmente*! Mas continuei a atuação improvisada. Fui até a minha mesa e peguei a primeira pilha de papel que encontrei.

— Vocês precisam de exemplos? Então tomem alguns exemplos! — falei e comecei a arremessar os papéis na sua direção. — Poesias, contos, ensaios, roteiros, romances, *qualquer coisa*! Escrevam qualquer coisa, desde que seja com as suas palavras e que esteja nas minhas mãos o mais rápido possível. *Escrevam sobre o ódio que sentem por mim! Detalhem o quanto querem me matar!* Combinado? *AGORA SAIAM JÁ DA MINHA SALA!*

Havia tanto sangue correndo nas minhas veias, que mal consigo lembrar o que aconteceu em seguida. Só sei que eles fugiram daquela sala mais rápido do que um rato foge da toca dos gatos.

Alguns minutos mais tarde, o *alter ego* do Incrível Hulk se apagou, e eu voltei lentamente à razão. O coração ainda estava disparado, e as gotas de suor escorriam pelas minhas costas. Duvido que sexo seja melhor do que a minha sensação naquele momento.

— Malerie? — chamei, ainda em choque. — Você *escutou* o que eu disse? Você me *viu*? Foi incrível! Eu *consegui!*

Não houve resposta.

— Malerie?

Olhei à volta, mas eu estava sozinho na sala. Assustei até mesmo Malerie, que correu junto com os outros. Tudo bem.

Fui até a lousa do Clovergate e arranquei todas as fotos desfiguradas. Escrevi, triunfante: “Revista Literária de Clover High: aceitamos contribuições”.

Northwestern, prepare-se! Ano que vem, Carson Phillips está chegando... e ele está *surtado*!

24/10

Tive um sonho incrível no final de semana. Estava no elevador. Ele subia cada vez mais alto. E eu pensava se aquilo ia parar algum dia.

Eu era mais velho, não sei quão mais velho. Tudo estava ligeiramente mais escuro do que de costume por causa dos óculos exclusivos que eu usava. Olhei para baixo e notei que a minha roupa era um terno superdescolado, daqueles feitos sob medida.

As portas do elevador se abriram, e me vi na *New Yorker*.

Todos se apavoraram ao me ver chegar. No início, eu estava confuso. Havia acabado de reparar nas minhas roupas, então sabia que não era um sonho *pelado-em-público*. À medida que eu caminhava pelo corredor, todos os funcionários se intimidavam. Então compreendi: eles tinham medo de mim porque eu era o chefe! Senti-me a própria Miranda Priestly em *O diabo veste Prada*.

— Desculpe-me, senhor Phillips, não estávamos esperando que o senhor chegasse antes do meio-dia — disse Remy. Ela estava alarmada e usava um microfone tipo *headset*; era a minha recepcionista. — Devo antecipar a sua reunião com o presidente Maddow?

Suspirei profundamente.

— Eu disse que chegaria mais cedo do que o normal. Não fui claro? Um editor deveria poder ir e vir como bem entendesse, sem ter que pagar pela incompetência alheia — falei a ela.

Eu era o *editor chefe* — e era um *canalha*. Foi ótimo.

— Senhor Phillips, aqui está o seu café! — disse Claire, correndo na minha direção com uma xícara fumegante.

— Está do jeito que eu gosto, Mathews? — perguntei sem fazer contato

visual.

— Sim, senhor, grãos da Mongólia moídos na hora, duas colheres de creme, um cubo do seu açúcar preferido zero caloria não cancerígeno e meia dose de Jack Daniel’s.

— Obrigado — falei.

Tomei um gole e imediatamente joguei o resto da xícara na cara de Remy.

— Eu mereci — ela disse. — Ah, senhor, a sua mãe ligou. Aparentemente, ela acordou do coma.

Resmunguei.

— Então diga para aumentarem a dosagem novamente. Eu os pago para que a mantenham comatosa — determinei.

Empurrei com força a colossal porta dupla que dava no meu escritório. Remy e Claire não tinham autorização para me seguir.

O lugar era do tamanho de um pequeno país. Havia colunas douradas e um imenso piano. *E eu nem toco piano!* As paredes eram cobertas de certificados de doutor *honoris causa* e fotos em que eu aparecia entediado ao lado de entusiasmados presidentes e primeiros-ministros e da Madonna.

As janelas iam do chão ao teto, e a vista de Nova York era estonteante. De alguma maneira, eu conseguia enxergar o Empire State Building, a Estátua da Liberdade, o Chrysler Building, o Central Park, o rio East, o rio Hudson, a Barbara Walters e a Times Square. Não sou um grande conhecedor da geografia da cidade, mas estou quase certo de que era um dos únicos escritórios com uma vista dessas.

Meu telefone tocou, e eu atendi.

— Alô? Agora não, Oprah — falei e desliguei imediatamente.

— Olá, Carson — disse Malerie, entrando no meu escritório.

— Ei, Malerie, como anda a minha editora favorita? — perguntei.

— Estou ótima! — ela respondeu. — A sua autobiografia, *Clovergate: o escândalo que lançou o homem*, está em primeiro lugar na lista dos mais vendidos pela nonagésima sétima semana seguida! Você acha que

conseguiria escrever outro *best-seller*?

Sorri e voltei a olhar para a vista.

— Sempre — respondi.

E foi então que acordei. Bem, na verdade o sonho continuou, apareceram alienígenas travestis que queriam dominar a Terra, e só terminou quando perdi uma partida de limbo para Margaret Thatcher em uma sala cheia de furões, mas isso tudo eu ignorei.

Mesmo achando que nunca seria capaz de jogar café em alguém (ou bater o telefone na cara da Oprah!), era muito mais do que um sonho: era a meta. E, se o dia de hoje significar alguma coisa, essa meta é muito possível.

Claire e Colin devem ter avisado o seu exército de atletas e de animadoras, porque, na segunda-feira, depois da aula, a fila de imbecis aborrecidos à espera de entregar as suas contribuições literárias saía pela porta da escola.

— Claire disse que não pode torcer quem não tiver cultura e nos obrigou a participar da sua revista — disse uma das animadoras.

— O treinador nos obrigou a escrever para você. Ele disse que não podemos derrotar um time se não formos capazes de superá-los intelectualmente — completou um jogador de futebol estrábico.

Os materiais eram curtos e feitos às pressas, mas não importava. A Northwestern pensaria que eu estava inspirando alunos de todos os níveis a escrever! Era exatamente o que eu precisava!

Mal podia esperar para encontrar a vovó depois da escola e lhe contar a novidade.

— Então, eu estou chantageando a escola inteira para melhorar as minhas chances de entrar na universidade dos meus sonhos — disse a ela assim que entrei no quarto. — É emocionante! Quem poderia imaginar que uma das minhas maiores façanhas seria criminosa?

— Não! — disse a vovó, com os olhos arregalados.

— Pois é! Mas é verdade — falei, todo contente. — Recebi incontáveis contribuições, de pessoas que...

— Não! Saia daqui! — a vovó bradou e apontou para a porta. — Saia já daqui! Eu não o conheço! Saia do meu quarto!

— Ah, não — falei. — Hoje não, vó. Por favor, não faça isso, hoje não...

— Saia! — ela insistiu. — Enfermeira, tem um homem estranho no meu quarto! Enfermeira!

A vovó faz isso de vez em quando.

— Ok, estou saindo — falei, dirigindo-me à porta. — Até amanhã.

— Saia daqui! — ela gritou mais uma vez. No corredor, eu ainda conseguia escutá-la: — Saia! Saia já! Saia!

Já é difícil ver a vovó todos os dias sem que ela me reconheça, mas ser considerado um completo estranho pela pessoa que você mais ama neste mundo é uma dor incomensurável.

Eu estava nas nuvens até aquele momento. E, quanto mais alta é a nuvem, mais longe chega a chuva.

Voltei para casa mais cedo do que de costume e encontrei mamãe no sofá (que surpresa!).

— Chegou cedo — ela disse.

— A vovó está daquele jeito — expliquei.

— Ah — mamãe falou. Ela faz cara de culpa sempre que menciono a vovó. — É por isso que eu não vou mais lá; não aguento vê-la daquele jeito.

Ela balançou a cabeça enquanto dava essa desculpa horrorosa.

— *Por isso?* — eu disse abafadamente.

Verdade seja dita: ela não gosta de visitar a vovó porque isso a faz se sentir culpada, e culpa é um dos únicos sentimentos que ela não consegue aplacar com remédios.

— Como foi a escola?

— Legal — falei. — Estou chantageando todo o corpo estudantil para melhorar as minhas chances de entrar para a Northwestern.

— Northwestern? — mamãe perguntou.

— É onde estarei estudando nesta mesma época do ano que vem —

lembrei-a.

— Ah... — Ela abaixou a cabeça, olhando para a mesa de centro com tristeza. — Eu vivo me esquecendo da sua idade. Acho que até o meu filho tem de crescer.

Só a minha mãe consegue me frustrar sem motivo algum e, ao mesmo tempo, me fazer sentir pena dela.

— Como foi o seu dia? — perguntei, embora ela não parecesse ter tido um dia propriamente.

— Foi tranquilo. A juíza Judy botou um cara para fora do tribunal por ele não estar usando calças, e a Ellen distribuiu Xbox para a plateia.

— Isso é tudo? — perguntei.

— É, basicamente — ela disse em um tom melancólico. — Ah, e depois do *Anderson Live*, eu recebi a correspondência.

Por que não disse logo? Havia uma pilha de cartas no balcão da cozinha, e eu imediatamente corri até lá. Comecei a folhear os envelopes, sentindo um frio congelante na barriga, mas não havia nada para mim.

Seria irônico se eu já houvesse sido aceito e tivesse passado por tudo aquilo à toa; ainda existia essa chance. Daria uma boa história entre um coquetel e outro na *vernissage* do meu futuro vizinho, no centro de Manhattan.

Opa, eu realmente preciso parar de fazer planos com personagens fictícios. Não deve ser saudável desenvolver relacionamentos com pessoas que não existem.

Passei a maior parte da tarde pensando se deveria incluir uma seção "miscelânea" na revista literária. Ao mesmo tempo que estou satisfeito por receber mais contribuições a cada dia, devo dizer que adolescentes são pirados; não sei do que se trata metade dessa porcaria. É poesia? É escrita criativa? É humano?

Uma menina entregou uma redação sobre o seu futuro casamento com Justin Bieber, e eu acho que ela está *realmente* falando sério. Aparentemente, ela dirige até a casa dele todo final de semana e o observa através das grades

do portão durante horas.

Está tirando com a minha cara, né? Será que ela realmente acha que o cara vai sair de casa, vê-la ali e falar: “Garota, eu observo você me observar há meses e acho que te amo”? *NÃO! Você é uma psicopata! Bota essa bunda de volta no carro, volta pra sua casa e não sai mais de lá!*

Isso não faz você querer que os pais batam nos filhos? É sério, onde estão os pais dessa garota e por que eles não fazem o seu trabalho? Juventude não é desculpa para estupidez.

Vou colocar essa redação entre os “comentários sociais”, para o bem dela. Louca.

Algumas horas mais tarde, a cabeça de Justin Walker apareceu na porta da sala de jornalismo. Parecia um cãozinho sem dono e trazia consigo uma única folha de papel.

— É aqui que eu devo entregar alguma coisa para a sua revista sanitária? — perguntou.

— É uma revista literária, e sim — respondi.

— Graças a Deus! Eu já estou procurando esta sala há horas, cara — ele falou. — Eu nem sabia que ela existia.

— É, né? — eu disse sarcasticamente. — Eles deveriam colocar números nas portas ou algo assim, não é mesmo?

— Ou fazer tipo um quiosque, como no shopping — Justin falou. Ele olhou em volta da sala assustado. — Você mora aqui?

— Praticamente — eu disse.

Ele me entregou a folha de papel. Dei uma olhada. Aquilo fazia Dr. Seuss parecer Charles Dickens.

— Obrigado, Justin, vejo aqui que você escreveu sobre árvores... e sobre grama... e sobre como ambas são verdes — comentei.

Justin deu um suspiro e deu de ombros.

— Escrever não é a minha praia, ok? Já me disseram que o ministério esquerdo do meu cérebro não é grande coisa, mas e daí?

— “Hemisfério” — corrigi.

— O que é isso?

— “Hemisfério”, e não “ministério”. Quem tem o hemisfério esquerdo do cérebro mais desenvolvido é mais criativo — expliquei a ele.

— Eu sou o contrário.

— Então, o seu hemisfério direito é mais desenvolvido — falei.

— Acho que sim. E eu também escrevo com a mão direita. Como você pode ver pelo meu texto.

— Como eu posso ver, claro... — falei.

Desisti. Às vezes, para manter a sua sanidade mental, você tem que concordar com a idiotice.

— Você é bom em matemática e ciências, então? — perguntei, arrependendo-me logo em seguida. — Normalmente, as pessoas que têm o lado direito do cérebro mais desenvolvido são boas nessas áreas.

Justin fez um esforço enorme para pensar. Parecia perdido dentro da própria cabeça, o que seria como se um urso pardo se perdesse dentro de um apartamento de um cômodo.

— Não, não sou muito bom nessas paradas também — concluiu.

— Então no *que* você é bom?! — perguntei a ele.

Eu não quis que a pergunta soasse como soou, mas sou naturalmente um calhorda, o que não melhorou as coisas.

Justin ficou realmente chateado e jogou os braços para cima.

— Eu sei o que você está pensando! É a mesma coisa que o meu orientador, o diretor Gifford e todos os recrutadores dos times universitários pensam. Mas eu não sou só um saradão imbecil com notas baixas, ok? Sou muito mais do que isso.

Concordei com um aceno de cabeça exagerado, para me redimir por tê-lo feito se sentir daquela forma.

— E o que mais você seria?

Justin olhou para mim como se eu tivesse acabado de perguntar a capital de

Turcomenistão. Ele não tinha uma resposta.

— Talvez você devesse procurar essa resposta — falei da forma mais gentil que fui capaz. — Você precisa mostrar ao mundo quem é de verdade, antes que o mundo lhe imponha essa resposta, Justin. Senão, você se tornará vítima de alguém que você não é.

Ele teve dificuldade para acompanhar o que eu dizia, mas, por fim, acabou entendendo.

— É tipo no futebol. Eu entrei para ser um defensor e acabei virando o lançador — Justin falou. — Nunca quis essa pressão.

Eu deveria ter dito alguma coisa, mas não quis chatear o meu irmão. Nós ainda usamos o mesmo banheiro.

— Hum... — falei. Eu não sabia falar futebolês; estava com medo de ter arruinado o cara pelo resto da vida. — Exatamente.

— Valeu, cara — ele falou, levantando o punho fechado na minha direção.

Eu me afundei na cadeira com medo de que ele fosse me dar um soco na cara, mas Justin só queria me cumprimentar. Depois que batemos as mãos, ele imitou uma explosão com o punho e acompanhou o gesto com um efeito sonoro.

Aquilo significava que eu venci? Era um jogo? Por que os atletas estão sempre jogando?

— Vejo você em um jogo qualquer dia desses? — Justin me perguntou enquanto caminhava à porta.

Eu quase respondi: “Prefiro botar as minhas bolas num liquidificador”, mas não é legal caçoar das pessoas com dificuldades especiais, então falei:

— Talvez! — Tentei me impedir, mas não consegui conter o impulso irrefreável de completar: — Ah! Justin, abra os olhos; o banheiro não é a única coisa que você e o seu irmão andam compartilhando.

Sou um completo idiota. Mas nós havíamos acabado de ter um momento... Como eu poderia não lhe contar?

Justin mais uma vez fez pensou com todas as forças, e isso lhe exigiu um

grande esforço.

— Ah, cara, você não está me dizendo que... — ele disse com uma expressão de total desolamento.

— Não fui eu quem lhe contou, hein? — falei.

Que droga! Eu realmente furei os meus próprios olhos desta vez.

— Aquele Nike é *vintage*, cara! — Justin gritou. — Eu disse para aquele cabeçudo não usar os meus tênis! Vou dar uma surra nele.

Ele saiu em disparada da sala.

Expirei aliviado. Eu e a minha boca enorme. Por que estou sempre a um milímetro de sabotar a mim mesmo? Fico pensando o quanto conseguiria realizar se não agisse assim.

25/10

Estou me sentindo mortificado. Um desses esportistas bitolados veio mais cedo e entregou um texto. Achei que fosse um poeminha inocente sobre o cachorro do cara, mas, depois de refletir um pouco, estou convencido de que ele fala sobre o próprio *pau*.

Nojento. Bem, você poderá julgar por conta própria. Ainda assim, vai para a revista. Não dá para ser muito criterioso na seleção. O tempo está ficando curto para montar a coisa toda e enviá-la à Northwestern junto com uma nova inscrição.

Remy também apareceu por aqui para deixar o seu material. Juro que ninguém consegue me tirar do sério mais do que essa garota. O modo como ela anda, como se fosse a coisinha mais esperta do planeta, me irrita. *Não na minha sala, Bilbo*.

— Aqui está um conto para a sua revistinha imbecil — ela disse, revirando demoradamente os olhos.

— Obrigado, Remy.

Eu nem sequer lhe devolvi um comentário sarcástico. Depois de chantagear praticamente todo mundo que conheço, tentei virar uma nova página hoje. Estou tentando ser o mais cordial possível com as pessoas que vitimei. (Acho que a minha língua ficará com marcas permanentes de mordida por isso.)

— Eu tenho coisas melhores para fazer, sabia? — provocou Remy.

— Tipo encontrar o seu *precioso*?

Não pude evitar. Eu disse que estou *tentando* ser cordial, e não que estou totalmente comprometido com isso.

— Ha-ha-ha, seu babaca — Remy falou, entregando-me o conto. — Não é exatamente a minha melhor contribuição para este mundo, mas serve. Ainda

bem que a sua revistinha não dará em nada. Eu detestaria ser lembrada por escrever um conto medíocre.

— Que bom que você está bem-humorada hoje.

Passei o olho. Dava para notar que ela dedicara algum esforço ao texto. Remy sempre me faz lembrar de mim mesmo nesse sentido: extremamente perfeccionista.

— E como exatamente você gostaria de ser lembrada? — perguntei. — Ou essa imagem de vadia irritadiça é o que você tem em mente?

— Eu gostaria de ser lembrada como a garota que não perdeu o seu tempo — Remy falou com um olhar verdadeiramente do mal. — Nunca te entendi, Carson. Sempre fomos tão parecidos. Você se esforça tanto quanto eu, nós conseguimos as mesmas notas, mas qual é a sua?

— E *isto* foi perda de tempo? — perguntei. — Olhar para dentro de si e criar algo original, único, completamente oriundo da sua imaginação foi perda de tempo para você? Bem, então eu acho que é isso o que nos diferencia.

— Que seja — ela disse, caminhando até a porta. — Preciso voltar para o anuário. As memórias não se criam sozinhas.

— Na verdade, se criam, sim — rebati, olhando-a como se ela fosse uma louca. — Mas eu suponho que você queira que todos se lembrem da versão hipersaturada da Remy.

— Perdão, mas eu gosto de registrar as minhas realizações, ok? — ela falou. — Alguém precisa fazer isso.

Acho que ela demonstrou um pingo a mais de desespero do que queria. Ainda bem que não somos amigos, ou eu teria perguntado o que ela queria dizer com aquilo e teria ficado preso ali por horas ouvindo as suas questões com a mamãe e o papai.

— Sabe de uma coisa, Remy — falei —, se você pular de uma realização a outra até se matar, nunca saberá quais são as suas conquistas verdadeiras.

Ela bufou e saiu da sala.

Eu pensei em várias coisas depois que Remy foi embora. Daqui a dez anos... não que eu me importe, mas imagino como serei lembrado pelas pessoas. Será que irão se lembrar de mim como o moleque irritante do jornalismo que se ocupava com tarefas desimportantes só para validar a própria existência? Ou as pessoas acabarão me reconhecendo como aquele menino focado que tentou ao máximo atingir os seus objetivos?

Será que elas olharão para trás e se lembrarão do ensino médio como os melhores anos da sua vida? Ou se lembrarão de todas as pessoas que feriram e daquelas que passaram por cima em busca de projeção?

Se colocássemos lado a lado um livro de história norte-americano e um livro de história britânico, aposto que a descrição dos anos 1770 seria bastante diferente. E, se confrontássemos o anuário de Remy e o anuário que eu faria, eles nem pareceriam pertencer à mesma escola. Acho que história é algo que não existe de fato; é só um monte de percepção comum.

Por falar em percepção, mostrei aquele poema à vovó depois da aula. Embora ela ainda não soubesse quem eu era, concordou que ele fala sobre um pênis.

26/10

É sexta-feira, e eu tive o azar de participar de outro conselho de alunos após a escola. *Não me inveje*.

— Ainda precisamos de um lugar para o baile — Claire falou, dirigindo-se aos bobos da corte. — Eu estava pensando em Quail Gardens.

— Que tal o Motel 6, na beira da estrada? — falei. — Afinal, todos vão pra lá depois do baile. Estou certo ou o quê?

Eu ri da minha própria piada, mas não sei direito a quem ela se dirigiu — aquelas pessoas nunca formaram uma audiência muito empolgada.

— Alguma objeção a Quail Gardens? — Claire perguntou, ignorando a minha contribuição. Ninguém teve outra ideia.

— Mas Quail Gardens não fica no campo? E o baile é normalmente no início do verão, então todo mundo vai ser comido vivo pelos insetos — apontei. — Acho que o refeitório da Clover seria mais barato e muito mais inteligente.

Não estava sendo chato. Quando eu ainda era segundanista, os formandos fizeram o baile em Quail Gardens e reclamaram dos insetos. Parecia que um efeito barato de faísca havia sido aplicado às fotos reveladas, mas na realidade a "faísca" era uma colônia de mosquitos gigantescos que infestavam o local na época.

— Pois então será no refeitório da Clover — disse Claire, suspirando pesadamente. — Precisamos de um tema.

— Que tal "Contos de fadas"? — Remy falou rapidamente, para não perder a oportunidade. — Não seria difícil fazer uma montagem da Cinderela para as fotos.

— Ai, meu Deus, eu adoro a Rapunzel! — Scott não se conteve.

Vocês me conhecem, eu não pude deixar de fazer um comentário sobre o assunto.

— Não estou certo de que todos os alunos iriam gostar desse tema — falei. — Os do *sexo masculino*, por exemplo. Vocês deveriam fazer um tema de época, como "Os loucos anos vinte", ou algo assim.

Eles se olharam silenciosamente, escondendo as suas objeções.

— "Anos vinte" está bom — disse Claire.

— Nossa, que legal — acrescentou Justin.

Eu finalmente entendi o que eles estavam fazendo, e era irritante.

— Por que vocês estão me deixando tomar todas as decisões? É muito mais divertido discutir com vocês.

— Se nós discutirmos, você nos fará escrever mais? — perguntou Nicholas de um jeito cortante.

— Aliás, por falar nisso, a revista está ficando legal. Só estou esperando mais algumas contribuições — eu disse, lançando um olhar para Claire, Nicholas e Scott.

— Agnes Sauders, uma das senhoras que trabalham na cozinha, se aposentará no mês que vem — Claire falou, mudando de assunto. — Nos deram cinquenta dólares para comprarmos um presente para ela. Eu estava pensando em algumas tigelas novas ou talvez um forno elétrico bacana.

— Parece legal — disse Remy.

— Talvez possamos gastar a grana num porta-temperos — sugeriu Scott.

— Vocês estão pensando em dar *apetrechos de cozinha* para uma mulher que passou os últimos quarenta anos fazendo o almoço da escola? — perguntei, incrédulo.

— Me parece apropriado — justificou Nicholas.

— É como dar ferraduras novas a um cavalo morto — falei abruptamente. — Vamos dar um dia no *spa*, algo que ela possa aproveitar e que não a faça se lembrar de todos os pedidos de indenização que teve de preencher ao longo da carreira.

— Tudo bem, dia de *spa* para a mulher do almoço, anotado — disse Claire, incomodada.

Não sei por que eles ficam sempre tão irritados comigo. Deveriam ser gratos pela minha presença: afinal, quem mais lhes diria quão estúpidas são as suas ideias?

— Segunda-feira, cinco de novembro, nós temos uma reunião com o diretor e com os coordenadores depois da aula — Claire falou, concluindo a pauta da reunião. — Eles normalmente marcam esse tipo de reunião para aplicar novas regras da escola.

— O meu irmão participou de uma dessas quando era do conselho — comentou Justin. — Foi quando proibiram mochilas transparentes.

— Não vai doer se nós concordarmos em apenas sorrir e escutar — disse Claire.

Todos se viraram e olharam para mim com cara feia.

— Vou me comportar da melhor maneira — falei.

Cara, que gente difícil.

29/10

Então, eu estava no meu computador, na sala de jornalismo (para adiantar a digitação do material da revista), quando Dwayne entrou. Instantaneamente, o lugar foi tomado pelo cheiro de um show do Bob Marley.

O odor que aquele garoto exalava me fez desejar levá-lo para um teste de poluição humana.

— *Caaaaara* — Dwayne falou, levando um século para pronunciar uma palavra de duas sílabas.

— *Siiiiiiim?* — respondi, imitando o seu ritmo.

— Eu escrevi, cara — ele disse. — Escrevi para você!

Seus olhos estavam tão apertados que ele parecia estar sonambulando. Entregou-me uma espécie de ensaio sobre a brisa.

— Obrigado, Dwayne — falei.

Até o papel tinha cheiro de erva.

— De nada, cara. E valeu por encher o meu saco — ele falou. — Eu achei muito legal.

— O quê?!

Não sei por que eu estava tentando encontrar sentido em alguém que não fazia o menor sentido.

— Você realmente abriu os meus olhos, cara — disse Dwayne, com os olhos fechados. — Sabe, essa coisa de escrever é meio que bacana. Quer dizer, quando é que a gente tem a chance de *escrever* de verdade na escola? Está me entendendo?

Eu não acreditei naquilo. Será que ele estava falando sério?

— Mas e no *jornalismo*? — perguntei. — Eu passei o ano tentando convencê-lo a escrever alguma coisa.

— Ah, é. Acho que eu nunca considerei aquilo como redação, para mim aquilo era negação — ele disse e começou a gargalhar histericamente. — Pegou, cara? Bom, de qualquer forma, isso foi uma viagem. Uma libertação.

— Ah. Bom, se você achou que escrever era uma viagem, deveria tentar *ler*, Dwayne.

— Ler, é? — falou Dwayne. — Nunca fui muito de ler.

— Compreendo — falei. — Mas você sabia que existe uma diferença entre ler e *ler*?

— Ohhh, é mesmo? — ele perguntou, os olhos semiabertos.

— Ahhh, tem — respondi, confundindo-o completamente. — Você deveria experimentar. Qualquer um consegue ler um livro, mas pouquíssimas pessoas conseguem *ler* um livro. Os autores às vezes escrevem *estas* palavras, mas eles na verdade se referem *àquelas* palavras. Sei que é meio complicado, mas você entende o que eu quero dizer?

— Cara, que viagem! Nunca pensei nisso — disse Dwayne, esfregando o rosto com tanta força que achei que ele fosse arrancá-lo — Vou alugar alguns livros na biblioteca! Tem biblioteca aqui, não tem?

— Tem, sim. E, só para você saber, existem várias maneiras de se libertar, se é isso o que você procura. *Maneiras saudáveis.* E a maioria não custa seus neurônios.

Dwayne ficou olhando para o nada por alguns segundos. Acho que ele estava pensando no que eu havia dito, ou então a nave-mãe estava lhe enviando um sinal.

— Legal, cara, a gente se vê — disse Dwayne antes de sair da sala.

Bem, ele deu de cara com a parede e depois deixou a sala. Imbecil. Por que eu tenho a sensação de que um dia esse cara vai ser candidato a presidente?

O lugar ainda está cheirando ao lar de Cheech & Chong. Estou começando a ficar com dor de cabeça. Sem falar nessa fome que me deu de repente! Eu daria qualquer coisa por um sorvete com bolacha neste exato momento.

30/10

Eu realmente tenho me esforçado nos últimos dias para trabalhar com Malerie. Ela quer muito ser publicada na revista literária, mas está enfrentando algumas dificuldades para entregar uma história que seja... bem, que seja escrita por ela mesma. Então, todos os dias depois da aula, nós sentamos na sala de jornalismo e discutimos algumas opções.

— Certo, e esta aqui? — ela me disse, retirando alguns papéis da pasta da Hello Kitty. — É sobre um pedófilo horripilante que mora numa fábrica de doces com anões escravos.

— Isso é *A fantástica fábrica de chocolate* — eu disse depois de ler as cinco primeiras palavras.

— Ah... — Malerie exclamou, desmotivada. — Ok, tenho mais uma. Essa é completamente original. É sobre um órfão que não sabe que é bruxo até que aparece um homem gigante e peludo e o leva para um lugar mágico chamado...

— Howgarts?

— Como você sabia?! — ela se espantou, arregalando tanto os olhos que eles quase saltaram do seu rosto. — Você só pode ter lido!

— Eu e mais três bilhões de pessoas. Isso é *Harry Potter*, Mal — dei a má notícia.

Malerie balançou a cabeça; eu nunca a tinha visto tão frustrada. Ela olhou para mim com uma expressão muito séria.

— Carson, eu posso mostrar uma coisa para você que nunca mostrei a ninguém?

— Isso não envolve tirar a roupa, certo? — perguntei, com um pouco de medo.

Malerie olhou ao redor para se certificar de que ninguém estava observando. Até desligou a filmadora (a qual eu não sabia estar ligada). Enfiou a mão na mochila em busca de algo.

— Isto aqui é uma coisa que eu escrevi há muito tempo — ela falou.

Finalmente, Malerie encontrou o que estava procurando e me entregou um volume de *Jogos vorazes*. Sim, você entendeu direito.

— Isto é uma cópia publicada de *Jogos vorazes*, Malerie. Você não escreveu isso, quem escreveu foi Suzanne Collins. Está bem aqui na capa.

— Isso é o que eles querem que você pense — ela disse. — Durante os Jogos Olímpicos de 2004, eu entrei no *site* e escrevi o seguinte comentário: "Esses jogos seriam bem mais legais se os atletas não quisessem estar aqui e estivessem matando uns aos outros".

— Ok...

Aquilo era um tanto preocupante.

— Mais tarde, alguém deixou um comentário concordando comigo — prosseguiu Malerie. — A pessoa disse: "Você não podia estar mais certa". E essa pessoa era *S. Collins*.

Eu esfreguei as orelhas e pisquei os olhos com toda força para ter certeza de que estava realmente escutando e vendo aquilo.

— Malerie, você está me dizendo que Suzanne Collins criou uma trilogia literária com base no comentário de vinte palavras que uma criança de dez anos de idade postou na internet? — perguntei, tentando traduzir com a maior precisão possível o que ela estava me dizendo (me tornei fluente em maleriês).

Malerie fechou os olhos e assentiu com a cabeça.

— Isso tem acontecido durante a minha vida inteira. Quando tinha treze anos, eu mandava poemas para uma amiga inglesa do MySpace. Ela roubou os poemas e lançou um álbum com as minhas palavras adaptadas para música.

— Ah, é?

— Sim — ela respondeu, soltando um suspiro. — E agora essa pessoa usa o nome *Adele*.

Malerie lançou para mim o olhar mais convincente que eu já vi. Ainda bem que ela não é boa em captar expressões faciais, porque a minha era simplesmente grosseira.

— Mas e os autores que você copia e que morreram antes de você nascer? — perguntei.

— Isso eu ainda estou tentando descobrir — ela disse. — Você não percebe? Você sempre achou que eu copiava as pessoas, mas, na verdade, sempre fui a vítima. Por favor, não conte a ninguém o meu segredo. Eu já passei por coisas demais.

— Posso imaginar — falei, coçando a cabeça.

Ela voltou a ligar a câmera.

— Fico contente por ter esclarecido as coisas — disse Malerie. — Eu sentia que isso era a única coisa que estava impedindo a nossa amizade de se tornar plena e não sabia por quanto tempo conseguiria escondê-la de você. Estou aliviada.

A minha cabeça continuou girando por mais alguns minutos. Preciso admitir, a ideia de que Roald Dahl, J. K. Rowling, Suzanne Collins e Adele roubaram Malerie Baggs, uma garotinha de dez anos de idade de Clover, foi a coisa mais interessante que ouvi em semanas.

— Malerie — falei. — Eu sugiro que você vá para casa, escolha a melhor história que você ou qualquer pessoa escreveu e simplesmente mude todas as palavras. Mude o gênero dos personagens, mude o nome das cidades, a época em que ela se passa, mude tudo.

— Por que eu faria isso com as minhas obras-primas? — perguntou Malerie.

— Porque, se fizer isso, eu poderei publicá-la na revista literária — respondi, e o seu rosto se iluminou. — Quando você faz isso, acaba criando uma espécie de *sátira*, e isso é perfeitamente legal do ponto de vista jurídico.

Geralmente, há um comentário social e humorístico, mas o tempo urge, então eu aceito o que você conseguir fazer.

Malerie deu um pulo de entusiasmo.

— Legal! — exclamou. — Preciso voltar para casa e começar agora mesmo! — Ela recolheu todas as suas coisas e caminhou até a porta. — Obrigada, Carson, você me devolveu o que havia sido roubado de mim.

Ela fez uma pausa dramática que durou quase um minuto inteiro antes de sair.

Meu Deus, espero que o Estado lhe ofereça um bom advogado um dia e rezo para que eu nunca seja chamado como testemunha. Está aí um julgamento inevitável.

Mais tarde, a caminho do carro, avistei Vicki sentada sozinha no pátio, ouvindo o seu iPod. Dava para escutar os gritos do vocalista a metros de distância. Detesto parecer um velho chato, mas *quem chama aquilo de música?*

— Ei, Vicki! — chamei. — Você já tem algo para me entregar? Algo que possa ser usado na revista literária?

Ela olhou para mim com a sua já famosa cara diabólica.

— Relaxa, ou a sua bunda começará a pingar sangue — ela disse, enfiando a mão na mochila, que estava ao seu lado.

Uma das luvas sem dedo que ela usava estava um pouco arregaçada, e eu vi várias marcas no seu pulso: *Vicki se automutila*.

Não pude deixar de soltar um murmúrio engasgado:

— Vicki...

Ela imediatamente se deu conta e puxou a luva para cima.

— Aqui está a minha contribuição — Vicki falou, jogando o material na minha mão.

Ela se levantou e começou a se afastar rapidamente.

Foi um daqueles momentos em que queremos ajudar, mas não sabemos como. Você pensa em milhões de coisas para dizer, mas teme não ser a

pessoa certa para dizê-las. Eu sabia que era o último ser da face da Terra que deveria lhe dizer qualquer coisa, mas a ética que se dane, falei assim mesmo.

— Vicki, espere! — chamei, caminhando atrás dela. — Você não quer conversar com alguém?

— Não enche o meu saco! — ela falou e começou a andar mais rápido do que eu.

— Olha, eu posso não ser um especialista no que quer que você esteja enfrentando, mas deve haver um jeito melhor de lidar com as coisas do que machucar a si própria!

Vicki parou e se virou para me encarar. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Não sei dizer se ela estava mais constrangida ou culpada.

— Você tem que ser muito cara de pau para sair por aí dizendo como eu devo tocar a minha vida, Carson — disparou. — A vida é minha, e como eu lido com os meus problemas é assunto meu, entendeu?

— Ok, me desculpe... — foi tudo o que eu consegui dizer.

Ela se afastou, e eu fiquei parado.

Senti uma enorme tristeza por ela (e eu nunca pensei que fosse capaz de sentir empatia por alguém). Também não consegui deixar de me sentir grato por nunca ter recorrido a algo como aquilo. Não importa o quanto as coisas têm sido difíceis para mim, acho que fazer *aquilo* comigo mesmo não é a solução.

Mas quem sabe pelo que ela está realmente passando? Quem sabe o que de fato está acontecendo? Seria de pensar que, depois de milhares de anos neste planeta, a raça humana já tivesse lançado algum tipo de manual para a adolescência, instruindo os jovens a atravessar essa fase e buscar ajuda para os seus problemas. E, no entanto, aqui estamos nós, sobrevivendo à nossa maneira.

Isso me lembra de uma coisa que a vovó costumava dizer sempre que via um mendigo na rua: “Mas, pela graça de Deus, eu sou o que sou”.

31/10

Passei a maior parte do meu Halloween sentando a vara nos *gays*. (Sempre quis falar isso.) Explico...

Mais uma vez, não fui convidado para nenhuma festa de Halloween. Não que eu quisesse. Depois do episódio do festival, fantasia não é algo que me empolgue. Além do quê, eu tinha muito trabalho a fazer com a revista. Tenho menos de uma semana e estou correndo como um condenado para terminar essa porcaria.

Inclusive, eu havia me esquecido completamente que era Halloween até que Nicholas e Scott me fizeram uma visita na sala de jornalismo. Estavam vestidos de Batman e Robin. E eu não me refiro à dupla dinâmica dos filmes horrorosos dos anos noventa, estou falando de Adam West e Burt Ward, dos anos sessenta. Não tenho um "gaydar", mas TRIM TRIM TRIM TRIM!

— Opa! Isto está mesmo acontecendo, ou eu dormi na carteira mais uma vez? — perguntei assim que eles entraram.

— Muito engraçado — Nicholas falou. — É Halloween, seu babaca.

— Do que você está vestido? — Scott perguntou. — Gloria Allred?

Eles olharam um para o outro e caíram na gargalhada.

— Vocês realmente entraram aqui na minha sala vestidos *desse jeito* e querem rir *de mim*? — perguntei. — Não acho que estejam com moral.

— Vamos entregar os papéis e ir embora — Scott disse a Nick.

— Beleza — respondeu Nicholas.

Eles me entregaram o material com aquelas caras azedas.

— Muito gentil, senhoras — falei.

Eu não fazia ideia de que o comentário fosse deixá-los tão nervosos. Nicholas praticamente jogou uma mesa na minha cabeça.

— Isso não tem a menor graça! — ele gritou.

— Ele não vale a pena, Nick — interferiu Scott. — Venha, vamos encher a cara de coquetel de abóbora na casa da Claire e assistir a *Abracadabra*.

— Você não faz ideia do que me fez passar na semana passada — Nicholas falou, apontando para mim.

Ele estava extremamente irritado. De repente, aquela mesma culpa que eu havia sentido alguns dias antes varreu o meu corpo inteiro.

Os dois se dirigiram à porta, mas, antes que saíssem, eu gritei:

— Desculpem!

Ambos olharam para mim como se tivessem imaginado aquilo.

— O quê? — Nicholas disse.

Não os culpo por terem ficado surpresos; eu só proferi essa palavra umas três vezes na vida.

— Desculpem — falei mais uma vez, para ter certeza de que eles haviam me escutado. — Desde aquela noite no banheiro, eu venho pensando em algumas coisas e realmente devo um pedido de desculpas a vocês.

— Ah, não me venha com ladainha — Scott falou. — Você me chantageia uma vez, a culpa é sua. Você me chantageia uma segunda vez, a culpa é minha. Vamos dar o fora daqui antes que haja uma terceira...

— Olhem, eu já acho suficientemente difícil estudar nesta escola, e deixo o meu desgosto bem claro para todo o mundo — eu disse a eles. — Nunca escondi nada, e ainda assim é um desafio para mim. Mal posso imaginar como é manter um segredo tão grande diante de tudo isso. Se eu joguei mais peso ao ombro já sobrecarregado de vocês, peço desculpas de coração. Vocês dois realmente me ajudaram muito ao entrarem para a revista.

Eles ficaram esperando por um “mas”, que não veio.

— Obrigado? — disse Nicholas, ainda desconfiado.

— Legal da sua parte, eu acho — Scott acrescentou.

— E, só para vocês saberem, eu nunca vou contar a ninguém — continuei. — Palavra de escoteiro. Eu sei quão minúscula é a mentalidade desta cidade

pela maneira como ela me trata, e olha que eu nem sou homossexual, sou apenas brilhante.

Não contive uma risada abafada — porque eu estava brincando, mas nem tanto —, porém fui o único a rir. Os dois abaixaram a cabeça e se entreolharam com tristeza.

— Não é só nesta cidade, é no mundo — disse Scott. — Quer dizer, tirando São Francisco e West Hollywood, é um tabu em todo e qualquer canto.

— E *eu* não posso me mudar para esses lugares — Nicholas disse. — A minha família me deserdaria se descobrisse. A minha mãe participou do conselho do "Yes on 8", em favor da Emenda 8. Foi dela a ideia de colocar desenhos de famílias felizes nas placas amarelas.

— Então você vai basicamente reprimir a si mesmo por causa de pessoas que são incapazes de amá-lo como você é? — perguntei. — Me parece um desperdício.

Scott resmungou e cruzou os braços.

— Já escutamos todas as frases feitas, cara — ele falou. — Sabe de uma coisa? É muito fácil para celebridades e políticos saírem por aí dizendo que as coisas acabam melhorando com o tempo, mas para nós, do mundo real, é um pouco mais difícil. Há jovens sendo mortos todos os dias.

Eu não tinha qualquer direito ou base para falar o que falei em seguida, mas foi justamente isso que me inspirou a abrir a boca.

— Scott, essa é a maior bobagem que eu já escutei na vida. Ninguém aqui está dizendo que será fácil. Talvez seja a coisa mais difícil que você precise fazer, e algumas pessoas precisam esperar e planejar muito mais do que outras. Mas, se a sua vida está sendo arruinada porque o ambiente em que você vive não o aceita e você nem mesmo *tenta* ir para um que o faça, então só pode culpar a si mesmo.

Os dois ficaram quietos. Adoro fazer isso com as pessoas. Eu não queria ter dado uma de pregador, mas, já que está na *minha* sala, você vai escutar o que *eu* tenho a dizer.

— Talvez eu não faça ideia do que estou falando — admiti, um pouco irritado. — Mas todos nós somos parte de uma minoria à espera de que a maioria resolva parar de olhar para o próprio umbigo.

Olhei as horas — eram quase seis. A tarde tinha voado. Juro, sempre que estou trabalhando na revista, parece que entro numa fenda espaço-temporal.

— Agora, por mais que eu quisesse ficar nesta casca de ovo o dia inteiro, tenho uma avó senil que gostaria de visitar antes que o horário de visita terminasse. Aproveitem os coquetéis de abóbora.

Assim, eu praticamente expulsei os guerreiros encapados — foi a primeira vez que tive de fazer isso na história da sala de jornalismo. Eles me fizeram sentir culpado, triste e irritado em menos de cinco minutos, e eu odeio quando as pessoas me fazem sentir qualquer coisa que eu não quero. Estava pronto para partir.

Todas as enfermeiras do asilo vestiam fantasia, o que não colaborou em nada para o bem-estar da vovó.

— Quem é você? — ela perguntou logo que entrei.

— O seu neto — respondi, me perguntando se ela me chutaria dali mais uma vez.

— Por que as pessoas estão usando fantasias ridículas?

— Hoje é Halloween, vó.

— Ah — ela disse —, eu nunca gostei muito de Halloween. Não gosto de pessoas que se escondem atrás de máscaras.

— Nem me fale... — respondi.

Aí estava: o ensino médio em uma frase.

01/11

Eu praticamente pulei na minha mãe quando ela entrou com a correspondência. Sei que estou ficando paranoico, mas se eu já tiver *sido* aceito, por menor que seja a chance, não quero perder a carta.

Estou certo de que ainda não a perdi porque ultimamente mamãe tem insistido em recolher a correspondência; deve ter percebido o quanto estou ansioso. Normalmente, ela espera até que o carteiro não consiga enfiar nem mais uma carta na caixa de correio e toque a campainha. Será que mamãe está mudando?

Vasculhei todas as correspondências como se o diamante Hope estivesse escondido dentro de um dos envelopes, mas havia somente contas e anúncios bregas de viagem. Realmente acho que ainda não fui aceito, o que faz o meu estômago revirar.

Cada dia que não recebo a carta de admissão significa que tenho de fazer a revista valer ainda mais. Ela precisa ser a melhor invenção depois do corretor ortográfico, ou então estou ferrado.

Mas está tomando forma, ainda bem. Emilio (ou Henry... ou quem quer que seja) passou o seu texto por baixo da porta da sala de jornalismo em algum momento durante as aulas. Não faço ideia do que está escrito ali. Ele podia ao menos ter colado o texto em um documento do Word em vez de simplesmente imprimir a página do tradutor *on-line*.

Bem, de cavalo dado não se olham os dentes. Pelo menos esse material vai acrescentar uma pitada étnica à revista — um tempero étnico bem fajuto, embalado e vendido em uma loja de donos caucasianos, mas estará lá.

Eu já esperava que Claire fosse a última pessoa a dar a sua contribuição. Achei mesmo que ela tentaria descobrir quem havia me entregado o material

antes de fazê-lo. E, sem surpresa alguma, a minha previsão estava certa.

A srta. Honradez passou na sala de jornalismo por volta das quatro e quinze.

— E aí? — falei.

— Aqui está a minha contribuição para a sua revista — ela disse.

— Que bom! — respondi. — É sobre métodos contraceptivos?

Eu sei, foi uma piada infame, mas eu não pude resistir. E a piadinha realmente atingiu Claire — ela praticamente teve um ataque de cólera.

— Sabe de uma coisa? — disparou. — Deve ser realmente muito legal ter planos de se aventurar mundo afora, mas alguns de nós não tem essa capacidade. Alguns de nós estão presos a este lugar e precisam aproveitar essa experiência ao máximo. Então, me perdoe por querer me divertir um pouco no meu último ano. Pode ser a minha última chance.

Foi dramático e direto ao ponto. Pude ver que ela ensaiou essa fala antes, mas duvido que tenha sido para mim. Acho que Claire disse aquilo para si mesma.

Ela tentou sair intempestivamente da sala, e eu deveria tê-la deixado ir, mas ando tão estressado ultimamente que devo ter procurando algo para discutir.

— E por que você não tem essa capacidade? — perguntei antes que ela alcançasse a porta. — Por que você está presa a este lugar?

Ela olhou de volta para mim sem resposta. Detesto falar do passado, principalmente das lembranças que me deixam um pouco constrangido, mas uma delas, bastante significativa e que envolvia Claire, me veio à mente, como se estivesse guardada no bolso de trás da minha calça.

— Segunda série, aula da senhora McCoy, formamos um círculo para dizer o que gostaríamos de ser quando crescêssemos — comecei. — Eu disse que queria ser ganhador do Prêmio Nobel da Paz, e você disse que queria ser...

— Bailarina — falou Claire.

Fiquei surpreso por ela se lembrar.

— E o que a impediu?

Claire teve que parar para pensar.

— Todo mundo riu de mim — ela disse finalmente.

— *Eu* não ri de você.

Lembro-me de ter tido vontade de rir, mas me contive. Acho que, mesmo pequeno, pensei que dar risada do sonho de alguém era uma das atitudes mais cruéis que uma pessoa poderia ter em relação a outra.

Claire ficou em silêncio mais uma vez. Era visível que ela estava pensando no que eu havia dito — e odiando. O seu maior medo: ter alguém como eu nos seus pensamentos.

— Em que série paramos de acreditar em nós mesmos? — perguntei. — Em que série simplesmente paramos de acreditar em tudo? Quer dizer, *alguém* precisa ganhar o Nobel da Paz. *Alguém* precisa ser bailarina. Por que não a gente?

Ela disparou para fora da sala. Desta vez não a impedi.

— Não é possível que eu seja o único que pensa assim... — falei pesarosamente para mim mesmo.

Os jovens e os seus sonhos são como filhotes de tartaruga na praia. Depois que os ovos se quebram, eles precisam se arrastar até a água antes que os pássaros os capturem. Todos nós miramos o mar, mas somente alguns sortudos chegam incólumes a ele. A vida encontra meios de arrebatar e tolher as forças e as crenças que nos motivam.

Estou feliz por esta tartaruga aqui ter conseguido se esquivar dos pássaros.

Ok, sabe como você se dá conta de que está ficando retardado de tão exausto? Quando metaforicamente se refere a si mesmo como um *filhote de tartaruga*! Meu Deus, precisarei de férias depois de tudo isso!

Assim que terminar de digitar o material de Claire no meu computador, a revista literária estará oficialmente completa, e eu serei o orgulhoso criador do que deverá ser a Oitava Maravilha do Mundo!

Essas duas últimas semanas foram tensas! Se soubesse que ficaria tão imerso nos problemas de todo mundo quando comecei o projeto, eu teria

pensado melhor. Sério, quando é que me tornei o psicólogo dessa gente? Eu estou chantageando — e não *educando* — esses idiotas.

Por mim, eles ainda podem enfiar o que quiserem onde quiserem... mas a questão é: será que eu estou começando a me importar? Será que eu estou começando a enxergá-los como seres humanos em vez de depravados crustáceos sugadores de alma? Será que esse negócio de chantagem me transformou em uma pessoa mais equilibrada?

Ah, meu Deus, espero que não.

02/11

Malerie e eu estávamos na sala de jornalismo depois da aula (juro que estou a um travesseiro e um coberto de transformar o lugar na minha residência oficial). Analisávamos pilhas e mais pilhas da “sua produção própria” em busca de algo para a revista; ainda estou dando uma força para ela com o negócio da “sátira”.

O meu celular começou a tocar, o que é estranho, já que, desde que o comprei, ele só tocou umas duas vezes. (Normalmente, é a minha mãe perguntando se eu posso comprar um Buscopan e um saco de bala de alcaçuz no caminho de volta da vovó.)

— Eu desligo o celular quando estou na escola para não escutá-lo não tocar — disse Malerie.

Mais chocante do que isso, só mesmo quem estava me ligando. Sinceramente, era a última pessoa do mundo de quem eu esperava uma ligação.

— Quem é? — perguntou Malerie.

— O meu pai — Eu estava tão pasmo que quase me esqueci de atender à chamada. — Alô? — falei, hesitante.

— Oi, Carson — ele disse. — Eu não queria ligar para você depois da aula. Sei que está ocupado com a tarefa e tal.

Foi muito estranho ouvir a sua voz. Para mim, ele era mais ou menos como um parente falecido que se comunicava comigo do além.

— Bem, de qualquer forma — ele prosseguiu sem fazer sequer uma pausa para respirar —, tenho notícias realmente incríveis para lhe dar. Vou me casar! O nome dela é April, e nós estamos esperando um bebê! Você vai ter um irmãozinho!

— Você só pode estar de sacanagem — foi tudo o que consegui dizer.

— Sim, estamos muito felizes, obrigado — falou o meu pai. — Enfim, ela quer te conhecer, será que você poderia jantar aqui em casa um dia desses? Tipo hoje, umas oito da noite?

Eu não sou louco de achar que essa é uma situação totalmente perturbadora, sou?

— Preciso pensar no assunto — falei.

A minha cabeça girava tão rápido que eu não seria capaz de dizer o meu próprio nome.

— Pense com carinho, por favor. Na verdade, eu realmente gostaria que você viesse — ele falou. — Espero vê-lo em breve!

— Ok — respondi e desliguei.

— O que aconteceu? — Malerie perguntou.

Eu mesmo não tinha certeza, então só consegui listar os pontos que o meu cérebro ainda estava tentando processar.

— Aparentemente, o meu pai vai se casar.

— Parabéns! — Malerie disse, levantando a mão para me cumprimentar.

Não correspondi ao gesto.

— Obrigado, eu acho... — falei. — Ele quer que eu vá jantar com ele e com a sua noiva.

— E você vai?

Eu não sabia. Não havia pensado se iria àquele... *evento*.

— Não tenho certeza. As coisas são complicadas entre mim e o meu pai, porque não existe absolutamente nada entre mim e ele. Isso faz algum sentido?

— Total — disse Malerie. — As coisas também são estranhas entre mim e o meu pai. Nós não temos um relacionamento porque ele não sabe que eu existo.

— Ah — respondi. — Sinto muito.

Ela definitivamente *ganhou de mim* no quesito pai pilantra. Agora eu

realmente começo a pensar que devo ir. Bem, acho que não pode ser tão ruim assim. Seria bom comer algo que não fosse requentado no micro-ondas para variar — presumindo que a mulher vá cozinhar.

Não é de surpreender que o meu pai tenha aparecido em casa para pedir à mamãe que assinasse os papéis do divórcio — aquele safado sorrateiro! E eu nem havia pensado na minha mãe. Como vou dar a notícia a ela?

02/11, DE NOVO

Falta pouco para a meia-noite, e eu acabo de voltar daquele que deve ter sido um dos mais desagradáveis e estranhos jantares da história da humanidade. Estou falando sério, a Última Ceia é fichinha perto dele.

Para começar, ensaiei o que diria à minha mãe durante quase uma hora no espelho do banheiro. E a maneira mais satisfatória que encontrei para lhe dar as boas novas começava assim: “Mãe, sabe aquele episódio do *Dr. Phil* que você gravou?”. Por isso, pensei que o melhor seria simplesmente sair sorrateiramente de casa.

Atravessei a sala o mais silenciosa e rapidamente que pude. Mas é claro que hoje mamãe se achava consciente às sete e meia da noite — o que nunca acontece. E, para piorar, assistia a um daqueles filmes sobre uma mulher que sofre violência doméstica, ou seja, não estava em um bom estado de espírito para ouvir a novidade.

— Aonde você vai?

— Eu... — demorei algum tempo para conseguir dizer isso. — Vou jantar com o papai.

A frase surpreendeu a nós dois.

— Por quê?

— Hum... — comecei. Era o que eu temia. — Aparentemente, ele vai se casar.

Ela levou alguns segundos para processar a informação.

— Ah, é mesmo? Não sabia. Bom para ele.

Mamãe se voltou imediatamente para a televisão, mas eu sei que não estava assistindo ao filme. Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ela tentava conter o sentimento que se acumulava dentro de si.

Parecia que o meu coração ia pular para fora do peito só de lhe contar. Não posso nem imaginar o que *ela* sentiu. Eu e mamãe tivemos os nossos problemas, mas nenhum filho deveria ver o pai ou a mãe naquele estado.

— Ele quer que eu conheça a sua noiva, por isso estou indo — falei.

— Divirta-se — mamãe disse. — Volte numa hora decente... e, você sabe, toda aquela ladainha que os pais falam para os filhos.

— Ok. Tchau, mãe. *Te amo*.

Eu não queria deixá-la, mas fiquei quase contente por não ter de passar o resto da noite em casa. Não queria testemunhar a forma como ela lidaria com a situação. Eu sabia que não seria nada boa.

Entrei no carro, fiz a sequência de truques para ligá-lo e parti, odiando a noite antes mesmo de ela começar.

Papai me enviou uma mensagem de texto com o endereço da casa de April, onde eles aparentemente têm vivido juntos nos últimos sete meses. Mandou bem na comunicação, *pai*.

A casa ficava em uma parte bem bacana da cidade. Era amarela com detalhes brancos e uma cerca de estacas que contornava o jardim da frente. Havia até um capacho de boas-vindas na porta. Aquilo me deixou completamente confuso. Eu não fazia ideia do que esperar.

Ainda não sei o motivo por que essa mulher se mudou para Clover. O meu pai deve tê-la convencido de que o subúrbio é um bom lugar para criar um filho. Será que as mulheres possuem um gene que as faz secretamente desejar ser June Cleaver? Porque claramente havia um desses em April.

Toquei a campainha, que ficava no estômago do interruptor em forma de filhote de gato. A figura era estranhamente terna. Fazia a casa parecer um daqueles lugares onde você pode comer *cookies* recém-saídos do forno ou então ser assassinado. Sabe do que estou falando?

— Eu atendo, eu atendo — ouvi o meu pai falar. Ele abriu a porta. — Oi, Carson, entre.

Foi um pouco perturbador vê-lo de novo depois de tanto tempo. Ele estava

mais grisalho e da minha altura. Demos as mãos com estranheza, cada um com medo de apertar a do outro.

— Que bom ver você, filhão, obrigado por aceitar o convite — meu pai disse, mostrando-me o caminho da cozinha.

A casa era tão limpa e arrumada que fazia a de mamãe parecer um episódio de *Acumuladores*.

— E esta é April — ele disse.

Referia-se à mulher na cozinha. Eu não acreditei no que vi. Ela era linda, tinha cabelos ruivos e a pele clara. Seus olhos eram grandes e brilhantes, mas de uma forma agradável, e não por abuso de alguma substância.

— Oi, Carson! — ela me cumprimentou alegremente. — Muito prazer em conhecê-lo.

— Igualmente — respondi, apertando a sua mão. — Por acaso você é marca registrada da Walt Disney Company?

— Hã?

— Ele está brincando. Ele é muito sarcástico — papai explicou.

— Ah, entendi — ela disse. — Você é muito gentil, obrigada.

April colocou as mãos sobre a barriga e, desse momento em diante, não consegui tirar os olhos daquela gravidez. Era muito estranho pensar que ali dentro havia um bebê que compartilhava o meu DNA.

— Vamos comer? — interrompeu meu pai.

O jantar foi quieto na maior parte do tempo. Falamos banalidades. Eu não conseguia parar de comer — a comida estava incrível. A todo instante, esperava que April começasse a falar sozinha ou enxergasse um animal imaginário perambulando pela casa, ou outra maluquice. Tinha de haver algo de muito errado com ela. Por que outro motivo teria se envolvido com papai?

— O seu pai me disse que você é bastante popular na escola — April afirmou e perguntou ao mesmo tempo.

Bufei.

— Não, eu sou engajado, mas não popular.

— Ele participa do Clube de Jornal — papai falou.

— Na verdade, eu sou presidente do Clube de Redação, editor do jornal da escola e acabei de começar uma revista literária — corrigi.

— Nossa, veja só você! — disse April, bastante receptiva. Eu estava odiando o quanto era fácil gostar daquela mulher. — Você deve ter notas excelentes!

— Ele vai bem — papai falou.

— Tenho um histórico de 4,2 — eu disse, já irritado com ele. O cara não me conhecia o suficiente para saber as minhas notas. — Eu teria um 4,5, mas costumo discutir com os professores sobre o plano de aula, então...

— Você pratica algum esporte? — indagou April.

Eu nem tive vontade de vomitar na cara dela depois da pergunta, o que mostra o quanto a mulher é doce.

O meu pai caiu na risada.

— Só Deus sabe o quanto eu tentei! — ele falou. — Sempre íamos ao parque para jogar bola, mas Carson nunca se interessou.

— Íamos? — perguntei com a boca cheia.

— Logo percebi que não conseguiria formar o jogador de primeira divisão que tinha em mente. Ele parecia uma menina jogando.

E então entendi tudo: papai estava fingindo ser alguém que não o egoísta imbecil que foi durante toda a minha vida. April talvez adorasse escutar aquela baboseira toda, mas eu já ouvira demais.

— Pai, nós nunca fizemos isso.

— Claro que fizemos. Você deve ter esquecido — ele retrucou rapidamente.

— Não, eu me lembraria de algo assim.

— Ele está exagerando — papai disse, olhando diretamente para April, como se eu não estivesse mais ali. — Ele tem essa mente criativa. Acho que é por isso que escreve tão bem.

— Pai, quem você está fingindo ser? — eu praticamente gritei com ele. —

Há quantos anos você foi embora? E eu o vi quantas vezes desde então? *Duas?*

— Carson, você é jovem, talvez não compreenda.

— Você está certo, eu não compreendo! Não compreendo como você pode abandonar a sua antiga família e agir como se tudo estivesse bem diante da nova.

April olhou para o próprio prato.

— A sua mãe era instável — papai falou.

— É, eu sei. E você me largou sozinho com ela. Que tipo de pai faz uma coisa dessas?

— Carson, eu não posso pedir desculpas para sempre.

O engraçado é que ele não pediu uma vez sequer. Devo ter herdado isso dele.

— Obrigado pelo jantar, April, estava excelente — falei, levantando-me da mesa. — Mas agora preciso ir.

Passei pelo meu pai sem conseguir olhar nos seus olhos e saí. De repente, ficou muito claro para mim o que era aquele jantar: a forma que ele encontrou de autenticar alguma coisa com April. Ele tentou me usar, mas não funcionou.

Muitas vezes, os adultos são piores do que os adolescentes.

Eu estava tão bravo que tive a sensação de chegar em casa em questão de segundos. Entrei com cuidado, sem saber em que estado iria encontrar mamãe. Ela estava apagada no sofá. Havia lenços de papel amassados por toda parte. Obviamente, ela chorou até dormir. Também estava agarrada a um porta-retratos com uma foto de nós três — papai, ela e eu — tirada anos atrás.

Desliguei a televisão e a cobri com um cobertor. É incrível a quantidade de vidas que uma única pessoa consegue arruinar.

Só espero que a mamãe fique bem quando eu for embora. Não há muito o que se possa fazer por telefone.

03/11

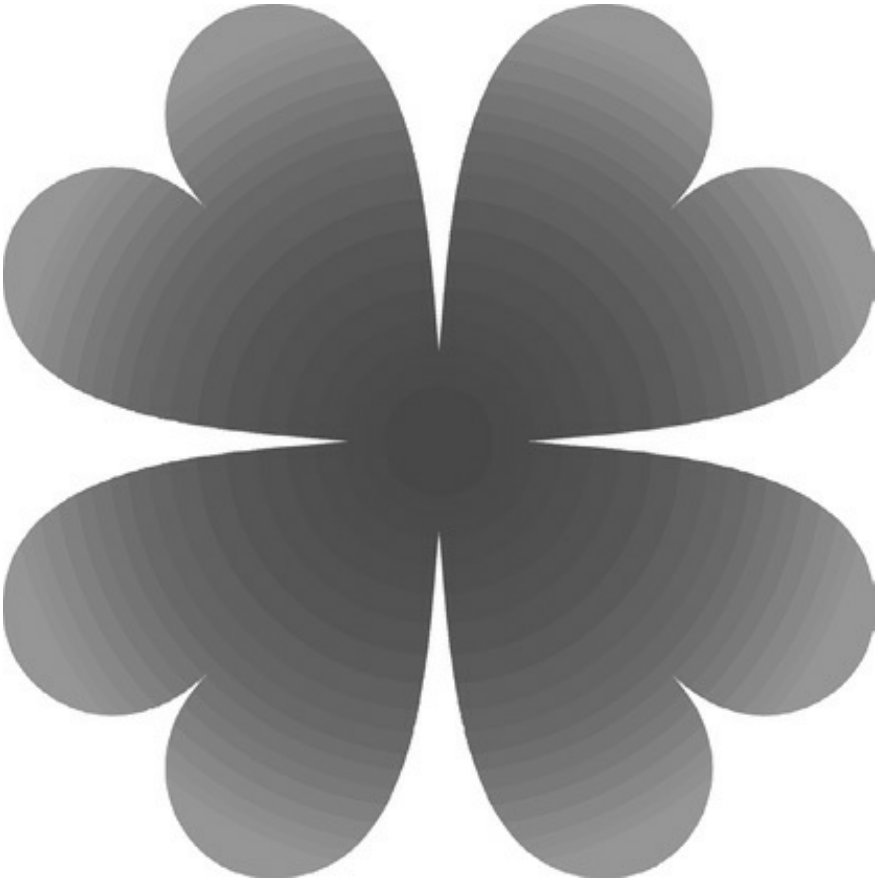
Bom, a *Revista Literária da Clover High* está oficialmente pronta! E ficou realmente boa, na minha opinião. Mereceria uma comemoração, mas a verdade é que eu não estarei no clima de comemorar enquanto não receber a carta de aceitação da Northwestern com o meu nome estampado.

Os exemplares para venda serão impressos na segunda-feira logo cedo, mas eu imprimi uma cópia em casa e a coloquei num portfólio estiloso, o qual mandei para o setor de admissões da Northwestern junto com um requerimento novíssimo em folha. Milagrosamente, ainda há bastante tempo para o material chegar lá, o que me deixa bastante impressionado comigo mesmo; espero que eles também fiquem.

Tenho a sensação de que coloquei as minhas esperanças e os meus sonhos em um envelope e o enviei a um completo estranho. Fiz mais uma cópia da revista para colocar aqui no diário. Assim, sempre poderei me lembrar deste três de novembro como o dia em que fiz o impossível!

Acho que amanhã vou tirar o dia de folga. Até Deus descansou no sétimo dia.

REVISTA LITERÁRIA
DE CLOVER HIGH



2012

= EDITADA POR CARSON PHILLIPS

sumário*

EDITORIAIS
“Genocídio da zeladoria”, por Carson Phillips
“Escândalo sexual na cidade pequena”,
por Carson Phillips

CONTOS
“A princesa sobrecarregada”, por Remy Baker
“Criaturas da escuridão”, por Vicki Jordan

ENSAIOS
“O topo da pirâmide”, por Claire Mathews
“A cor verde”, por Justin Walker
“A marquise” de Scott Thomas

POESIAS
“Amor implacável”, por Nicholas Forbes
“Meu amiguinho especial”, por John Hardy

SÁTIRA
“Podem me chamar de Isabella”, por Malerie Baggs

COMENTÁRIO SOCIAL
“A futura sra. Bieber”, por Hannah Morgan

OUTROS
“10 razões para gostar de Emilio”, por Emilio Jorge López

"Vidas em 3-D", por Dwayne Michaels

* Mais contribuições podem ser encontradas na nova

página do Facebook da Revista Literária de Clover High.

Genocídio da zeladoria

POR CARSON PHILLIPS
19 de setembro de 2012

CLOVER HIGH SCHOOL, CLOVER, CALIFÓRNIA — Devido aos últimos cortes orçamentários feitos pelo Estado, a Clover High School demitiu dois zeladores e obrigou outro a pedir aposentadoria antecipada em plenas férias escolares. Quando questionado sobre as infelizes demissões, o diretor Gifford alegou o seguinte: "Estamos bastante tristes por dizer adeus aos membros da nossa equipe, porém não tivemos escolha. Foram os eleitores que puseram aquele idiota no poder, não eu".

No entanto, uma análise mais profunda mostra que foram feitas várias escolhas no que diz respeito ao orçamento.

"Estamos muito empolgados com os novos uniformes e equipamentos do futebol", disse um jogador, que preferiu não ter a identidade revelada. O material foi cortesia da escola. "Somos o melhor time, e os nossos adversários saberão disso só de olharem o nosso estilo!"

De acordo com uma pesquisa recente feita no Google, o custo médio de um uniforme do ensino médio varia entre 100 e 500 dólares, dependendo das medidas do jogador. Considerando que haja pelo menos quarenta atletas no time da Clover High, a quantia paga pela escola ficaria entre 4 mil e 20 mil dólares — uma vasta soma de dinheiro, suficiente para manter os três trabalhadores e pais de família empregados por mais alguns meses.

Há uma grande diferença entre "falta de escolha" e "má escolha".

Para mais informações sobre o assunto, visite a página do Clover High

Chronicle no Facebook ou envie um e-mail para o escritor em CarsonPhillips@thecloverhighchronicle.com.

Escândalo sexual na cidade pequena

POR CARSON PHILLIPS
26 de setembro de 2012

CLOVER HIGH SCHOOL, CLOVER, CALIFÓRNIA — Na tarde da última quinta-feira, o sr. Armbrooster, veterano professor de ciências humanas, foi obrigado a sair da escola escoltado por seguranças. Ele foi demitido por "usar objetos inapropriados nas aulas de educação sexual", mas os detalhes exatos das alegadas aulas permanecem em sigilo.

Quando questionada sobre o assunto, uma caloura declarou: "O senhor Armbrooster era muito legal. E daí se ele usou um boneco Gumby e massinha Play-Doh para ensinar sobre o sistema reprodutor feminino? O Gumby parece mesmo uma trompa de Falópio. Isso não dá para negar".

"Ninguém aqui é burro", disse um dos colegas. "Sabemos que o útero não é revestido de Play-Doh. Precisaria ser muito idiota para pensar uma coisa dessas. Tudo o que eu sei é que tirei B+ na prova. Obrigado, senhor A!"

De fato, esse parece ser o consenso entre os alunos. Ao compararmos as notas obtidas nas aulas do sr. Armbrooster com quaisquer outras de ciências humanas na Clover High, observamos uma diferença significativa: os alunos tiveram um desempenho 20% acima da média depois de serem submetidos ao Gumby e à massa de modelar Play-Doh.

"O senhor A foi demitido por usar material de apoio em aula, mas o senhor **** tem um caso com todas as suas alunas e continua no cargo? Isso está bem errado!", disse um enérgico conselheiro da escola, que preferiu ter a identidade preservada.

É errado, não é justo e não faz sentido. Imagino quais brinquedos infantis o

sr. Armbrooster usaria para nos explicar a situação.

Para mais informações sobre o assunto, visite a página do Clover High Chronicle no Facebook ou envie um e-mail para o escritor em CarsonPhillips@thecloverhighchronicle.com.

A princesa sobrecarregada

POR REMY BAKER

Era uma vez uma pequena princesa que tinha várias responsabilidades. Os seus pais, o rei e a rainha, exerciam pressão demais sobre ela pois passavam por dificuldades para governar o reino. Embora a princesa fosse muito bonita, inteligente e obtivesse sucesso em tudo o que fizesse, eles sempre pensavam que ela podia fazer ainda melhor.

Todos os dias, a princesinha mostrava aos pais todas as coisas que havia realizado, e todos os dias eles encontravam uma maneira de fazê-la sentir que não era boa o bastante.

— Olhem, mamãe e papai, consegui um A na minha aula de apreciação pela plebe! — disse certa vez a princesa.

— Você consegue mais do que isso — respondeu o rei ao olhar o relatório da filha.

— Ficaríamos mais satisfeitos se você tirasse um A+ — completou a rainha.

A pequena princesa saiu correndo do castelo e adentrou a floresta. À sombra de uma pequena árvore, ela chorou, sentindo que jamais seria suficientemente boa. E a árvore magicamente ganhou vida.

— Por que está chorando, minha pequena princesa?

— Porque jamais serei suficientemente boa aos olhos dos meus pais. Eu me esforço tanto, mas eles nunca estão satisfeitos.

Foi então que a árvore deu à princesa um livro mágico, cheio de fotos das suas realizações e dos seus amigos.

— Tome. Toda vez que você se sentir triste, eu quero que olhe para este livro e se lembre de todas as coisas boas da sua vida — disse a árvore.

Ao correr os olhos pelo livro, a princesinha logo começou a se sentir melhor. Enxugou as lágrimas e voltou ao castelo. A partir de então, toda vez que os pais a faziam se sentir diminuída, ela olhava para o livro e recordava as coisas que a tornavam tão especial.

A princesa manteve o livro consigo pelo resto da vida e, ao longo do seu reinado, compartilhou-o com todos os príncipes e princesas que os seus filhos e netos se tornaram.

Fim.

Criaturas da escuridão

POR VICKI JORDAN

Era um mundo de vampiros e de demônios, onde não havia inocência nem vida. Era um mundo de trevas, do qual a luz fora banida e no qual o cair da noite nos engolira a todos.

Uma guerra épica foi travada, e as criaturas da escuridão finalmente prevaleceram sobre os promotores da luz. Então, pela primeira vez, o povo das sombras pôde sair e andar livremente sob os raios do sol moribundo, que em outras épocas os afastavam.

Uma garotinha, filha da luz, sobreviveu à batalha e se arrastou para fora das cinzas da destruição. Ela olhou consternada à sua volta, para aquele mundo corrompido, e questionou um vampiro sobre as mudanças ocorridas, as quais não aprovava.

— Por que você transformou o meu mundo em um mundo de escuridão e fez do errado uma nova forma de correção? Como você pôde à luz pôr fim e, com ela, todos aqueles amados por mim? Por que as sombras são a nova aurora e por que tudo o que se perdeu é a sua vitória?

Entretido e satisfeito, o vampiro olhou para a garota.

— Porque este que você enxerga, minha pequena, é o mundo de verdade, onde não há luz que faça brilhar qualquer falsa identidade. Nós não o destruímos para amedrontar; simplesmente revelamos o que já estava lá. A escuridão antes escondida manou das profundezas, como a sua própria treva irá jorrar ao toque das minhas presas.

Nós somos os nossos maiores medos...

O topo da pirâmide

POR CLAIRE MATHEWS

Toda sexta-feira à noite, no intervalo da partida, o meu time de animadoras realiza uma das mais perigosas acrobacias do mundo da torcida. Chamamos a manobra de "Animageddon".

Três pirâmides são formadas em sequência. A garota que fica no topo da pirâmide central é arremessada ao ar e realiza um mortal de costas enquanto as duas que ficam no topo das outras pirâmides saltam por baixo dela, trocando de lugar antes que esta volte à sua posição.

É, sem sombra de dúvida, a acrobacia mais impressionante que nós sabemos fazer — e também a mais perigosa. Eu adoro ser animadora, mas estar no topo da pirâmide significa correr o maior risco no caso de uma queda. E, por ser a menor da equipe, sou a que fica no topo da pirâmide central, arriscando a vida toda semana para entreter o público.

Isso me faz pensar: a acrobacia seria tão instigante se a plateia soubesse que tudo correrá bem? Ou estão todos secretamente esperando que alguém se machuque?

Na nossa sociedade, as pessoas são constantemente postas em pedestais — muitas vezes pelas razões mais equivocadas, mas geralmente porque são capazes de algo impressionante ou algo que ninguém mais consegue realizar. Será que as

elevamos apenas para que possamos vê-las cair? Às vezes, penso que a pior coisa que fazemos com as pessoas é idolatrá-las ou tratá-las como sobre-humanas: assim, só damos a elas mais chances de nos decepcionarem.

Toda sexta-feira à noite, ao ser arremessada, por uma fração de segundo penso que sou a pessoa mais solitária do mundo: "Uau, ninguém pode me alcançar aqui". Quando a força motriz se extenua e a gravidade começa a me puxar para baixo, agradeço profundamente por voltar ao chão. Eu só espero que esse ímpeto não me puxe para baixo demais.

A cor verde

POR JUSTIN WALKER

Eu gosto da cor verde. Ela me faz pensar em árvores e grama. Quando penso em árvores e grama, penso em futebol. E, quando penso em futebol, fico feliz.

Sei que não sou o cara mais inteligente do mundo. As pessoas me chamam o tempo todo de ignorante, de idiota e de australopiteco (embora eu não seja australiano). Mas, se o objetivo da vida é descobrir o que faz a gente feliz, então estou bem resolvido. Tudo o que preciso fazer é olhar para a cor verde.

Quem é o idiota agora?

Também gosto da cor azul. Quando penso em azul, penso no oceano. Quando penso no oceano, penso em biquínis. E, quando penso em biquínis, penso em todas as coisas que me fazem feliz, e elas não são verdes!

Pelo menos eu torço para que não sejam. Se forem, você provavelmente deve marcar um médico antes de me convidar de novo para a casa de praia dos seus pais. Isso é simplesmente nojento e ofensivo. É sério, garota, você mora na praia — por favor, tome banho mais vezes. Você não sabe o que pode estar rastejando na sua pele.

“A marquise” de Scott Thomas

Eu sempre soube que era predestinado à fama. A imagem do meu nome no letreiro luminoso da marquise do Clover Community Theater não é apenas uma visão, é uma premonição.

Se você estiver pensando: “Mas, Scott, você não faz o gênero protagonista; você nunca poderá ser a estrela de produção alguma”, então eu tenho três palavras, meu amigo — mas, como prometi a mim mesmo que não falaria palavrão neste artigo, tenho outras três: você está errado!

Não existe apenas um molde de biscoito em formato de estrela: ele vem em diversos tamanhos e cores. Você só precisa definir o destino que dá a ele.

Um dia, eu irei escrever, produzir, dirigir e estrelar o meu próprio monólogo. Ele estreará no Clover Community Theater, e as críticas serão tão espetaculares que a peça ganhará a estrada. Passarei pelas maiores cidades (exceto Chicago, porque não suporto vento) e reunirei uma legião de fãs.

Venderei os direitos autorais à melhor oferta; talvez eu participe do Jimmy Fallon e conte como o sonho começou. E, depois de uma longa e glamorosa carreira, me aposentarei e farei uma série de autobiografias, que se tornarão estrondosos musicais da Broadway.

Ambição não nasce em árvore, querida. As árvores somos nozes.

Todos os dias, ao acordar, encare a vida ao estilo Scott Thomas. Imagine a sua própria marquise com o seu nome escrito em luzes tão brilhantes que o deixariam cego se você olhasse por muito tempo. Imagine que essa marquise acompanhará os seus passos aonde quer que você vá, avisando ao mundo que você chegou!

“Scott Thomas na aula de geometria!” “Scott Thomas no vestiário!” “Scott Thomas no carro!” “Scott Thomas na banheira!” Faça como os maiorais: não permita que o seu nome fique abaixo do título. Jamais seja coadjuvante na sua própria história!

Amor implacável

POR NICHOLAS FORBES

Vermelha é a rosa
Amarela é a flor do ipê
Não há dinheiro que detenha
O meu amor por você

Eles podem se insurgir
Eles podem bradar
Mas eu não vou desistir
Sem por você lutar

Dirão que é imoral
Dirão que é pecado
Alguns dirão que é terrível
Ou simplesmente errado

Não sei muito
Mas fui arrebatado
Definitivamente não acredito
Que exista amor errado

Meu amiguinho especial

POR JOHN HARDY

Pela manhã você me saúda
Todo animado
E passa o resto do dia
Em mim pendurado

O mesmo nos estimula
Essa é a verdade mais pura
Se eu tivesse dois de você
A vida seria menos dura

Você sempre será
Um parceiro sem igual
Do começo ao fim
Meu amiguinho especial

Podem me chamar de Isabella*

POR MALERIE BAGGS

Alguns anos atrás — não importa quantos exatamente —, tendo pouco ou nenhum dinheiro na minha carteira do Angry Birds, tampouco filtro solar para ir à praia, achei que devia sair por aí e agir como um malandro na escola.

Foi a forma que encontrei de apavorar os calouros e regular a circulação do ensino médio. Sempre que acordo com uma espinha perto da boca; sempre que é um setembro frio e úmido na minha alma; sempre que me pego contra a vontade olhando para os mortos, pegando a rabeira de todas as filas; e, especialmente, sempre que perco uma partida de Papa Bola, o que exige que o diretor Gifford exerça um sólido princípio moral para impedir-me de sair deliberadamente ao corredor e metodicamente abaixar a calça das pessoas — então acho que está na hora de pegar o ônibus o mais depressa possível.

Esse é o preço que pago por ser um malandro. Com um floreio filosófico, o gatinho se atira sobre a caixa de areia; eu calmamente subo a bordo do ônibus escolar. Não há nada de surpreendente nisso. Saibam ou não, quase todos os doutores diplomados, uma vez ou outra, tomam o ônibus e compartilham comigo os mesmos sentimentos para com o sistema de transporte.

Além disso, tenho uma baleia gigantesca para caçar.

A futura sra. Bieber

POR HANNAH MORGAN

Ali estava eu, em frente à casa de Justin Bieber, em Calabasas, numa tarde ensolarada de sábado. Éramos eu e as habituais vinte ou quarenta meninas que esperam do lado de fora da sua residência todo fim de semana, nutrindo a esperança de conseguir botar os olhos nele, ou de ganhar uma pequena apresentação particular.

Estava legal: fofocávamos sobre Selena Gomez (que para mim sempre será conhecida como "a outra"), escutávamos as músicas de Justin em um iHome portátil e adivinhávamos as indicações do seu novo álbum ao Grammy. O de sempre.

Mas as coisas ficaram bastante tensas quando ninguém menos do que a infame Renee Foster apareceu!

— Acho que você pegou a minha vaga, senhorita Morgan — falou Renee.

Era a mais pura mentira — todo mundo sabe que a área que vai da barra de ferro vinte e oito até a barra trinta e um do lado esquerdo do portão é minha.

— Ah, nem vem, senhorita Foster — respondi. — Você perdeu o seu lugar quando trocou o JB por aquele imigrante, o Louis Tomlinson, do No Direction.

Todas as garotas vaiaram Renee. Então ela entendeu: ninguém abandona o meu Justin.

— Você não vai insultar o One Direction na minha frente! — Renee gritou na minha cara. — Eu posso ser fã de quem eu quiser e de quantas pessoas eu quiser.

— Não neste portão! — retruquei, balançando a cabeça.

Eu estava tão brava que quase tirei os meus brincos com a inscrição "Forever" e espetei na bunda de Renee.

— Ei! Esta é uma casa particular, não a Disneylândia! — disse um dos seguranças.

Todas nós voltamos correndo para os nossos carros antes que eles chamassem

a polícia de novo. O que foi bom, porque eu detestaria que Justin me visse engalfinhada com Renee.

Eu e algumas meninas pulamos no meu Jetta e demos o fora dali.

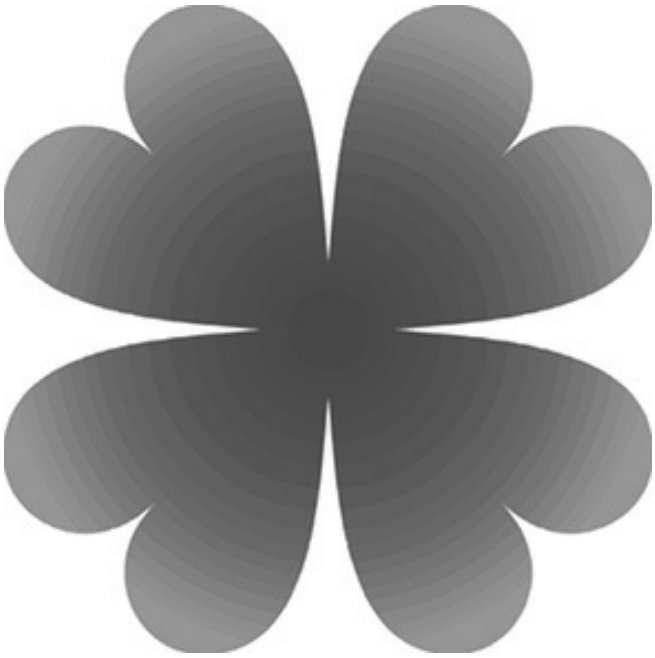
— Vamos ficar no portão de alguém do Glee agora — uma delas sugeriu.

Claro, eu posso entender por que algumas pessoas acham estranho que eu pegue o meu carro e vá até a casa de Justin todo final de semana só para conseguir vê-lo rapidamente, mas pense como isso será romântico quando contarmos a nossa história de amor um dia.

10 razões para gostar de Emilio

POR EMILIO JORGE LÓPEZ

Emilio tiene el pelo magnífico como un gallo.
Emilio huele como un perrito.
Emilio es el frijol en tu pupusa.
Emilio es tan suave como un conejo.
Emilio es lo picante en tu desayuno.
Emilio es un gran aventurero como una ardilla.
Emilio tiene la fuerza de un toro.
Emilio puede saltar alto como una rana sin miedo.
Emilio es el tocino en tu ensalada.
Emilio es el mejor amante que jamás hayas conocido.



* Referência ao primeiro parágrafo de Moby Dick. [N. T.]

05/11

Então, lembram-se do encontro que teríamos com o diretor e com os coordenadores? Foi hoje. Lembram-se de que eu prometi me comportar bem, apenas concordar e sorrir? Bem, eu menti.

Sentados a uma mesa colocada no meio do auditório, nós esperamos por quase meia hora até que o diretor e os dois coordenadores do Conselho Escolar Unificado de Clover aparecessem. Depois de tudo o que havia passado com o meu pai, com a minha mãe e com a conclusão da revista, eu estava com um humor daqueles, admito.

— Certo, então vamos começar — disse Gifford, sentando-se à cabeceira da mesa. Os coordenadores se sentaram cada um a um lado. — Chamei vocês aqui para anunciar uma nova regra do conselho a que eu e os outros diretores da região somos bastante favoráveis.

Com os olhos arregalados, todos assentiram respeitosamente. A minha postura murchou ainda mais por puro despeito.

— No próximo semestre, será estritamente proibido exibir qualquer logotipo ou mensagem em capas de livros, mochilas e roupas — comunicou Gifford. — Assim, na qualidade de membros do conselho, é muito importante que cada um de vocês honre a nova regra e, assim, demonstre liderança aos demais alunos.

Embora os outros membros tenham sido muito eficientes ao esconderem a sua decepção com a novidade, percebi que eles ficaram decepcionados. Até mesmo Remy balançou a cabeça silenciosamente.

Esperei um momento para me certificar de que ninguém se pronunciaria e então chutei o pau da barraca.

— Ok, de acordo — disse, e os coordenadores ficaram chocados com o fato

de eu não ter levantado a mão antes de me manifestar. — Odeio ter que ler aqueles comentários arrogantes e degradantes com os quais me deparo todos os dias. Se eu vir mais alguém usando aquela camiseta “Eu sou mais eu”, vou literalmente arrancar a minha cara e jogá-la no desgraçado. Mas como nós vamos aprender e crescer se vocês não param de nos tolher os nossos direitos básicos de autoexpressão?

Todas as cabeças se viraram na minha direção, tomadas pelo horror. Bem ao estilo *O exorcista*.

— Deixe-me falar uma coisinha, amigo — começou Gifford, sem dúvida contando até dez mentalmente. — Por que você não deixa que *nós* nos preocupemos com as proibições aos alunos?

Claire balançou a cabeça com tanta força que esta quase caiu do pescoço. Talvez ela não se importe em ser uma puxa-saco, mas eu não ia ver os meus direitos serem arrancados de mim e não fazer nada a respeito.

— É, vocês devem mesmo saber o que estão fazendo, já que há cada vez mais alunos estressados, deprimidos ou que largam a escola — rebati. — Estão *realmente* fazendo um ótimo trabalho.

— Você está passando dos limites! — advertiu Gifford, levantando a voz.

A sua senhorinha interior que o ajudava a contar estava começando a deixá-lo na mão.

— E você está numa viagem de poder — respondi no mesmo volume. — Proibindo logotipos, o que vocês conseguem a não ser dar lastro à sua proposta conservadora?

— Carson, pare de falar, por favor! — Claire sussurrou para mim. Achei que ela fosse explodir.

O rosto de Gifford ganhou um tom de vermelho inédito entre a raça humana. Ele sabia que eu estava certo — todos sabiam —, e isso o deixou extremamente desconcertado.

— Esta discussão acabou. Vocês seguirão as novas regras — Gifford bradou para mim. Ele olhou para cada um dos coordenadores. — Além disso,

por causa da sua atitude desrespeitosa, eu proíbo pelo resto do ano letivo que os alunos saiam da área da escola durante os intervalos. Os seus colegas podem agradecer a você por isso, *mocinho*.

Era o segundo adulto naquela semana a me usar para se exibir.

— Vamos embora, pessoal — Gifford disse aos coordenadores, e eles deixaram o auditório.

Eu nunca vi o conselho de alunos olhar para mim com tamanho ódio. A raiva praticamente escorria pelos seus rostos. Alguns nem conseguiam me encarar. Remy estava quase chorando.

— Eles não podem punir a escola inteira por causa de um linguarudo! — disse Justin, levantando-se e chutando uma cadeira.

— Não dá para acreditar que vocês não fizeram nada! — eu falei.

— Ah, então a culpa é nossa? — Scott se manifestou, chocado.

— Graças a você, teremos que fazer o baile na cafeteria — disse Remy, empalidecendo ao escutar a frase que ela mesma acabara de proferir.

— Passaremos bastante tempo lá, já que não podemos mais sair da escola para comer — ironizou Nicholas.

— Será que eles reconsiderariam se você escrevesse um pedido de desculpas? — sugeriu Claire, ainda tremendo. Ela estava em pleno modo "controle de danos".

— Ele deveria pedir desculpas à escola inteira — acrescentou Scott.

— Tem razão — disse Remy.

— Isso mesmo — Nicholas concordou. — Que tal na próxima semana, na assembleia?

— Ah, Carson — Claire disse, balançando a cabeça. — Você sempre achou que era tão melhor do que nós todos porque não o suportávamos... Agora, prepare-se para receber *o mais puro ódio*. Assim que o resto da escola souber da novidade e contá-la aos pais, a cidade inteira passará a *odiar você* de verdade!

Eu mal podia acreditar no que estava ouvindo. Fui o único que tentou lutar

pela escola, e eles estavam bravos *comigo*?! Eles todos iriam *me* odiar?!

— *Chega!* — gritei. — Eu não estava simplesmente lutando pelos meus direitos; eu estava lutando pelos direitos de todos nós. — Desde o minuto em que entraram aqui, vocês foram declarados a realeza da escola e preferem manter esse título em vez de, *Deus que me livre*, tomarem alguma atitude. Bem, a escola *acaba*! E, para o seu próprio bem, espero que vocês não se tornem os clichês ambulantes que todos pensam que são, porque a vida irá passar por cima de cada um! Ela irá abocanhá-los pela bunda!

Juntei todas as minhas coisas e saí dali o mais rápido que pude. Estava até enjoado. Estava cansado de todos eles, cansado dos meus pais e cansado daquela cidade. Estava de saco cheio do mundo inteiro.

Fui direto para a vovó e tive uma espécie de colapso.

— Eu simplesmente não entendo — disse a ela, esforçando-me para conter as lágrimas. — Por que algumas pessoas precisam lutar tanto por aquilo que desejam e outras não? Por que algumas pessoas são egoístas por natureza e outras são egoístas simplesmente para sobreviver?

Vovó estava entretida com o tricô e não demonstrou muito interesse no que eu dizia. Não importava. Eu só precisava mesmo botar aquilo pra fora; desabafar com outro ser humano, mesmo que estivesse conversando com uma casa vazia.

— Sabe, muito tempo atrás eu disse a mim mesmo que não precisava de ninguém — admiti, incapaz de continuar segurando as lágrimas. — Mas ultimamente tenho me perguntado se eu não estava errado, vovó. Sempre fui cem por cento independente, e é tão difícil ser assim às vezes...

— Você disse alguma coisa? — vovó perguntou.

— Não — respondi, enxugando as lágrimas.

— Estou fazendo isto para o meu neto.

— E o que é?

Ela ergueu o tricô. Estava todo assimétrico, com diversos tipos e cores de linha. Claramente, vovó havia mudado de ideia várias vezes enquanto

trabalhava na malha.

— É um *cobertor de cachecol* — ela disse.

Eu não consegui conter o riso. De fato, era um cobertor de cachecol. Mesmo com Alzheimer, ela sempre conseguia me fazer sentir melhor.

12/12

Bom, a revista está à venda há um mês, e só vendi um exemplar. E o cara ainda o estraçalhou na minha frente. Acho que Claire estava certa sobre a cidade inteira me odiar. Eu venho recebendo olhares realmente ameaçadores ultimamente, muito mais do que o de costume. *Olhares odiosos,* devo dizer.

É, têm sido semanas difíceis. Não sei por que isso me chateia tanto; sempre achei que todos me odiavam. Tenha cuidado com o que você deseja, certo?

Até aqui não obtive nenhuma resposta da Northwestern. Isso ainda é um grande ponto de interrogação na minha cabeça e um nó na minha garganta. Agora, mais do que nunca, eu *realmente* preciso sair desta cidade.

Faltam três dias para quinze de dezembro. Então, em menos de quarenta e duas horas, saberei se fui aceito previamente. Dedos cruzados! Pelo menos tenho algo por que esperar.

Não me preocupei mais com o *Chronicle*. Tenho simplesmente reimprimido a edição velha de setembro. Não estou com humor para escrever ultimamente; por isso o intervalo de um mês sem qualquer registro no diário.

Nunca pensei que ficaria sem palavras... Acho que a vida nos surpreende.

12/03

Já se passaram alguns meses, e eu não tenho nada de bom para relatar. Nem preciso dizer que não recebi a tal carta de admissão prévia. Mas também não recebi nenhuma carta de rejeição; por isso, passei as últimas semanas atordoado, na esperança de que a minha revista literária tenha feito a sua mágica. Acho que vou me lembrar de hoje para sempre. Doze de março, o pior dia da minha vida.

Eu estava na aula de inglês, fazendo uma prova final sobre *Hamlet*, quando a srta. Sharpton me chamou à sua sala para me contar que a minha vida havia acabado de se transformar em uma tragédia singular.

— Ei, bonitinho, sente-se — ela disse.

Eu podia sentir que o que ela estava prestes a revelar não era nada bom.

— Ah, não — falei, levantando-me. — Não me diga... Por favor, não me diga que...

— Apenas sente-se — ela disse.

Eu não queria me sentar. Sentar era como permitir que as notícias se tornassem realidade. Se eu não me sentasse, o que quer que fosse (embora eu soubesse o que era) não precisaria acontecer. O meu coração galopava no peito, e as minhas mãos tremiam.

— Recebi uma notícia da Northwestern hoje — ela falou. — Não é uma boa notícia, sinto dizer. Eles não permitirão que você faça uma segunda solicitação com a revista literária. Aparentemente, você perdeu o prazo de confirmação, então a sua admissão foi negada.

— Desculpe, você pode repetir o que acabou de dizer?

— Eles não deixarão que você faça a segunda inscrição. Você foi aceito, mas não confirmou. Por isso, foi rejeitado.

Eu tinha certeza de que o meu coração pararia de bater depois de escutar aquilo. Era um golpe tão grande, um erro tão grande. Obviamente, erros como esse não acontecem na vida real.

— Não, a carta deles deve ter se perdido no correio. Eu chequei a correspondência diariamente — falei. — Por favor, você precisa dizer isso a eles.

— Infelizmente, não posso fazer mais nada por você — a srta. Sharpton falou. — Mas você ainda tem a sua segunda opção de faculdade.

— Não existe segunda opção.

Nunca planejei falhar, por isso falhei em planejar.

Eu só queria poder rebobinar o mundo. Queria voltar alguns instantes no tempo, antes de ela me chamar ao seu escritório, quando eu estava triste por motivos superficiais. Agora, sentia como se um membro da minha família houvesse falecido e levado consigo uma parte de mim; eu estava de luto pelo meu futuro.

— Bom, você pode reenviar a solicitação depois que completar todos os créditos do ensino médio — ela tentou me animar. — As inscrições da Clover Community College ainda estão abertas. Quer preencher uma solicitação?

Aquilo jogou sal na ferida. Não bastasse o meu espírito ter sido esmagado, a minha alma ainda teria de sofrer por um ou talvez muitos anos no inferno de Clover. Eu não poderia ter imaginado um cenário mais frustrante.

— Carson, você gostaria de preencher a solicitação?

As palavras dela se desvaneceram aos poucos. Eu me distraí com um cartão-postal do mar que estava sobre a sua mesa. Parecia tão calmo e sereno. Nunca vi o mar ao vivo.

— Carson? — ela chamou.

— Sabe de uma coisa, eu nunca vi o mar.

— O quê? E o que isso tem a ver com o que estamos falando?

Levantei-me, saí da sala e caminhei por um tempo. Devo ter andado em

torno da escola por horas apenas pensando nas coisas. A Northwestern sempre fez parte dos meus planos. Sempre foi o meu próximo passo. Eu estava tão preocupado com a possibilidade de não ser aceito que nunca planejei ir a qualquer outro lugar no ano que vem.

E saber que fui *aceito* e depois rejeitado por algo completamente fora do meu controle, uma fatalidade, um golpe do destino... era a pior parte. *Eu tive aquilo nas mãos*. Cruzei a linha de chegada só para ter o meu troféu arrancado de mim.

O que farei agora? Terei forças para sobreviver a tudo isso? Será que irei mesmo para a Clover Community College no ano que vem, para continuar lutando a mesma luta? Ou simplesmente jogarei a toalha e desistirei? Quem sabe não me junto à mamãe no sofá.

Senti o celular vibrar no bolso. Era uma mensagem de voz da minha mãe — várias, na verdade. Não devo ter percebido o telefone tocar.

— Carson, a sua avó caiu. Venha para cá o mais rápido que puder — ela disse, obviamente sem saber como lidar com a situação por conta própria.

Talvez esse seja o motivo por que tudo isso está acontecendo. Não é o meu destino sair de Clover. Todo o propósito da minha existência é tomar conta da minha mãe e da minha avó.

Cheguei ao asilo o mais rápido que pude. Vovó estava dormindo. O seu antebraço estava muito machucado, mas, fora isso, ela parecia bem.

— Onde você estava? — mamãe perguntou assim que entrei. Não respondi. Onde ela *achava* que eu estava? — Tudo bem, não precisa me contar, mas não tem problema se você estava no seu pai.

— Como ela está? — perguntei.

— Bem. Além do braço, ela machucou o quadril, mas não quebrou nada. Vou buscar café. Quer alguma coisa?

— Não.

Ela saiu do quarto.

Vovó despertou um minuto depois. Olhou para mim e, por uma fração de

segundo, juro que me reconheceu. Foi rapidamente distraída pelos machucados e então perdeu a conexão.

— O que aconteceu comigo? — perguntou, olhando para o braço ferido.

— Você caiu e se machucou — falei.

Ela olhou de novo para mim. Desta vez, tive certeza de que ela soube quem eu era.

— Você me lembra o meu neto.

Foi o mais próximo da lucidez que ela chegou em anos.

— É mesmo? — perguntei, feliz da vida. — Por quê?

— Por causa do seu olhar triste — ela disse. — O meu neto costumava ser um garoto muito feliz. Costumava escrever histórias para mim. Lembro-me da primeira que ele escreveu: “Era uma vez um garoto”. Então isso se tornou: “Era uma vez um garoto que queria voar”. E as histórias foram ficando cada vez melhores. Eu nunca soube se o garoto conseguiu voar.

Abri um sorriso contido. Se ao menos ela soubesse que as asas do garoto haviam sido cortadas...

Mais tarde, as enfermeiras entraram no quarto para lhe dar banho. Saí do aposento e encontrei a minha mãe sentada num banco. Ela parecia meio atônita com a coisa toda, mas eu não sabia o
que a estressava mais: o fato da sua própria mãe ter se machucado ou o fato de ela ter vestido uma roupa de verdade e saído de casa.

— O que está acontecendo? — mamãe perguntou.

— Estão dando banho nela — falei, sentando-me ao seu lado.

Ela percebeu que havia algo de errado comigo. Bem, eu não estava exatamente me escondendo atrás de um sorriso.

— O que está acontecendo com você?

Em um primeiro momento, hesitei antes de lhe contar. Secretamente, eu ainda tinha esperanças de que este dia não tivesse passado de um pesadelo.

— Entrei para a Northwestern, mas, como nunca recebi a carta, terei de esperar para entrar com um novo pedido de aceitação — falei, o coração

pesado.

Um denso silêncio caiu entre nós. Achei que ela estava simplesmente decepcionada por escutar a notícia, assim como eu, e que não conseguia juntar palavras para me dizer o quanto sentia por mim. Mas eu não podia estar mais errado.

— Eu joguei fora a sua carta — a minha mãe disse em um sussurro.

Juro que o meu coração parou por um instante. Eu não conseguia me lembrar de onde estava. Esqueci os machucados de vovó. Só conseguia pensar naquilo que a minha própria mãe acabara de confessar.

— O quê?!

— Perdão — ela disse.

— Mas como você pôde... como você pôde jogar fora a minha carta?!

— Eu queria proteger você.

— Me proteger?

— Eu não queria que você se machucasse como eu me machuquei. Toda a sua conversa sobre crescer e tornar-se um escritor... Nenhum desses delírios irá acontecer. Os sonhos não se tornam realidade, Carson, escute o que estou dizendo, eu sou a prova viva disso. O mundo é um lugar muito cruel. Você iria embora para ser comido vivo e voltaria completamente destroçado. Eu quis o melhor para você.

Não pude acreditar. A minha própria mãe, sangue do meu sangue, fez isso comigo e agora estava tentando *justificar* as suas ações.

— Não acredito. Isso é tão injusto! — exclamei, praticamente cego de raiva.

— *A vida* é injusta — ela disse. — Mesmo. E, quanto mais rápido você perceber isso, mais rápido crescerá e enxergará o mundo como ele realmente é.

Eu me levantei e me afastei dela. Naquele momento, a minha mãe era a figura mais patética no mundo para mim, e eu não suportaria ficar ali por um segundo a mais que fosse.

— Muito obrigado — falei. — Muito obrigado por ser o *perfeito* exemplo daquilo em que eu me recuso a me transformar.

Entrei no carro e simplesmente dirigi. Dirigi, dirigi, dirigi sem parar. Não sabia para onde estava indo e não me importava. Eu nem sequer sabia se iria voltar, para ser honesto.

Passei a placa LIMITE MUNICIPAL DE CLOVER, na periferia da cidade. Isso acendeu uma chama dentro de mim. Peguei o guarda-chuva que estava no banco de trás, saí do carro com o motor ainda ligado e caminhei até a sinalização como se ela fosse uma pinhata.

Bati nela até que os meus dedos sangrassem e o guarda-chuva se despedaçasse. Deixei uma mossa para cada imbecil que me tratou como um perdedor, para cada vez que fui usado, para cada vez que fui contrariado. Não houve qualquer doce espalhado pelo chão, apenas fragmentos e pedaços quebrados do meu sonho.

Arremessei o guarda-chuva estraçalhado no acostamento e voltei para o carro. Dirigi ainda mais. Desta vez, não parei por horas. Dirigi para o mais longe que pude, até que não houvesse mais estradas para tomar.

Encontrei-me no oceano. Sentei-me na capota do carro e apenas admirei aquela visão. Era tão bonito... Parecia eterno e ilimitado, assim como eu costumava me sentir antes.

O sol se pôs lentamente, e a noite começou a cair. Me senti traído de certa forma ao me dar conta de que ele se levantaria novamente no dia seguinte. Como a vida poderia continuar depois de um dia como este?

15/03

Os últimos dois dias foram muito difíceis, os mais difíceis que já enfrentei na vida. Toda manhã fico um pouco surpreso ao acordar. Pensei que o meu coração fosse simplesmente parar de bater durante o sono. É possível morrer de coração partido ou de desilusão na minha idade?

Ainda não consegui falar com a minha mãe, nem mesmo olhar para ela. Você conseguiria? Ela fica tentando se desculpar e dizer o quanto está arrependida, mas eu realmente não suporto escutar a sua voz.

Entrei na sala da srta. Sharpton e preenchi um requerimento para a Clover Community College. Em seguida, ela me deu o abraço mais desajeitado do mundo. Você sabe que a sua vida não vale nada quando a perua repetente da escola de beleza com três divórcios nas costas sente pena de você.

Ironicamente, o clima tem estado péssimo ultimamente. Todos os dias da semana foram nublados. Até o céu é um lembrete constante do meu estado de espírito.

Tenho todo o direito de me sentir deprimido e desolado, mas pensei bastante esta tarde e meio que desenvolvi uma nova perspectiva das coisas.

Tudo começou quando Malerie me encontrou aqui na sala de jornalismo, algumas horas atrás.

Embalamos todas as unidades não vendidas da revista literária (ou seja, basicamente todas) e as guardamos em caixas.

— O que você vai fazer com tudo isso? — Malerie perguntou.

— Vou doar para o asilo da minha avó. Alguém passará aqui mais tarde para buscá-las. Pelo menos elas serão lidas... ou mastigadas.

— Sinto muito que as coisas não tenham saído como você esperava — Malerie disse docemente.

— Eu também — respondi. — Mas, aparentemente, te verei bastante na Clover Community College, no ano que vem. Quem sabe nós não começamos uma revista literária por lá?

Malerie sorriu diante da ideia, mas aquele pensamento na verdade me deixou triste. Essa era a melhor perspectiva que eu teria a partir de agora?

Estava ficando tarde, e Malerie recolheu as suas coisas, inclusive a filmadora que havia deixado ligada sobre a mesa durante toda a tarde.

— Malerie, por que você filma absolutamente tudo? — perguntei. Era algo que eu queria saber havia muito tempo. — Quero dizer, você realmente quer se lembrar de *tudo*?

Ela olhou para o teto, como sempre faz quando alguém lhe pergunta algo do tipo “por que você faz isso”.

— E o que não vale a pena ser lembrado? — Malerie perguntou. — Junto com as boas lembranças, vêm as más lembranças, e eu tenho uma porção de cada uma delas. Pelo menos assim posso passar para a frente as coisas ruins.

Assenti com a cabeça. Ela tinha razão.

— Um dos orientadores me disse que não adianta ficar preso ao passado ou tentar esquecê-lo; o importante é o que você faz com o presente. É por isso que tento absorver o máximo que posso.

— Malerie, acho que você acabou de encontrar algo sobre o que *escrever* — falei com um sorriso no rosto.

Os olhos dela se iluminaram, e Malerie sorriu de uma forma que eu nunca tinha visto diante da ideia de escrever a sua primeira história realmente original.

— Preciso ir — ela falou. — Estou atrasada, e o motorista do ônibus disse que se eu me atrasasse de novo ele me levaria no porta-malas. Não tem graça.

Pouco antes de sair, Malerie ainda se virou para mim.

— Carson? — disse hesitantemente. — Nós somos *amigos*?

Ao mesmo tempo que achei graça, a pergunta me partiu o coração. Ela realmente precisava perguntar?

— Acho que somos melhores amigos, Malerie.

Ela fez um sinal de gângster para mim e saiu da sala. Eu ri, algo que não fazia havia dias.

Sempre soube que Malerie tinha uma vida difícil, mas nunca perguntei a ela sobre isso. Talvez algo de bom possa sair dessa minha estadia estendida em Clover. Talvez eu finalmente possa ser um amigo tão bom para ela quanto ela tem sido para mim. Acho que estava tão ocupado tentando fazer as pessoas me escutarem que acabei me esquecendo de escutar.

Havia mais uma caixa para embalar. Antes de passar a fita, apanhei um exemplar e o folheei. Pela primeira vez desde que completei a revista, senti um enorme orgulho ao ver o trabalho dos meus colegas e saber que eu os inspirei — de um jeito ilegal, é verdade, mas ainda assim inspirei.

Sorri para mim mesmo e balancei a cabeça. Talvez eu tenha ficado muito preocupado em alimentar as minhas próprias dores e me esquecido de tudo o que realizei. Publiquei com sucesso uma revista literária cheia de pensamentos, preocupações, esperanças e sonhos dos meus aborrecidos colegas do ensino médio.

Se eu pude fazer *isso*, posso fazer qualquer coisa, certo? É a prova de que o céu é o limite.

— O céu... — disse a mim mesmo.

E imediatamente sentei em frente ao computador e comecei a digitar. Tinha mais uma história para acrescentar à revista.

Imprimi várias cópias dela assim que terminei. Abri todas as caixas e coloquei a nova história na capa de cada exemplar da revista. Era também um tipo de dedicatória:

À vovó:
Era uma vez
um garoto que *voou*.

Não havia um começo melhor para a revista. Ao ver aquilo na capa, senti

algo que não sei se já senti antes; acho que aquilo me fez *feliz*.

Sim, vivemos em um mundo no qual os belos, os populares e os ricos muitas vezes prevalecem sobre o resto. Sim, às vezes as pessoas e as circunstâncias atrapalham a busca do seu sonho e a visão do caminho a ser percorrido. E, sim, se você possuir uma vantagem (inteligência, criatividade ou perseverança) sobre todos aqueles que também estão tentando chegar lá, eles sempre tentarão derrubá-lo.

Mas, se eu deixar *esse* tipo de gente me derrubar — esse tipo cabeça-dura, incapaz de entender o bem que estou tentando espalhar pelo mundo —, então não sou tão esperto quanto penso ser.

A partir de hoje, me recuso a permitir que alguém me leve ao ponto em que eu não consiga transformar uma situação horrorosa em alguma coisa, *qualquer coisa*, benéfica. Jamais deixarei que me façam sentir o que não quero sentir ou que me roubem as paixões que fazem de mim o que sou.

É o fim da picada ter de passar mais dois anos numa cidade cheia de pessoas que me odeiam? Com certeza. Irei odiar cada minuto dessa experiência? Provavelmente. Mas estou entrando em um mundo completamente novo sem absolutamente nada a perder ou amigos a fazer.

Não há no inferno fúria que se compare à de um jornalista que não tem nada a perder. Imaginem os editoriais que terei de enviar à Northwestern da próxima vez que me inscrever!

E, mesmo que eu nunca saia de Clover, mesmo que eu jamais entre na Northwestern ou escreva para a *New Yorker*, mesmo que esses sejam somente devaneios que tomam o meu tempo, agradeço a Deus por eles, porque, sem um significado, sem uma motivação ou um foco, sem sonhos ou objetivos, a vida não vale a pena ser vivida.

Com isso, devo ter chegado ao aprendizado mais importante da minha juventude, e ele me lembra de uma conversa que tive com Malerie muitos meses atrás.

Como uma grande ideia, a *vida* nos arrebata de repente. Ela nos acerta em

cheio e tenta escapar e ser expressa de qualquer forma possível. Em um sentido, é como... um *raio*.

Por falar nisso, acho que vem uma tempestade por aí. Preciso voltar para casa antes que comece. Devo ter perdido o guarda-chuva.

ALUNO DA CHS MORTO, ATINGIDO POR UM RAIO

ERICA PLOTKIN
16 de março, 2013

CLOVER, CALIFÓRNIA — O corpo de Carson Phillips, formando da Clover High School, foi encontrado no estacionamento dos alunos na manhã desta sexta-feira, 16 de março. De acordo com o relatório do médico-legista, Phillips morreu ao ser atingido por um raio durante a tempestade da última quinta-feira.

“Acho que falo em nome de todos os alunos e do corpo docente quando digo que Carson era querido e que sentiremos a sua falta”, disse Barry Gifford, diretor da Clover High, em depoimento à imprensa local. “Não havia uma única pessoa nesta escola que não adorasse o garoto.”

“Éramos melhores amigos”, disse a sua colega, também formanda, Remy Baker. “É muito triste saber que não o veremos mais pelos corredores.”

Embora ninguém da família de Phillips tenha se pronunciado sobre o trágico acontecimento, depois de várias tentativas feitas pelos repórteres locais, a mãe do falecido, Sheryl, finalmente aceitou falar com a nossa equipe: “Li que o raio é uma carga negativa que vem da fricção carregada pelas nuvens. Já que os opostos se atraem, quero pensar que ele estava tão positivo no momento em que morreu — tão feliz — que acabou atraindo o raio. Não sei se isso é possível, mas é nisso que eu acredito”.

O velório acontecerá neste domingo, na Capela Comunitária de Clover. No lugar de flores, a família pediu doações ao Clube de Redação da Clover High.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Rob, Monica e a toda a família Aguirre. Sem eles, *O diário de Carson Phillips* ainda seria um roteiro guardado na minha estante.

Também gostaria de agradecer a:

Brian Dannelly, David Permut, Steve Longi, Jason Berman, Mia Chang, Lawrence Kopeikin, Mark Moran, Chris Mangano e Romy Rosemont.

Ao incrível elenco do filme, incluindo Allison Janney, Christina Hendricks, Dermot Mulroney, Rebel Wilson, Polly Bergen (adoro você, minha querida!), Angela Kinsey, Sarah Hyland, Robbie Amell, Ashley Rickards, Allie Grant (Allie, você é linda, desculpe-me por Carson odiar Remy tanto assim!), Matt Prokop, Carter Jenkins, Graham Rogers, Charlie Finn, Brad William Henke, Ginifer King, Adam Kolkin, Luke Lewis, Lauren Lopez e Amy Nabors.

A Bobby Bukowski, Bridgette Kelley (minha inspiradora), Wendy Chuck, Linda Burton, Tia Nolan, Kyle Burch, Drew Ann Rosenberg, Christopher Wolfe, Aaron Penn, Denise Paulson, Brian Steven Banks, Heidi Hanson, Suzanne Houchin e à espetacular equipe do *Diário*.

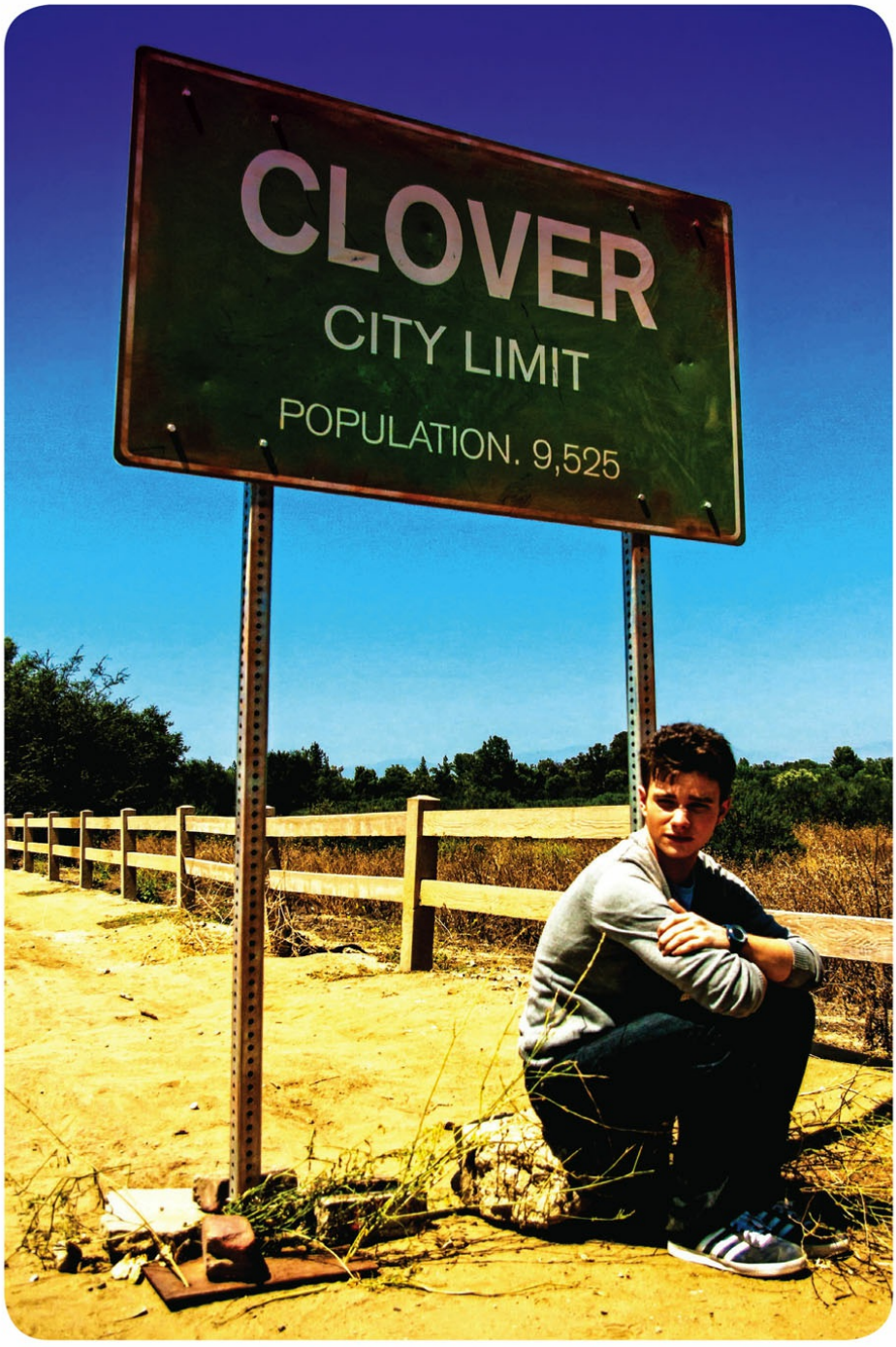
À equipe da Little, Brown, incluindo Alvina Ling, Bethany Strout, Megan Tingley, Andrew Smith e Melanie Chang, e a todos da Tribeca Film.

E, por último, mas certamente não menos importante, aos membros da minha própria equipe, Rob Weisbach, Alla Plotkin, Erica Tarin, Meredith Fine, Derek Kroeger, Heather Manzutto e Elizabeth Uhl. E um

agradecimento especial a Glenn Rigberg, a maior campeã do *Diário*, que tornou tudo possível.

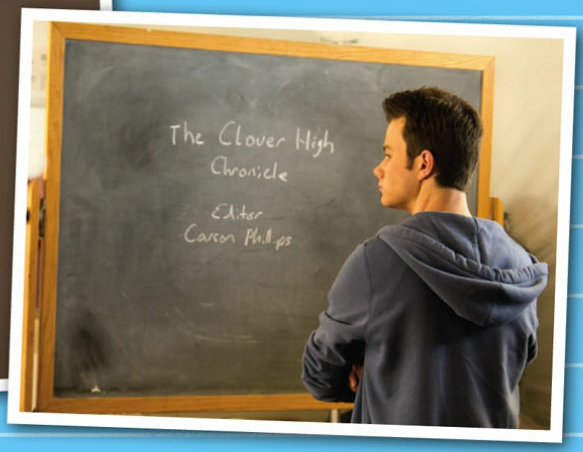
Agradeço também à Oprah, à Madonna, à rainha Elizabeth, à Jennifer Saunders e ao Woody Allen... Porque eu posso.

Caderno de imagens

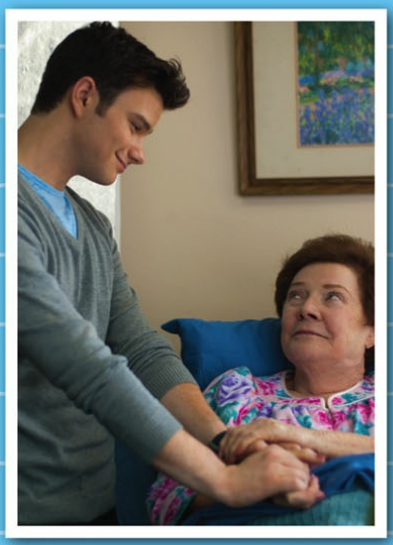


DIRIJA-SE À ESQUINA ENTRE NADA E LUGAR NENHUM, VIRE À ESQUERDA...





D.N.A
DEFINITIVAMENTE NÃO ADOTADO

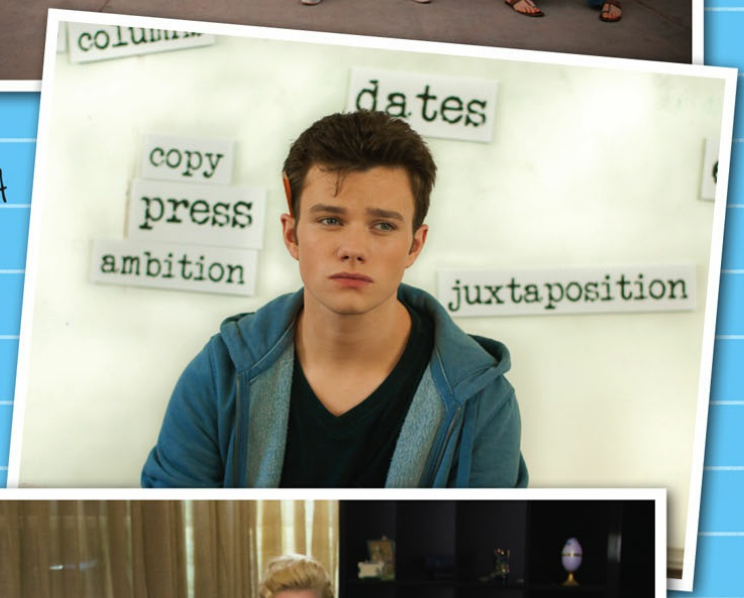








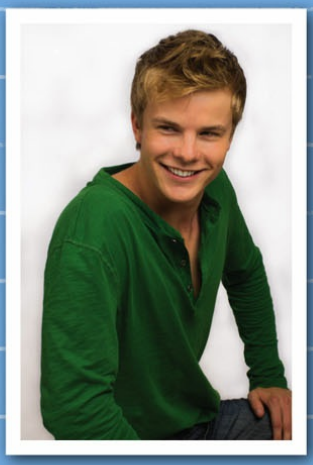




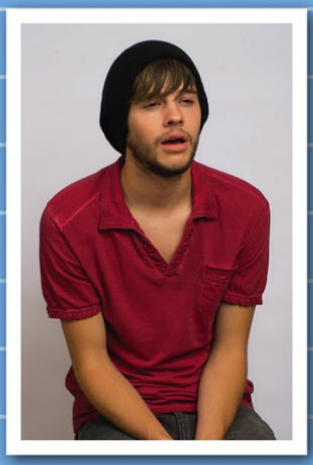
INTELIGÊNCIA É O NOVO SEXY!



A PIOR ORIENTADORA DO MUNDO!



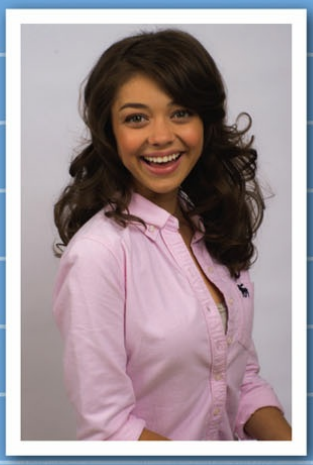
Scott "Não Conte Para Ninguém"



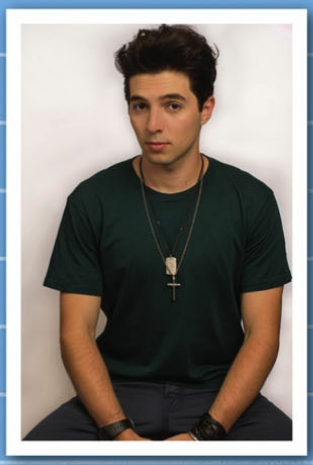
"Insensível" Dwayne



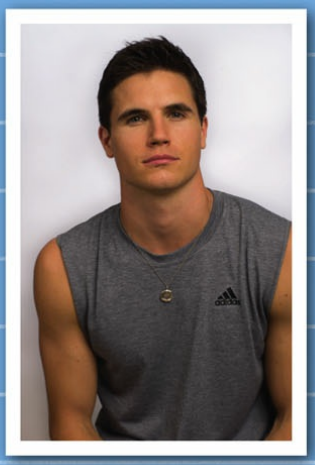
"Hipócrita" Remy



"Contracepção" Claire



"Importado" Emilio



Justin, o terceiro Tweedle



VIP (vampira em processo) Vicki



Príncipe Nicholas do Fundo Fiduciário (Isso significa que ele é rico)









CUNGREGAÇÃO



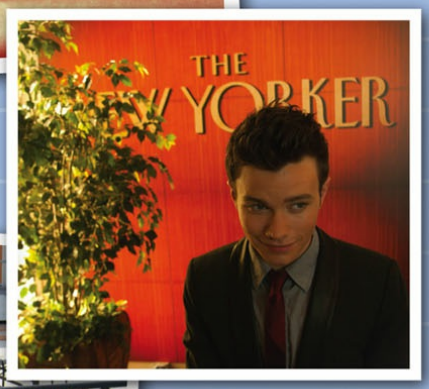






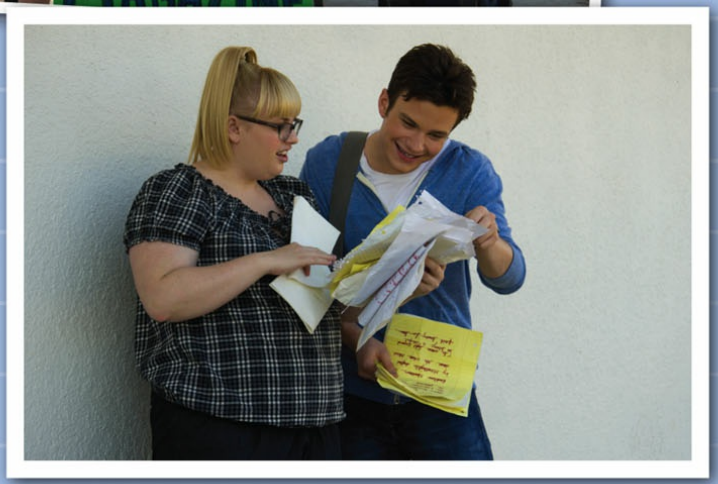
MODO
FESTIVAL



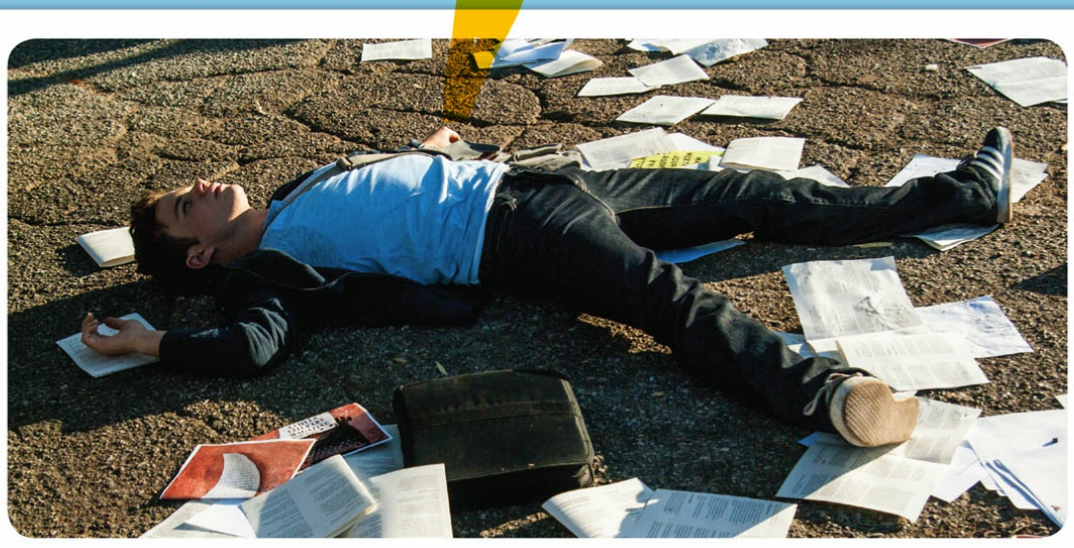


O SONHO





PARCEIROS DE CRIME



ÀS VEZES, UMA NUVEM CARREGADA SOBRE A CABEÇA PODE SER MORTAL.

CRÉDITOS

Copyright © 2012 by Christopher Colfer
Título original: *Struck by Lightning*
Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho e Luiza Del Monaco
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius
Edição de arte: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix
Preparação: Luiza Thebas e Augusto Iriarte
Revisão: Tomoe Moroizumi e Vanessa Rodrigues
Diagramação: Balão Editorial
Conversão para ebook: Deborah Mattos
Capa adaptada do projeto original de Steve Scott
Fotos: Suzanne Houchin, cortesia de Camelia Entertainment
Imagens de capa: Pencil photo © iofoto/Getty Images
Notebook paper photo © Fenton/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
C658a
Colfer, Chris
Atingido por um raio [recurso eletrônico] : o diário de Carson Phillips / Chris Colfer ; [tradução Cleci Leão]. - São Paulo : Benvirá, 2013.
224 p., recurso digital
Tradução de: Struck by lightning
Formato: ePub
ISBN 978-85-8240-028-9 (recurso eletrônico)
1. Ficção infantojuvenil americana 2. Escola 3. Livros eletrônicos. I. Leão, Cleci II. Título.
13-0676. CDD: 028.5
CDU: 087.5
30.01.13 01.02.13 042496

1ª edição, 2013

Todos os direitos desta edição reservados à Benvirá, um selo da Editora Saraiva.
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br

546.653.001.001

SOBRE O AUTOR

Premiado com o Globo de Ouro de melhor ator coadjuvante, **Chris Colfer** ficou conhecido por interpretar o personagem Kurt Hummel no seriado *Glee*. Em 2011, foi escolhido uma das cem personalidades mais influentes do mundo pela revista *Time*. Seu primeiro romance, *Terra de Histórias*, lançado pela Benvirá, foi o número 1 na lista de *best-sellers* do *New York Times*.